



Orientação

## AGRADECIMENTOS

“A pessoa, como tal, não é um mundo fechado, uma nómada que se definiria pela incomunicabilidade, mas sim *consciência colegial*, não um *eu isolado*, mas um *nós*” (Danis & Solar, 1998, p. 97).

Desta forma, assumindo a minha posição de ser social, que só me construo na relação com os outros, não podia deixar de evidenciar algumas pessoas que apoiaram todo este percurso.

Antes de mais, um obrigado muito especial às pessoas que construíram este projeto comigo (MJ., F., J., e particularmente a T., a N., e a E.) e que proporcionaram muitos momentos de reflexão e de partilha, além da forma como acreditaram sempre em mim e em todo este processo.

Ao professor Hugo Monteiro, pela forma como sempre confiou em mim, por me fazer pensar e repensar e por aceitar a minha autonomia, por vezes, desmedida.

À professora Ivaneide Mendes e ao professor Luís Rothes, por terem sido os impulsionadores da minha paixão pela Educação de Adultos.

Ao professor Rui Moreira, pela disponibilidade sempre demonstrada e por ter marcado tão positivamente o meu percurso académico, tornando-se um exemplo enquanto pessoa e profissional.

À Diana Correia, pela companhia que me fazia esquecer a pressão, pelas conversas que me levaram a refletir sobre as práticas e pela admiração sempre mencionada ao longo deste caminho.

À Rita Castro que me acolheu com muito carinho e sempre se mostrou disponível a ajudar-me.

À Joana Mouta pela paixão que partilhamos pela educação não-formal de adultos e pelos momentos de partilha que me fizeram sair sempre mais pessoa e mais profissional.

Ao meu pai e à minha mãe por tudo... Mas, principalmente, pela forma como, em todo o meu crescimento, sempre me deixaram questionar, perguntar, chatear, provocar e agir, levando a que eu não me resigne com a “normalidade” da vida e do mundo, mas que tenha uma vontade inesgotável de lutar por aquilo em que acredito, e pelo facto de terem sempre acreditado em

mim e lutado a meu lado para que eu pudesse ter mais oportunidades do que as que eles tiveram.

Ao Pista pelo apoio incondicional, pela paciência, pelo carinho, pelos sorrisos, pelo tempo que passou a meu lado enquanto eu escrevia e reescrevia e, acima de tudo, pelo amor e companheirismo mostrado ao longo destes anos.

“Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, ex-surge a comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, re-criam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.”

Paulo Freire, 2006, p. 10

“Foi um processo de recapitalização de capacidades e competências mas mais que tudo de recuperação da vontade de ser mais feliz, de lutar por nós e de exercer melhor cidadania. Criou-nos um espaço onde pudemos ser honestas, verdadeiras, abertas, onde pudemos falar de nós e das nossas preocupações, medos e fraquezas sem censura e sem receio de julgamentos.”

T. Co-construtora deste projeto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Confrontar Anexo I – Texto redigido pela T. sobre o processo vivido



## **RESUMO**

O presente relatório reflete um projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social, que assume como metodologia a Investigação Ação-Participativa, e que é desenvolvido e construído com um grupo de pessoas desempregadas.

Assim, e contando com os participantes como co-construtores de todo o processo, foi necessário elaborar uma análise e caracterização da realidade da qual surgiram alguns problemas. É com base neles que o projeto começa a ser delineado, tendo por base a educação não-formal de adultos, e recorrendo a ações e atividades para se alcançarem os objetivos definidos e, desta forma, ser possível compreender qual o impacto que ele teve na vida dos participantes.

Denominado por “Deixem que eu me (Re)Encontre”, este projeto de investigação pretendeu proporcionar momentos de desenvolvimento da autoestima, de redescoberta de capacidades e competências, e de criação de uma rede de suporte afetivo, estimulando nos participantes a apropriação de um poder de intervenção, gerador de mudança nas suas vidas, que há muito se tinha perdido.

Palavras-chave: educação de adultos, desenvolvimento, reencontro, participação



## **ABSTRACT**

This report reflects a research project under the Master in Education and Social Intervention, which takes as a methodology Participatory Action-Research, and is designed and built with a group of unemployed people.

Thus, counting the participants as co-builders in the whole process, it was necessary to develop an analysis and characterization of the reality that some problems arose. It is on this basis that the project begins to take shape, based on the non-formal adult education, and using actions and activities to achieve the defined objectives and thus be possible to understand what impact he had on the participants.

Called for “Deixem que eu me (Re)Encontre”, this research project intended to provide moments of development of self-esteem, rediscovery of skills and competencies, and the creation of a network’s emotional support, encouraging the participants to appropriate a power intervention, change generator in their lives, that much was lost.

Keywords: adult education, development, reunion, participation



## ÍNDICE

Resumo	v
Abstract	vii
Índice de Quadros	xi
Introdução	1
Parte I: Enquadramento teórico e Metodológico	3
Cap. 1 - Enquadramento Teórico	3
1. Educação e Formação de Adultos: contextualização	3
1.1. Educação e Formação: breves considerações	3
1.2. A pessoa adulta: conceções gerais	4
1.3. Educação e Formação de adultos	7
2. Os adultos e a aprendizagem	10
2.1. Os adultos são capazes de aprender?	11
2.2. A aprendizagem ao longo da vida/ educação permanente	12
2.3. A aprendizagem não formal de adultos	13
3. A Educação de Adultos como processo de emancipação	15
3.1. Participação, conscientização e <i>Empowerment</i> : processos que se relacionam e influenciam	15
3.2. Educando adultos...	18
3.3. Ameaças à participação democrática da pessoa adulta	21
3.3.1. Desemprego, trabalho precário e as questões de género	21
Cap. 2 – Enquadramento Metodológico	25
1. Investigação-Ação Participativa como Metodologia de Investigação em Educação e Intervenção Social	25
3. Investigação Qualitativa	32
Parte II: O Projeto “Deixem que eu me (Re)Encontre”	35
Cap. 1 - Caracterização e análise da realidade	35
1.O Município de Santa Maria da Feira	35
2.A Agência Local em Prol do Emprego (ALPE)	38

2.1.Os Clubes ALPE	44
3.Algumas reflexões sobre o processo de integração – da ALPE a Argoncilhe	48
3.1. Freguesia de Argoncilhe	49
3.2. Grupo de participantes	50
Cap. 2 - Realização do Projeto “Deixem que eu me (Re)Encontre”	53
1. Refletindo sobre o projeto em Educação e Intervenção Social	53
2.Avaliação do Contexto	56
3.Planificação do projeto	60
4. O Desenho de Projeto	63
5. Avaliação de Entrada	67
6. Desenvolvimento e Avaliação do Processo	71
7. Avaliação do Produto	78
Conclusão	83
Bibliografia	85
Anexos	93
Apêndices	109

## **ÍNDICE DE QUADROS**

- Quadro 1 – Tabela de problemas e necessidades
- Quadro 2 – Tabela de potencialidades e recursos
- Quadro 3 – Tabela de ações e respetiva calendarização
- Quadro 4 – Tabela de indicadores de avaliação



## INTRODUÇÃO

Este relatório resulta do projeto de investigação realizado no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos. O projeto em questão tem por base a intervenção realizado nos Clubes ALPE, uma das respostas da Agência Local em Prol do Emprego (ALPE) de Santa Maria da Feira, acabando por ser construído com participantes dos Clubes da freguesia de Argoncilhe.

Encontra-se, então, dividido em duas partes: a Parte I, que engloba o Capítulo I, no qual se desenvolve o enquadramento teórico, abordando-se temáticas consideradas pertinentes no âmbito da realidade do projeto, centrando-se essencialmente na pessoa adulta e nos processos de educação e formação relacionados com esta, e o Capítulo II que se refere ao enquadramento metodológico, refletindo-se assim sobre a metodologia apropriada para este projeto de investigação, a Investigação-Ação Participativa, e sobre aspetos como o modelo de avaliação CIPP (*context, input, process e product*) e a investigação qualitativa.

A Parte II centra-se na construção e desenvolvimento do projeto, sendo que num primeiro capítulo se explana a análise da construção da realidade e, num segundo capítulo, o foco de atenção incide sobre a construção, desenvolvimento e avaliação do projeto “Deixem que eu me (Re)Encontre”.

Neste relatório há a possibilidade de compreender que *estar em projeto* é uma constante movimentação entre reflexão, prática/ação e teoria o que, conseqüentemente, revela a necessidade constante de um olhar atento e crítico no sentido de construir e transformar a realidade, nunca descurando a dimensão educativa que deve ser encarada como “fundamental da existência humana, assumindo uma pluralidade de formas com a finalidade de comprometer todos, e cada um, numa relação dinâmica com o mundo, com os outros e consigo mesmas” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 60). Assim proporciona-se momentos reflexivos sobre o processo de aprendizagem das pessoas adultas, e sobre como este pode, e deve, desencadear um processo emancipatório e de mudança na vida das pessoas.



# **PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO**

## **CAP. 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS: CONTEXTUALIZAÇÃO**

#### **1.1. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Em termos meramente vocabulares, e tendo em conta a genérica definição do Dicionário de Língua Portuguesa (2013-2015), o termo “educação” refere-se a um processo que tem como finalidade o desenvolvimento do ser humano ao nível intelectual, moral e físico, contribuindo assim para a sua inclusão social. Define também educação como um processo de aquisição de conhecimentos e aptidões, e como a adoção de comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como corretos e adequados. Esta aceção pode levar a uma perversão da utilização deste termo no sentido em que a educação serve de justificação para a reprodução social, continuando assim a manterem-se as desigualdades com o intuito de os sujeitos terem o dever de seguir os comportamentos e atitudes que a sociedade espera deles, tal como é referido acima.

Por sua vez, o termo formação pode ser compreendido através da palavra grega *morphé* que, derivando da palavra latina *forma*, significa a ideia de uma ação de formar e dos resultados que essa terá, sendo que “Quer enquanto actividade quer enquanto resultado, a formação caminha sempre de mãos

dadas com a mudança que forma, deforma, informa, enforma, transforma todas as coisas” (Dias, 1998, p. 59).

## 1.2. A PESSOA ADULTA: CONCEÇÕES GERAIS

Investigar sobre o conceito de adulto torna-se um desafio. Isto porque, ao pesquisar sobre este, verifica-se que há uma reduzida bibliografia, quase inexistente, relativa a este conceito, o que revela uma lacuna ao nível da investigação social se tivermos em conta que a bibliografia sobre infância, adolescência, juventude e idosos é comum e existe em grande peso (Sousa, 2007).

Boutinet (2000) justifica esta situação referindo que os estudos sobre a vida adulta são escassos pelo facto dos investigadores considerarem que esta é uma questão banal, que todos conhecem relativamente bem e que sabem o que se espera que seja feito, revelando assim ser uma fase em que todas as pessoas têm certezas sobre o que deve acontecer. No entanto, cada vez mais, é necessário refletir sobre “essas possíveis certezas” em relação à fase da adultez por todas as pressões e momentos de crise a que ela tem sido exposta: “o prolongamento escolar e a necessidade de formação contínua; o crescimento de aspirações à mobilidade social; a mudança no sistema familiar e matrimonial – os novos modelos conjugais; a possibilidade de se programar e adiar o momento da procriação – que permite maior autonomia na gestão dos calendários profissionais, escolares, conjugais e de lazer; a melhoria das condições de vida – saúde e higiene - tendo o adulto a possibilidade de viver mais anos, remetendo a ideia de morte para lá de um percurso que se prolonga por uma diversidade de experiências de vida; o aumento da esperança de vida permite questionar o momento em que se deve ou pretende “assentar” e, neste caso, estabilidade pode significar não evoluir num percurso aberto a múltiplas possibilidades; as mudanças nos modos de passagem à vida profissional, os quais, cada vez mais longos, conduzem menos frequentemente e menos directamente a um emprego estável; a revolução das necessidades, o

incremento do consumo, da informação, da promoção do lazer, do “rejuvenescimento” e do hedonismo” (Teixeira, 2001, citado por Sousa, 2007, p. 58).

Torna-se, então, crucial compreender o adulto aos olhos das mudanças que têm acontecido na sociedade, percebendo de que forma estas o influenciam. A isto é ainda importante acrescentar que o conceito de adulto varia consoante o contexto e a cultura em que esteja inserido. Contudo parece ser pertinente afirmar que a ideia de que a fase adulta corresponde a uma estagnação pessoal, social e relacional é errada pois, contrariamente, é uma fase que envolve construção e desenvolvimento (Boutinet, 2000).

A UNESCO define adulto como um estatuto que é considerado pela sociedade em que este se insere, indo ao encontro das leis que estabelecem a participação política (ANEFA, 2002). Já em Portugal adulto é aquele que tem mais de 18 anos e, por isso, pode exercer o direito de voto (ANEFA, 2002). Em ambas as definições constata-se a falta de mais pormenores e características que possam auxiliar na compreensão deste conceito o que, mais uma vez, parece transmitir a ideia de que ser adulto está apenas interligado com uma determinada idade e com a apropriação de direitos e deveres distintos dos da juventude. A vida adulta é tida como a fase mais longa da vida humana, na qual surgem novas responsabilidades, conquistas e referenciais de existencialidade, pelo que deve ser entendida na sua diversidade intrínseca e extrínseca (Santos & Antunes, Vida adulta, processos motivacionais e diversidade, 2007).

Capedvila (2002) apresenta três etapas da vida adulta: a etapa de jovem adulto, que se inicia entre os 18 e os 25 anos e termina entre os 20 e os 25 anos, e onde há um acesso à vida legal, assim como se espera que haja o primeiro contacto com o mundo do trabalho, a eleição de um cônjuge (ou constituição familiar) e um cumprimento dos direitos cívicos e morais; a etapa de médio adulto, que se situa entre os 35, 40 anos e vai até aos 60 anos, na qual se prevê que o adulto obtenha uma maior produtividade intelectual e artística, a consolidação dos papéis profissionais e sociais, o alcance da auto-

realização, uma maior contribuição política e sócio-económica, havendo também um ligeiro declínio fisiológico e a possibilidade de um abandono precoce do mundo do trabalho<sup>2</sup>; e a etapa adulto tardio, que se inicia aos 60 anos e dura até à morte, na qual o adulto/idoso se depara com a diminuição de atividades sociais, assim como nos seus interesses, havendo o aparecimento de doenças e problemas de carácter crónico e um decréscimo de capacidade a nível físico e intelectual.

Levinson (1978) também divide a idade adulta em três fases: jovem adulto (dos 22 aos 40 anos), a meia idade (dos 40 aos 60 anos) e a velhice (entre os 60 e os 65 anos), defendendo que o adulto enfrenta períodos de transição que são seguidos por momentos de integração no qual este modifica a sua visão do mundo, dos outros e de si mesmo.

Por sua vez, Erikson (1976) foca-se no estudo da personalidade adulta e define três estádios que se vão relacionado “(...) sistematicamente com todos os outros e que todos eles dependem do desenvolvimento adequado na sequência própria de cada item” (Erikson, 1976, p. 93), sendo que cada uma destas fases é marcada por uma crise psicossocial que faz com que o adulto tenha de encontrar uma solução que o leve ao crescimento. O primeiro estádio refere-se à intimidade e está relacionada com a intimidade sexual, mas também com desenvolvimento de relações íntimas seja ao nível amoroso como da amizade. Caso o adulto não consiga desenvolver essa capacidade corre o risco de se isolar dos outros com receio do que a intimidade possa gerar em si e nas suas relações (Erikson, 1976). O segundo estádio corresponde à generatividade e pretende que o adulto seja capaz de se relacionar com os demais, sendo capaz de ser criativo e produtivo nas relações que tem com os outros, não sobrepondo os seus interesses aos dos outros. Não conseguindo desenvolver este tipo de relação, o adulto poderá deparar-se com a estagnação, que resultará num sentimento de tédio e de inexistente relação com as outras pessoas (Erikson, 1976). Por último, o autor refere o estádio de integridade no

---

<sup>2</sup> É importante ter em consideração que questões como a precarização do trabalho têm afetado estas etapas que são apontadas, levando a refletir sobre o panorama atual do mundo do trabalho e a forma como este tem trazido consequências para os cidadãos e, mais concretamente, para a sua emancipação.

qual o adulto, depois de ter vivido os outros estádios, não tem receio de olhar para tudo o que viveu, compreendendo que chegou a uma fase da sua vida que é inevitável. Em oposição o adulto poderá enfrentar o desespero, no sentido em que a morte o assusta e sente que não tem tempo suficiente para realizar tudo o que pretendia (Erikson, 1976).

A definição do conceito de adulto e a compreensão sobre como se pode caracterizar esta fase torna-se uma tarefa complexa e difícil visto que há diversas áreas envolvidas que tentam atribuir-lhe um significado: a psicologia, a sociologia, a área jurídica e política, a antropológica, a social... O importante é que se encare a fase adulta como um processo de desenvolvimento contínuo, no qual o adulto se depara com a necessidade constante de mostrar quem é, abrindo caminho para a autonomia e para a liberdade de escolha, sendo que a sua maturação deve ser caracterizada pela criatividade, não se deixando conformar, afirmando-se como pessoa e envolvendo-se com o mundo (Rogers, 1971).

### 1.3. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS

“A ideia de que o [ser humano] ganha em aprender toda a vida é antiga e está expressa em textos desde a Antiguidade” (Rothes, 2009, p. 111), no entanto a emergência da educação de adultos dá-se no século XIX tendo por base a formação dos sistemas escolares e o desenvolvimento dos movimentos sociais (Silva, 1990). Costurara-se, então, que o estudo da educação de adultos é recente, muito pelo facto da preocupação com a educação estar sempre relacionada com as crianças e os jovens (Danis & Solar, 1998)

A formação dos sistemas escolares surge porque, com a industrialização, as crianças já não podiam estar em contacto direto com as famílias durante o dia todo e o próprio processo educativo que dantes era feito com base na socialização deixava, por isso, de fazer sentido, sendo assim necessário apostar na construção de uma rede de instituições escolares (Silva, 1990). Já o desenvolvimento dos movimentos sociais tornam-se muito importantes, pois muito do trabalho da educação de adultos nasce destes movimentos que

resultam da iniciativa de cidadãos em questões como a luta pela educação (Silva, 1990).

Estes movimentos sociais, em concreto o movimento operário e a educação popular, aliados à tal consolidação dos sistemas de ensino que, nesta altura, se refletiam como uma educação de segunda oportunidade para os adultos, tornaram-se assim processos decisivos na evolução desta área da educação (Barros, 2013). De facto, em conjunto com esta ideia de educação de segunda oportunidade, surge também a questão da qualificação e formação profissional (associada à necessidade de reconstruir a economia e fazê-la crescer, tendo aqui uma forte função de regulação por parte do Estado), da alfabetização (muito ligada à educação popular, os processos de alfabetização pretendiam proporcionar uma maior inclusão social e profissional da população), e a ideia de educação permanente (coloca o adulto como cidadão e pessoa, envolvendo as várias áreas da construção do ser humano: pessoal, profissional, cívico) (Silva, 1990; Rothés, 2009), o que demonstra a heterogeneidade do campo da educação de adultos (Canário, Educação de adultos: um campo e uma problemática, 1999).

A expansão da educação de adultos relaciona-se com o fim da Segunda Guerra Mundial, tonando-se um assunto em destaque na Europa e no mundo, e a sua heterogeneidade, acima referida, em conjunto com a diversidade das suas práticas, sempre dificultou uma definição concreta (Barros, 2013). No entanto, atualmente, e com o desenvolvimento que tem sido sentido nos departamentos de educação de adultos em vários países, e com a intervenção da UNESCO relacionada com a educação permanente, podemos afirmar que esta apresenta quatro grandes pontos e intervenções: “a formação básica, a formação profissional e laboral, a formação para o desenvolvimento pessoal e a formação social e cívica” (Barros, 2013, p. 75).

Especificamente no caso português, “a história da educação de adultos [...] tem-se pautado por alguns avanços e muitos retrocessos, por uma descontinuidade sem fio condutor, reveladora da ausência de uma lógica político-educativa eficaz, contínua, empreendedora e integradora da natureza pluridimensional da Educação de Adultos” (Barros, 2013, p. 97).

Apesar da Iniciativa Novas Oportunidades ter revelado uma imensa adesão e de ter contribuído para a aprendizagem dos adultos, a verdade é que esta acaba por terminar por questões políticas (Barros, 2013), e Portugal continua a

revelar taxas de analfabetismo muito elevadas, aliada à situação atual que acontece no ensino regular na qual se verifica um número relativamente reduzido da abrangência de crianças e jovens (Lima, 2000). Assim, e tendo em conta os problemas atuais que Portugal atravessa (a questão de mográfica, o isolamento social, a precariedade laboral e o desemprego), há uma necessidade de reformular as políticas e a intervenção relacionada com a educação de adultos, correndo o risco de haver um retrocesso ainda maior neste âmbito e de a afirmação social se tornar praticamente inexistente (Lima, 2000).

No entanto, factores como a criação da Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA) e os movimentos organizados entre cidadãos, levam a que haja esperança no desenvolvimento da educação de adultos em Portugal, continuando assim a luta contra a analfabetização e pela promoção da participação (Barros, 2013), sendo possível verificarem-se mudanças na forma como o adulto é visto no sentido em que se atribui “à noção de adulto um significado ético, uma perspetivação no futuro, uma aproximação *permanente* de um ideal de ‘ser humano realizado’” (Melo, 1981, citado por Silva, 1990, p. 14).

Importa, aqui, que a posição face à educação de adultos se reflita na valorização desta como um processo que desenvolve uma cidadania democrática e participativa (Lima, 2000) até porque, estando o Mundo a atravessar uma crise que, para além de economia, também é de valores, é necessário que os adultos se vejam como seres capazes de refletir, intervir e gerar transformação. Além disso, a educação de adultos encontra-se relacionada com o conceito de desenvolvimento que, para além de pessoal, tem aqui uma vertente muito social e comunitária, pois este “diz respeito não só às necessidades materiais do homem, mas também à melhoria das condições sociais da sua vida e das suas amplas aspirações humanas” (Colm & Geiger, 1962, citado por Gusmão & Marques, 1978, p. 401).

Desta forma, o desenvolvimento local e comunitário permite que o adulto se reafirme como capaz de refletir sobre a sua realidade, implicando-se na sua reconstrução e melhoria, processo este que é elaborado em conjunto com os outros pois, como afirma Paulo Freire (2006, p. 58) “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, o que simboliza uma construção conjunta que resulta em aprendizagens.

É comum que se recorra com frequência à utilização destes dois termos como se fossem um, quase como se não houvesse qualquer distinção entre eles e, por outro lado, há situações em que os colocam em confronto, assumindo-os como contraditórios, o que dificulta a sua definição (Silvestre, 2011).

O processo educativo vai-se deparando com várias modificações ao longo do tempo. Até ao final da Idade Média, a família era tida como a única responsável pela educação. Depois, com o início da Modernidade, a escola substitui a família sendo que, numa primeira fase, é a Igreja que assume a responsabilidade escolar e, mais tarde, o Estado acaba por afastá-la, assumindo o controlo das escolas, das suas estruturas e conteúdos (Lima, 2002). Contudo desde cedo que a escola acabou por se revelar um espaço de reprodução das desigualdades sociais, o que origina a clivagem sociológica que assenta em três eixos: a classe social, a etnia e o género (Silva P. , 2002).

A educação deve ser vista como um fator de promoção, desenvolvimento e igualdade entre as pessoas, tonando-se fundamental na construção da liberdade humana e no respeito pelos Direitos Humanos (Serrano, 2005). Desta forma há que romper com a visão de educação bancária, onde o educador, dono do saber, transmite a sua sabedoria ao educando, que é tido como um ser desprovido de saber, e desenvolver o coseito de educação problematizadora, na qual o educador tanto educa como é educado, e o mesmo acontece ao educando, havendo espaço para o diálogo e a reflexão (Freire, 2006).

“O eixo educação-formação, assenta numa interação comunicadora que advém da sociedade e que se traduz numa intermultitranscomplementaridade e intermultitranspenetralidade que torna particamente impossível delimitar espaços e tempos quem para uma quer para outra” (Silvestre, 2011, p. 73).

## **2.OS ADULTOS E A APRENDIZAGEM**

“A preferência terminológica da Aprendizagem de Adultos, em detrimento da Educação de Adultos, resulta da importância atribuída ao desenvolvimento

peçoal com implicações para o desenvolvimento do meio” (Pires, 2005, citado por Barros, 2013, p. 51), o que leva a que aprendizagem e desenvolvimento sejam dois termos que se relacionam. Ferreira (2004) defende que o desenvolvimento acarreta transformação, assim como a aprendizagem, o que, relacionando com os adultos, poderá proporcionar uma libertação emancipatória, que apoia a renovação das suas potencialidades. Além disso a ideia de “educação para todos” associa-se à luta por uma sociedade mais justa e equalitária, levando assim à necessidade de questionar e repensar a educação como um processo destinado apenas a uma fase inicial da vida (Carvalho & Baptista, 2004, p. 61).

## 2.1. OS ADULTOS SÃO CAPAZES DE APRENDER?

Quando nos referimos à aprendizagem por parte dos adultos parece existir sempre dúvidas em relação à capacidade dos adultos aprenderem. De facto há na sociedade um conjunto de mitos e ideias pré-concebidas que tornam difícil a desconstrução deste preconceito: “Burro velho não aprende línguas”, ou mesmo “Burro velho, mais vale matá-lo do que ensiná-lo”.

Até ao início dos anos 50, os estudos revelavam que havia uma deterioração intelectual na fase adulta mas, mais tarde, encontraram-se algumas discrepâncias pois não havia um consenso, por exemplo, em relação à idade em que começavam as perdas intelectuais (Vandenplas-Holper, 2000). Sabe-se que, com o avançar da idade, a inteligência fluída (relacionada com a memória, a atenção, a capacidade de raciocínio e resposta) diminui e a inteligência cristalizada aumenta (relacionada com a resolução de problemas quotidianos, com tarefas familiares e com o conhecimento que se acumula ao longo da vida) (Vandenplas-Holper, 2000) revelando assim que, apesar de perdas, o adulto também tem ganhos. Como é óbvio há fatores relacionados com o envelhecimento que influenciam o declínio: o fator orgânico (deparado com uma doença, por exemplo, há um maior declínio intelectual), a velocidade no processamento da informação (forma como a informação é guardada), o fator social e a personalidade (estes últimos relacionam-se com a vontade do

adulto, as relações que tem, como ocupa os tempos livres e a própria motivação e autoconceito) (Vandenplas-Holper, 2000), mas isso não afirma nenhum tipo de incapacidade de aprendizagem por parte do adulto.

A certeza é de que a aprendizagem nos adultos processa-se de forma diferente do que nas crianças ou jovens pois há um conjunto de características e fatores que levam os adultos a quererem aprender, ao passo que nas crianças e jovens há um sentido de obrigatoriedade. Assim é importante ter em conta que os adultos sentem necessidade de aprender quando essas aprendizagens são tidas como significativas para os papéis que desempenham socialmente ou para a experiência de vida com que se estão a deparar (Sherow, 2006).

## 2.2. A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA/ EDUCAÇÃO PERMANENTE

É de compreender então que quando se fala em aprendizagem de adultos esta comporta uma dimensão que não se define temporalmente, dando assim a oportunidade de ser possível aprender em qualquer fase da vida, em qualquer momento ou contexto.

A aprendizagem ao longo da vida é tida como uma condição indispensável para que o ser humano desenvolva o seu bem-estar, e para que se proporcione a integração social (Barros R. , 2013).

A educação permanente relaciona-se com o princípio da educação para todos, transmitindo a noção de um processo contínuo no tempo (Barros R. , 2013). Este conceito é apontado como redundante por autores como Paulo Freire pois consideram que a educação por si só é uma prática da liberdade e subentende uma permanência (Barros R. , 2013). Esta tem como objetivo maior ser uma ferramenta que impulse a melhoria da qualidade de vida, visando a emancipação, a autonomia e responsabilidade (Silvestre, 2003). A educação permanente deve ser vista como “um princípio integrador e organizador de toda a educação, estando vinculado ao direito a aprender de forma personalizada” (Martínez, 2002, citado por Barros, 2013, p. 24).

Mas ambas as designações têm sofrido com as mudanças políticas retirando-lhes, sobretudo, o caráter emancipatório e de aprendizagem em qualquer contexto, e apostando neles como processos de qualificação das pessoas, ao passo que “não sendo favorável à filosofia um tanto utópica e idealista dos primeiros paradigmas de aprendizagem ao longo da vida e, no entanto, propício a programas de formação ao longo da vida simplesmente ligados ao trabalho e ao emprego” (Siteo, 2006, pp. 288-289), ou pura e simples “formação profissional” (Canário, 2015, pp. 6-7). Isto leva a que seja necessário voltar a trazer o sujeito para o centro da discussão, não transformando estes processos em estratégias capitalistas, mas dando a oportunidade do adulto aprender a conhecer, a fazer, a viver em comunidade e a ser (Barros R. , 2013).

Em suma, tal como afirma Ortega Esteban (1999, p. 15), “La educación siempre ha sido «a lo largo de la vida», es decir, todo ser humano desde que nace hasta que muere se ha ido formando como individuo que vive en grupo y en comunidad para desarrollarse como persona y participaren la vida de la comunidad de la que forma parte”. E, atualmente, os conceitos de educação permanente e de educação ao longo da vida tornam-se, cada vez mais, necessários por vivermos numa sociedade que se encontra em constante mudança, levando a que as pessoas tenham de responder rapidamente a esses novos estímulos para se poderem adaptar (Ortega Esteban, 1999).

### 2.3. A APRENDIZAGEM NÃO FORMAL DE ADULTOS

Tanto a educação permanente como a aprendizagem ao longo da vida são conceitos que podem remeter para um espaço de educação formal, mas também para a educação não-formal, sendo que esta assume um papel importante na educação de adultos.

A educação não-formal não tem uma definição única pela complexidade de espaços e intervenções que comporta, mas pode ser tida como uma aprendizagem que é feita socialmente, e que se centra na relação educador/educando pois há uma motivação intrínseca e até voluntária por

parte de quem quer participar (Pinto, 2005). Há, assim, uma relação que não é marcada pela hierarquização entre educador e educando, sendo que muitas vezes os papéis se misturam, e proporciona-se a aprendizagem em espaços de cultura privilegiados, podendo ser entendida como “aquela em que se aprende via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas carregadas de valores e culturas próprias; o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos; os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, ou seja, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais, guiado à luz das diretrizes de dados grupo” (Gohn, 2006, Barros & Santos, s/d, p. 5/6).

A educação não-formal não deve ser olhada como o contrário da educação formal pois até nas escolas (onde há uma maior ligação à educação formal) podem existir práticas relativas à educação não-formal, demonstrando que estas não devem ser assumidas como opostas, podendo até complementar-se. Esta, pelas suas características, é um meio de promoção de desenvolvimento pessoal, social e comunitário, e da própria participação e cidadania (Gohn, 2014). Esta tem, então, o “seu próprio espaço-formar cidadão, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião, etc., para o mundo da vida. Ela tem condições de unir cultura e política” (Gohn, 2014, p. 42), revelando-se inclusiva e capaz de se adaptar aos conteúdos de aprendizagem que o grupo possa trazer e aos espaços onde possa acontecer (Afonso, 1994).

Assim, e devido às características que apresenta, a educação não-formal encontra-se fortemente associada à educação social, e revela-se em âmbitos de intervenção como a educação permanente, a formação laboral e profissional, a educação para a ocupação de tempos livres, a animação sociocultural e desenvolvimento comunitário, a educação especializada e a educação cívico-social (Caride, 2003), sendo importante referir que não é pela complexidade e heterogeneidade da educação não-formal que esta deve ser posta em causa porque exige o mesmo rigor e seriedade de atuação que a educação formal (Sarramona, 1992). Em todos estes âmbitos verifica-se uma ligação com a educação de adultos podendo-se evidenciar até a questão do associativismo e da democracia (visto que em muitas destes âmbitos as pessoas unem-se com

um propósito comum, autogerindo-se e organizando-se no sentido de lutarem por algo em que acreditam) que, muitas vezes, resultam em novas lutas sociais (Afonso, 1994), revelando que este processo abre portas à emancipação e ao envolvimento social do adulto.

### **3.A EDUCAÇÃO DE ADULTOS COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO**

Por tudo o que já foi sendo referido é possível constatar que a educação de adultos pode, e deve, ser vista como um processo emancipatório, que proporciona ao adulto a oportunidade de ser mais tendo em conta que a educação comporta uma dimensão de reflexão que leva à ação e que, por sua vez, leva à transformação pois, com afirma Paulo Freire (1997, p. 10) “As respostas do [ser humano] aos desafios do mundo, através das quais vai modificando esse mundo, impregnando-o com o seu “espírito”, mais do que um puro fazer, são atos que contêm inseparavelmente ação e reflexão”.

#### **3.1. PARTICIPAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO E *EMPOWERMENT*: PROCESSOS QUE SE RELACIONAM E INFLUENCIAM**

“Nem meros recursos, nem meros beneficiários, os indivíduos são reconhecidos como autores do seu próprio destino e, como tal, protagonistas privilegiados de um viver em comum. Trata-se, pois, de promover as suas competências de autonomia e de participação...” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 52).

A participação pode ser definida como “uma acção social que consiste em intervir activamente nas decisões e nas acções relacionadas com a planificação, a actuação e a avaliação da actividade que se desenvolve” (Guerra, 2002, p.

10), sendo que proporciona um envolvimento do sujeito ou do grupo em processos ao nível comunitário, cívico e político, admitindo que a vontade de participar depende do sentimento de compromisso e responsabilidade por aquilo que possa estar em questão (Delgado, 2006), daí que na educação de adultos haja uma necessidade de ir ao encontro do que os adultos querem fazer para que assim se sintam envolvidos, comprometidos e incitados a participar. Havendo uma promoção de vínculos de pertença e interesse, as pessoas sentem-se mais implicadas e motivadas a participar (Santos, 2007).

No entanto há muitas dificuldades em participar por parte das pessoas em situação de exclusão social e das que têm menos poder, o que resulta na reprodução dos valores dominantes. Por isso é necessário, e urgente, que se desenvolva o processo de participação com as pessoas explicando-lhes e dando-lhes a conhecer como o podem fazer: primeiro é preciso que se aceda à informação (as pessoas precisam de ter acesso à informação para poderem decidir de forma consciente), depois os adultos devem aprender as competências de que precisam para participar (os adultos devem ser capazes de pensar nas várias opções de que dispõem, transmitir as suas opiniões e ouvir o que os outros têm a dizer, e conseguir tomar decisões em grupo), em seguida há que haver tempo e preparação e locais, estruturas ou espaços que proporcione a participação (é preciso tempo para refletir e dialogar, para que as pessoas não se deixem manipular, ao mesmo tempo que se não houver espaços para construir o processo participativo, este acaba por se tornar apenas um conceito sem ação), numa fase posterior, os processos de partilha são indispensáveis (proporciona uma interação grupal) e, por fim, há que avaliar dos resultados, ou seja, refletir sobre todo o processo vivido (esta reflexão permite que haja aprendizagem no sentido de compreender o que não correu como esperado e porquê, preparando o adulto para voltar a participar) (Delgado, 2006).

O modelo CLEAR vem corroborar tudo o que foi referido acima, apontando cinco condições necessárias à participação dos sujeitos:

- Can (poder) – as pessoas têm de poder participar, ou seja, tal como foi acima referido, têm de ter conhecimentos, capacidades e recursos para o poderem fazer;
- Like (gostar) – para participarem os adultos têm de gostar, ou seja, de sentirem que pertencem a algo e que se identificam;

- *Enable* (permitir) – há que se proporcionar oportunidade que permitam que as pessoas participem, o que muitas vezes se traduz em mecanismos que facilitem/potenciem a participação;
- *Asked* (perguntar) – é necessário encontrar estratégias que estimulem a participação, encorajando as pessoas a fazê-lo;
- *Responded* (responder) – ter feedback é uma das condições mais importantes porque havendo transparência na explicação das tomadas de decisão as pessoas compreendem que foram ouvidas e têm mais vontade em participar (LR-DP, 2008).

“Todos os membros de uma sociedade devem ter a oportunidade de exercer o direito e a responsabilidade de participar nos assuntos da comunidade em que vivem, envolvendo-se activamente na resolução dos seus próprios problemas” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 53), sendo que o envolvimento e participação efetivos se relaciona com o processo de conscientização, visto que podemos considerar que os sujeitos “desenvolvem a sua conscientização através dos papéis significativos que assumem” (Santos, 2007, p. 256).

O processo de conscientização consiste no desenvolvimento de uma reflexão crítica que é acompanhada pela ação, havendo assim uma prática de luta pela liberdade (Humbert, 1977). O adulto encara a educação como um processo problematizador, percebendo que tem influência no mundo e que pode agir, gerando mudança pois, “a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” (Freire, 1980, p. 25).

É nesta consciência do mundo aliada à intervenção que o adulto se desenvolve como sujeito autónomo, não se submetendo a regras e leis de forma passiva, mas atuando sobre elas, o que demonstra que autonomia e liberdade estão relacionadas, sendo que o sujeito se apropria de conceitos como responsabilidade e cidadania (Webber, 2011), podendo esta última ser encarada como a capacidade dos seres humanos decidirem e agirem de forma responsável face ao mundo e àquilo que pretendem transformar (Carvalho & Baptista, 2004).

Na tomada de consciência da realidade e na ação sobre a mesma é possível verificar uma tomada de poder por parte do adulto, um poder que, provavelmente, ele não considerava ter, desenvolvendo-se, assim, o *empowerment* (Webber, 2011). Este proporciona a associação entre poder e

escolha, pois resulta de um processo de emancipação em que o adulto reflexivo compreende que tem poder sobre a realidade, podendo assim escolher e optar, não se cingindo ao que os outros querem que ele seja, traduzindo o empowerment como “uma atividade reflexiva, um processo suscetível de ser iniciado e mantido por aqueles que pedem poder ou que reivindicam a autodeterminação” (Webber, 2011, p. 186), sendo que este pode desenvolver-se ao nível micro (a revelação e desenvolvimento do potencial individual) e macro (a intervenção ao nível político e social), apesar de ambos se relacionarem e terem efeitos um no outro (Webber, 2011).

Compreende-se, então, que proporcionar um ambiente favorável à participação leva a que o adulto se desenvolva enquanto ser reflexivo, crítico e interventivo, o que desencadeia uma transformação não só dele próprio mas da realidade em que ele se insere, pois a pessoa apropria-se de um “poder saber: saber ser, saber estar, saber fazer, saber aprender e saber desaprender” (Silvestre, 2011, p. 129).

### 3.2. EDUCANDO ADULTOS...

O educador de adultos assume, então, um papel preponderante pois cabe-lhe proporcionar momentos que levem à aprendizagem e ao desenvolvimento dos vários conceitos que foram já sendo referidos (participação, conscientização, *empowerment*, cidadania, aprendizagem ao longo da vida).

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente de faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p. 58), demonstrando que o educador necessita de uma constante reflexão sobre as suas práticas para que possa melhorar cada vez mais.

Como foi sendo possível verificar, a educação de adultos é um processo com particularidades distintas da educação de crianças ou jovens pelo facto do adulto ter também certas especificidades que devem ser tidas em conta. Assim, um dos primeiros erros a evitar pelo educador de adultos é tratar o adulto como uma criança: como ainda existe uma associação muito presente entre

educação e crianças ainda se comete muito erro de infantilizar o adulto, esquecendo por que este já traz consigo experiências e vivências muito significativas para o processo em questão (Norbeck, 1978). Outros dos erros comuns é partir do princípio que os adultos não sentem qualquer necessidade de aprender: o que acontece frequentemente é que políticos e educadores planeiam toda a educação do adulto, olhando-o como um mero depositário e esquecendo-se de envolvê-lo em todo o processo pois as aprendizagens têm de ter significado para o adulto, no sentido em que ele deve identificar-se e sentir-se envolvido (Norbeck, 1978). O terceiro erro prende-se com o facto de o educador não conhecer os adultos, ou seja, não haver o interesse de saber quem são esses adultos, quais as suas idades, profissões, religiões, origem cultural. O que é preferível é que haja momentos de partilha mútuos para uma coesão grupal e para o hétero-conhecimento pois conhecendo os adultos mais facilmente é possível o educador ir ao encontro do que ele deseja aprender e fomentar a motivação em participar (Norbeck, 1978).

Nogueira (1996) aponta seis pilares em relação aos quais o educador de adultos deve dar especial atenção: o pilar globalizador – o adulto deve ser tido como um todo, havendo por isso a necessidade de conhecê-lo, como se refere acima; o pilar ativo – o processo em que o adulto se envolve deve proporcionar-lhe momentos de ação-reflexão-ação para que se torne um sujeito ativo socialmente; o pilar indutivo – o processo educativo deve apoiar o adulto no treino da abstração, propriedade que se vai deteriorando com o tempo, partindo sempre das origens socioeconómicas do mesmo; o pilar participativo – o educador deve deixar-se assumir o papel de educando, e levar a que os supostos educandos assumam o papel de educador, desenvolvendo assim a autoestima do adulto e uma relação baseada na participação e troca de saberes mútuos (“o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (Freire, 2006, p. 79)); o pilar grupal – o grupo torna-se um elemento importante na aprendizagem do adulto, pois construindo um sentimento de pertença e a criação de redes, proporciona-se também o desenvolvimento pessoal e da relação com os outros; e o pilar flexível - o educador não deve assumir uma postura rígida, estando aberto ao que os adultos possam propor, sendo capaz de responder aos desafios.

O educador de adultos deve, pois, assumir que o adulto é um ser com experiência e consciência, desenvolvendo estes aspetos como positivos e potenciadores de novas aprendizagens, ao mesmo tempo que deve fomentar processos de interpretação, análise e crítica da realidade, fazendo do processo de aprendizagem um catalisador para a autonomia e a criatividade (Rivilla, et al., 1995). Estes são aspetos centrais na aprendizagem dos adultos, sendo que cabe ao educador desenvolver o processo educativo tendo por base a trilogia básica desta: a memória (a memória fluente deve ser trabalhada a partir da cristalizada), a experiência (a “bagagem” trazida por cada adulto deve ser um fator aproveitado no processo educativo) e a motivação (nos adultos a motivação costumam ter um carácter mais intrínseco do que extrínseco) (Danis & Solar, 1998).

Entre o educador de adulto e o educador social é possível encontrar pontos comuns, o que faz com que a educação permanente e a aprendizagem ao longo da vida sejam âmbitos de intervenção deste último. Assim, na intervenção com adultos, o educador social deve proporcionar com as pessoas a construção de uma visão crítica sobre as suas vidas e a realidade que as rodeia, visão esta que deve fazer-se acompanhar da ação para a transformação, desenvolvendo consequentemente a autonomia, a participação, a responsabilidade social e a reflexividade (Baptista, 2001), quase que podendo assumir-se também como um educador de adultos. “A Educação Social será a ação educativa com vista à capacitação dos sujeitos, dos grupos e das comunidades para uma integração social consciente. “Educar” para a participação social implica intervir e provocar mudanças a nível pessoal, interpessoal e nos diferentes sistemas onde o sujeito se move” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 15), propósitos a que a educação de adultos também se propõe.

No fundo o importante é que ambas promovam uma educação que socialize e uma sociedade que eduque (Ortega Esteban, 1999), proporcionado aos adultos um encontro reflexivo com o mundo, até porque a visão aqui defendida é a de que “Toda a relação com o outro é, pois, potencialmente educativa e desenvolvimento; quando, *a fortiori*, a relação é social e institucionalmente reconhecida como *educativa*” (Danis & Solar, 1998, p. 98)

### 3.3. AMEAÇAS À PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA DA PESSOA ADULTA

“A conjugação e o reforço destas tendências [instabilidade das família, aumento da precariedade e desemprego], num contexto em que o Estado é pressionado para reduzir os custos com a protecção social, conduzem a um aumento do risco de pobreza e a um reforço das desigualdades sociais” (Góis, 2012, p. 32). De facto, a situação atual vivida tanto em Portugal como a nível mundial tem levado a que, cada vez mais, seja perceptível a existência de ameaças à subsistência das pessoas o que, conseqüentemente, coloca também em causa a forma como estas encaram a importância de participar na sociedade.

#### 3.3.1. Desemprego, trabalho precário e as questões de género

“O desemprego e o trabalho precário, presentes numa sociedade salarial e consumista, geram, por seu turno, conflitos a que a falência do chamado Estado-providência não permite dar uma resposta expedita” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 24) que, conseqüentemente, proporciona o aparecimento dos chamados “novos pobres”, desequilibrando mais um pouco a balança das desigualdades sociais e abrindo assim caminho para a exclusão (Robertis, 2011).

Verifica-se que, para além das desigualdades já existentes e conhecidas ao nível laboral, tais como as questões de género, a autonomia na realização do trabalho, a possibilidade de progressão na carreira, acrescenta-se agora a questão dos “assalariados da precariedade” (Paugam, 2000, citado por Oliveira & Carvalho, 2010) que “tendo um trabalho precário, não são reconhecidos profissionalmente, são excluídos da formação profissional, têm salários relativos mais baixos, uma falsa autonomia, uma ausência de estatuto, e não têm carreira profissional nem condições para formular um projecto de

futuro para a vida” (Oliveira & Carvalho, 2010, p. 191), gerando assim uma situação de incerteza e insegurança que se reflete de forma negativa no dia-a-dia e nas relações com os outros (Clavel, 2012).

Apesar da questão da precariedade afetar todas as faixas etárias, os jovens são, sem dúvida, os mais afetados, havendo uma tendência para que o trabalho precário aumente (Oliveira & Carvalho, 2010), havendo mesmo quem considere o “precariado” uma nova classe social (Standing, 2014).

Confronta-se, assim, uma realidade que caminha para o aumento da pobreza e da exclusão social, até porque a sociedade portuguesa reúne um conjunto de características que proporcionam o desenvolvimento da pobreza: há diferenças muito acentuadas na qualidade de vida entre classes sociais, um “dualismo económico” que se caracteriza pela tensão entre as situações de lucro e o desemprego, uma participação social que é praticamente inexistente e a dominância de valores que preconizam as desigualdades sociais (Carmo, 2007, p. 133).

O desemprego relaciona-se com a exclusão no sentido em que coloca em causa uma vida digna e, dessa forma, impede também o adulto de poder exercer alguns dos seus direitos, o que o coloca em situação de alienação face ao que se passa pois a sua principal preocupação foca-se na situação em que se encontra (Carmo, 2007).

Ainda hoje as mulheres continuam a pertencer às categorias sociais que mais estão vulneráveis à pobreza e à exclusão social (Rodrigues, Sampaio, Ferreira, Mendes, & Januário, 1999; Almeida, 1995).

Até aos anos 60, a mulher era vista apenas como a dona de casa, como a tarefa de cuidar dos filhos e da casa. Já o homem era o chefe de família que tinha a seu cargo mulher e filhos podendo, por isso, recorrer a qualquer tipo de punição para impor as regras e o respeito (Mattoso, 2011). De facto, só nos anos 60 é que se deram os primeiros passos pela luta na igualdade entre homens e mulheres, sendo que a revolução do 25 de Abril de 1974 acaba por promover uma visão de família igualitária e democrática, onde homem e mulher deveriam ser vistos como detentores dos mesmos direitos e deveres (Mattoso, 2011).

Engane-se, porém, quem possa achar que hoje a igualdade de género é um tema consensual até porque o tempo que a sociedade ocidental demorou a reconhecer as mulheres como cidadãs acaba por ter consequências ainda

sentidas (Danis & Solar, 1998). Assim, no que se relaciona às questões de gênero, é necessário que haja a aproximação de “uma noção de cidadania vinculada à experiência concreta das pessoas, aberta às diferenças [que] só pode ser captada a partir de uma maior complexificação do seu significado [e que deve ter em atenção a questão] de classe, mas também de gênero” (Freitas, 2000, p. 218). Isto porque, apesar da vida profissional das mulheres já não ser propriamente uma dimensão nova, a verdade é aquilo que é idealizado face à mulher ainda se relaciona fortemente com o papel de cuidadoras dos filhos e de donas de casa (Danis & Solar, 1998).

A somar a estas ideias, a mulher continua a ser alvo constante de vários tipos de violência e discriminação que colocam em causa a sua identidade e causam o medo de reagir (Freitas, 2014), o que dificulta “a emergência do Sujeito-Mulher” que problematiza a sua condição e abre caminho para a mudança (Helena & Koning, 2006).

“O contexto de discriminação a respeito das mulheres faz com que elas tenham de lutar contra ideias preconcebidas sobre a feminilidade e a vida das mulheres” (Danis & Solar, 1998, p. 132), o que numa sociedade construída com fortes raízes machistas se revela uma tarefa árdua e constante pois coloca em causa a mulher enquanto ser capaz, enquanto pessoa e, até, enquanto envolvida nos processos educativos, políticos e sociais (Danis & Solar, 1998).

Em suma é possível verificar que ainda há questões a serem refletidas para que se possa transformar a realidade e fazer da educação de adultos um processo emancipatório que abrange todas as pessoas.



## **CAP. 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

### **1. INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA COMO METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL**

Ao enveredar por um processo de investigação, o investigador encontra a necessidade de optar por uma metodologia, sendo que esta irá ajudar a definir todos os passos dados, desde os métodos às estratégias utilizadas. Esta opção metodológica encontra-se nitidamente relacionada com o paradigma em que o investigador se posiciona, e por isso, será a representação da forma como este também se posiciona no mundo, como o olha e compreende e, conseqüentemente, como investiga (Rincón, Beltrán, Agustín, & Martín, 1995).

Tendo em conta que se espera que um projeto de caráter social tenha como finalidade a transformação da sociedade, olhando as suas necessidades de forma a melhorá-la (Serrano, 2008), é pertinente que o investigador de um projeto em educação e intervenção social se posicione num paradigma sócio-crítico, no sentido em que este alerta para uma constante reflexão crítica ao longo do processo de conhecimento científico (Arnal, Rincón, & Latorre, 1992), e tem como desígnio a transformação da estrutura das relações sociais.

O paradigma sócio-crítico surge nos anos 90 no sentido de haver a possibilidade da realidade ser olhada de outra maneira para além dos paradigmas já existentes na investigação qualitativa: o hipotético-dedutivo e o fenomenológico-interpretativo (Amado, 2013). De facto, “A mudança de paradigmas não deve considerar-se uma situação estranha; consiste num processo natural na história das ciências, na medida em que outros problemas se lhe vão colocando e os referenciais teóricos e práticos existentes deixam de

dar a resposta, considerada pertinente e necessária, às exigências de ‘um mundo inconstante’ (Amado, 2013, p. 50).

Já Karl Marx defendia esta necessidade de olhar o mundo de forma crítica e reflexiva quando escreveu o texto “Teses sobre Feuerbach”, publicado em 1840, sendo que foi com base neste, que foi retomado por vários filósofos alguns anos depois, designados por Escola de Frankfurt, que a pertinência do paradigma sócio-crítico foi pensada (Amado, 2013). Até então, Marx defendia que “(...) os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de maneiras diferentes; o que importa, porém, é transformá-lo” (Marx, 1971, p. 168).

Este paradigma tem como princípios o conhecimento e a compreensão da realidade como *práxis*, a união entre teoria e prática, o conhecimento como orientação para a emancipação e libertação dos sujeitos e a implicação do investigador através de uma autorreflexão permanente (Popkewitz, 1988), propondo-se a transformar as práticas educativas e os processos de intervenção, e a emancipar os sujeitos envolvidos de maneira a que estes rompam com a submissão, desenvolvendo capacidades e encontrando recursos que os apoiem na reflexão e ação (Carr & Kemmis, 1988).

É tendo por base as características do paradigma sócio-crítico que a Investigação-Ação Participativa (IAP) se torna como a metodologia eleita para suportar o projeto de educação e intervenção social, que será apresentado ao longo do presente relatório, muito em parte pelas orientações que a caracterizam, sendo elas a “... do compromisso moral e político com a democracia participativa, (...) a necessidade de empowerment, de desenvolvimento de todos os cidadãos, [e o] enfraquecimento entre concepção e a execução” (Lima R. , 2003, p. 310).

A IAP é, então, uma metodologia de investigação que privilegia as relações entre ação-reflexão e teoria-prática, optando por uma intervenção participada por todos os sujeitos envolvidos, com o intuito de serem proporcionados momentos em que eles possam refletir e construir possíveis soluções face a problemas sentidos, “(...) para que as pessoas individuais e as suas comunidades possam florescer” (Reason & Bradbury, 2000, citado por Lima, 2003, p. 317). Desta forma, “(...) não constitui tanto uma técnica de recolha da informação quanto uma nova aproximação da investigação, sendo uma modalidade que torna o actor investigador, e vice-versa, e que conduz a ação para considerações de investigação. O seu ponto de partida é particular, já que

fundamenta a sua dinâmica sobre a acção, e considera os actores não como objectos passivos de investigação, mas como sujeitos participantes” (Guerra I. , 2002), demonstrando que é necessário um envolvimento constante dos sujeitos que participam e do próprio investigador que assume não apenas um papel de observador, mas também de participante.

Segundo Ernest Stringer (1996) a utilização da IAP envolve uma dinâmica que se caracteriza por três palavras: observar (refere-se à recolha de informações que sejam relevantes e à descrição da situação que está a ser analisada), pensar (refere-se à exploração, análise e interpretação da situação em questão) e atuar (refere-se à elaboração de um plano de intervenção, não esquecendo a necessidade de pensar na avaliação), ao mesmo tempo que se pauta por quatro princípios básicos: princípio das relações, princípio da comunicação efetiva, princípio da participação e princípio da inclusão. O primeiro incide sobre a promoção de relações de cooperação entre os sujeitos que participam no processo; o segundo enaltece a importância de promover técnicas de escuta ativa, de forma a que os sujeitos escutem a opinião dos outros e não produzam juízos de valor, ao mesmo tempo que sejam capazes de transmitir mensagens que sejam compreendidas por todos; o terceiro apresenta que a participação da comunidade deve ser voluntária, ao passo que o investigador também deve ser capaz de motivá-la; e o quarto princípio enaltece a importância de incluir os indivíduos em todo o processo, proporcionado sempre o diálogo e a cooperação (Stringer, 1996).

A Investigação-Ação Participativa assume-se assim como um tipo de investigação com uma forte componente prática que pretende olhar os problemas reais e gerar transformação (Coutinho, et al., 2009) sendo que podemos apontar como característica principais o facto de ser:

- participativa e colaborativa – envolve todos intervenientes no processo, tornando-os co-construtores. Além disso, como já foi sendo referido, o investigador não observa apenas externamente, mas também se envolve e participa (Zubert-Skerrit, 1992);
- Prática e interventiva – para além de descrever e analisar a realidade, também intervém na mesma, sempre com o intuito de gerar mudança (Coutinho, 2005);
- Cíclica – a investigação leva a que, através das descobertas feitas, a mudança seja pensada e, assim, são construídos projetos de

intervenção acompanhados de uma avaliação constante. Todo este processo tem sempre presente uma relação entre teoria e prática (Cortesão, 1998);

- Crítica – a comunidade envolvida no projeto leva a que cada um dos seus elementos de torne um agente de mudança, com pensamento crítico em relação a tudo o que possa estar a restringir a mudança e também autocrítico, sendo que há uma mudança neles mesmos ao longo do processo e do próprio ambiente (Zubert-Skerrit, 1992);
- Auto-avaliativa – “porque as modificações são continuamente avaliadas, numa perspectiva de adaptabilidade e de produção e novos conhecimentos” (Coutinho, et al., 2009, p. 363).

Tal como qualquer outro tipo de investigação, a IAP também é suportada por técnicas de recolha de informação que irão auxiliar todo o percurso realizado. Segundo Latorre (2003), as técnicas da IAP podem ser divididas em três categorias: técnicas baseadas na observação, técnicas baseadas na conversação e análise documental.

Em relação à observação esta deve ser acompanhada por uma adequada participação do investigador – observação participante – para que não as pessoas não sintam estranheza ou inibição em relação a este (Martins, 1996). Quando se refere uma ‘adequada participação’ isso significa que a intensidade da participação do investigador varia ao longo de todo o processo, consoante o momento em que se encontra (Ludke & André, 1986). Tal como a IAP, que proporciona um envolvimento constante do investigador, a observação participante também necessita desse fator para que este tenha acesso a uma compreensão das pessoas que através de outro tipo de estratégias não seria tão fácil de alcançar (Malinowski, 1978).

No que diz respeito às técnicas baseadas em conversação, estas transportam sempre uma intencionalidade inerente pelo facto de haver sempre algo que é necessário saber ou alcançar. Assim, as conversas ajudam a que haja a possibilidade de compreender e conhecer os significados das pessoas, assim como as relações que mantêm, os conflitos que existem, os problemas sentidos e o que pensam e como se posicionam face a determinados assuntos (Peretz, 2000).

A análise documental possibilita a confrontação entre o que é observado e trazido pelos sujeitos, seja através de conversas ou de entrevistas, com os

documentos institucionais existentes (Quivy & Campenhoudt, 1998), proporcionado ao investigador uma análise mais completa e reflexiva.

Ainda assim, a IAP tem sido alvo de várias discussões e debates pelo facto de ter características que, segundo autores como Simões (1990) e Estrela (2005), podem colocar em causa a sua validação, como é o facto do envolvimento do investigador que pode tornar-se em demasia (não conseguir obter a distância ótima) e, por isso, distorcer as informações obtidas ao longo do processo, ou colocar em causa a própria avaliação e reflexão que é exigida. No entanto, esta discussão “(...) tem-se revelado um importante pretexto para se refletir sobre outros aspetos, tais como o lugar e a importância da investigação social para a melhoria das formas de vida de pessoas, grupos e comunidades, as relações entre ciência social, política e ética, as relações entre a teoria e a prática (...)” (Amado, 2013, p. 197) e, desta forma, refletir sobre como é feita a investigação em ciências sociais e qual o propósito que esta deve ter, abrindo portas para uma melhoria constante da Investigação-Ação Participativa enquanto metodologia.

## **2. AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL – O MODELO CIPP**

Aquando da construção e desenvolvimento de um projeto é necessário que se assuma, também, um posicionamento face à forma como se pretende avaliar.

“A avaliação nasce de uma tradição positivista na investigação educativa, por isso nos seus começos e ainda hoje em alguns lugares se confunde com a investigação, apesar da distinção feita de que a investigação existe para provar (“*to prove*”) e a avaliação existe para melhorar (“*to improve*”).” (Serrano, *Elaboração de projetos sociais - Casos práticos*, 2008, p. 81).

De facto, e como já verificámos acima (confrontar com 1. Investigação-Ação Participativa como Metodologia de Investigação em Educação e Intervenção Social), se um projeto com o intuito educacional e de intervenção social se

propõe a gerar mudança então é pertinente que a avaliação seja olhada como uma forma de melhorar, cada vez mais, a intervenção.

No entanto, o conceito de avaliação tem-se revelado muito subjetivo e, tal como refere Ander-Egg (1984), o uso deste termo pode ser utilizado em vários âmbitos, tendo um sentido amplo e genérico, que acaba por ter como finalidade a emissão de um juízo, de uma ponderação relativos ao processo. Assim, através da avaliação há a atribuição de um determinado valor, valoriza-se algo (Ventosa, 2002).

Espinoza (1986) defende que a avaliação consiste numa comparação entre o que foi alcançado e o que se esperava alcançar, o que implica que haja uma situação prevista que foi definida previamente, uma situação real que é olhada num determinado momento e que nos proporciona a possibilidade de comparar as situações perceber se o que caracteriza a situação real era o que se esperava ou se esta situação apresenta resultados diferentes dos esperado e o porquê disso ter acontecido. Esta definição de avaliação pode ser enquadrada nos projetos de educação e intervenção social pois é necessário criar objetivos e indicadores de avaliação que, mais tarde, serão comparados com os resultados que forem obtidos. Contudo isto não significa que a avaliação deve ser realizada apenas num momento final.

É neste sentido que Stufflebeam e Shinkfield (1995) pensaram e desenvolveram o modelo CIPP (*Context, Input, Process e Product*), um modelo de avaliação proporciona ao investigador quatro momentos de avaliação: avaliação do contexto, avaliação de entrada, avaliação de produto e avaliação de processo que levam a uma avaliação constante e sistemática, ao longo de todo o projeto. Estes autores definem a avaliação como um “(...) processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e mérito das metas, da planificação, da realização e do impacto de um determinado objetivo, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, solucionar os problemas de responsabilidade e promover a compreensão dos fenómenos implicados” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995, p. 183).

Assim, a avaliação de contexto (*context*) é uma avaliação inicial que consiste em “identificar a população, avaliar as suas necessidades, identificar as oportunidades de satisfazer essas mesmas necessidades, diagnosticar os problemas subjacentes às necessidades (...)” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995,

p. 194). Aqui o investigador tem a oportunidade de, em conjunto com os indivíduos envolvidos, apontar quais os problemas sentidos e as necessidades inerentes aos mesmos, olhando para a realidade e percebendo quais os recursos e potencialidades de que esta dispõe.

A avaliação de entrada (*input*) permite “(...) identificar e valorizar os métodos aplicados (...)” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995, p. 197) dando a oportunidade ao investigador de verificar a coerência interna do desenho de projeto, isto é, de olhar para a análise da realidade e refletir sobre se o desenho construído vai ao encontro dos problemas e necessidades, se tem em conta os recursos e potencialidades, se é exequível, e quais os possíveis constrangimentos identificados.

Já a avaliação do processo (*process*) pode ser entendida como “(...) uma comprovação contínua da realização de um plano” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995, p. 199) e permite ao investigador compreender se o que estava planeado no desenho de projeto foi sendo elaborado: as ações decorrem como havia sido pensado ou sofrem alterações e porquê, as técnicas e estratégias utilizadas também foram as previstas ou foi necessário serem modificadas, sempre tentando perceber o porquê de nem tudo o que estava no desenho ter sido realizado.

Por fim, a avaliação de produto tem como objetivo “(...) averiguar até que ponto o programa [o projeto] satisfaz as necessidades do grupo (...)” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995, p. 201), recorrendo ao discurso dos envolvidos e aos resultados obtidos, e relacionando-os com os objetivos que estavam estabelecidos no desenho de projeto assim como os indicadores de avaliação. É importante que, neste momento, haja a preocupação de compreender qual a continuidade do projeto e os impactos que este terá a longo prazo na vida das pessoas.

Num projeto de educação e intervenção social a avaliação deve adotar um caráter democrático, assumindo o propósito de promover mudança em todos os que participaram, ao passo que todos devem conhecer todo o processo, incluindo do seu dados, avaliando em conjunto, como uma equipa (Amado, 2013), ao mesmo tempo que refletem sobre as causas dos problemas e os efeitos das ações, e as decisões a serem tomadas o que, conseqüentemente, desenvolve a democracia participativa (Guerra I. , 2002).

### 3. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Verifica-se que tanto o modelo CIPP como a Investigação-Ação Participativa assumem a utilização de métodos de carácter mais qualitativo do que quantitativo. Os métodos “(...) constituem caminho para chegar ao conhecimento científico, [sendo um] conjunto de procedimentos que servem de instrumentos para alcançar os fins de investigação” (Bisquerra, 1989, p. 55), como servem de exemplo as entrevistas, a análise de conteúdo ou as histórias e vida (Amado, 2013).

Numa investigação qualitativa inicia-se, assim, com a recolha de dados relativos à realidade com que o investigador se depara. Seguidamente, o investigador questiona o que foi observando e apreendendo, para depois formar categorias com esses dados. A partir daí é necessário pesquisar padrões que se relacionem com o que foi sendo levantado pelos envolvidos no processo, ao passo que em seguida se pode construir, então, a teoria (Creswell, 1994).

Apesar de, tal como o paradigma sócio-crítico, a investigação qualitativa ser alvo de várias opiniões diversificadas em relação à sua validação, muito pelo facto de se munir de um conjunto de paradigmas opostos à investigação positivista que ainda tem um peso significativo na forma como se constrói conhecimento científico (Amado, 2013), a verdade é que “O investigador qualitativo tem legitimidade própria e não é simplesmente um saco misterioso onde cabem todas as coisas que não são quantitativas” (Kirk & Miller, 1986, citado por Amado, 2013, p. 353).

Como tal, e corroborando o que foi dito, há princípios deontológicos que devem ser tidos em conta numa investigação qualitativa <sup>3</sup>:

- “Princípio nº 1 – Não-maleficiência”: o investigador deve assegurar que o processo a que as pessoas se propõem a participar não lhes

---

<sup>3</sup> Estes princípios foram estabelecidos pelo *Belmont Report*, em 1978, e foram publicados pela *National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research* (nos Estados Unidos da América), sendo organizados em três categorias: respeito, beneficência e justiça (Amado, 2013).

fará mal, protegendo-as de possíveis casos de exploração, respeitando a sua dignidade e opondo-se a que estas sejam utilizadas como meros objetos;

- “Princípio nº 2 – Beneficência”: a investigação deve levar a que haja resultados positivo e significativos na vida dos participantes, não sendo apenas uma investigação que pretende responder a uma mera curiosidade científica;
- “Princípio nº 3 – Justiça”: o investigador deve tratar os participantes com equidade, levando a que estes sejam os principais beneficiários com os resultados da investigação;
- “Princípio nº 4 – Respeito pela autonomia/autodeterminação das pessoas”: as pessoas devem ser olhadas como seres capazes de tomar decisões, inclusive de quererem ou não participar. Assim devem estar informadas sobre o processo e sobre a possibilidade de poderem abandoná-lo quando quiserem, havendo uma constante negociação entre investigador e participante;
- “Princípio nº 5 – Respeito pelas Comunidades”: os valores e interesses das comunidades que participam na investigação devem ser respeitados, sendo que o investigador deve protegê-las de danos que possam advir do processo (Amado, 2013, p. 407/408).

O ato educativo prevê a melhoria da vida dos sujeitos e, por isso, a investigação qualitativa deve ser orientada nesse sentido, havendo sempre reflexão e questionamento sobre as práticas realizadas (American Educational Research Association, 2015) mas, no entanto, não significa que não possam ser utilizadas metodologias mistas (qualitativas e quantitativas) na produção de conhecimento científico e no processo desenvolvido. O importante é que o investigador seja capaz de se adaptar ao que lhe vá surgindo, o que requer que este não adira cegamente apenas a uma posição, encontrando-se, assim, flexível e disposto a experimentar (Anguera, 1985).



## **PARTE II: O PROJETO “DEIXEM QUE EU ME (RE)ENCONTRE”**

### **CAP. 1 - CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DA REALIDADE**

A Agência Local em Prol do Emprego (ALPE) situa-se em Santa Maria da Feira, um dos concelhos do distrito de Aveiro. Para um olhar mais abrangente sobre a mesma é pertinente conhecer o próprio Município de Santa Maria da Feira e as suas particularidades, pois é importante que ao analisar e caracterizar uma realidade tenhamos uma visão sistémica<sup>4</sup>, verificando os diferentes sistemas da qual ela faz parte, o que no dará um melhor entendimento.

Assim, a construção e análise da realidade revela-se um momento de grande importância pois só depois de se conhecer a realidade em que se atua é que se pode perceber onde é necessário mudar e como é possível fazê-lo (Cembranos, Bustelo, & Montesinos, 1988), sendo que esta caracteriza-se pela utilização de diferentes métodos como a análise e revisão de documentos institucionais, análise sociodemográfica, técnicas grupais, entrevistas e/ou questionários (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

#### **1. O MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DA FEIRA**

---

<sup>4</sup> A teoria geral dos sistemas foi originada por Ludwig. Alerta-nos para a importância de olharmos todos os sistemas onde nos quais o fenómeno que queremos investigar se encontra, pois todos os sistemas se influenciam mutuamente, dando-nos assim uma visão macro, meso e micro da realidade (Neto & Leite, 2010).

Santa Maria da Feira é um dos concelhos do distrito de Aveiro e conta com 215,9 km<sup>2</sup> de superfície (Feira, Apresentação do Concelho, 2015). A sua localização encontra-se próxima do mar e do distrito do Porto, e há uma série de vias que levam a que haja fáceis acessos para o centro de Aveiro, Porto e Coimbra, como é o caso da Estrada Nacional (N1) e de autoestradas (Feira, Apresentação do Concelho, 2015).

Segundo dados do PorData (2015), a 31 de Dezembro de 2013, havia 140.038 pessoas a viver no concelho de Santa Maria da Feira, havendo uma ligeira maioria de residentes do sexo feminino. Este número encontra-se repartido pelas diferentes freguesias do concelho que, neste momento, são 21: Santa Maria de Lamas, Paços de Brandão, S. Paio de Oleiros, Nogueira da Regedoura, Mozelos, Argoncilhe, Lourosa, Sanguedo, Fiães, Rio Meão, S. João de Ver, Escapães, Fornos, Arrifana, Milheirós de Poiares, Romariz, União de freguesias de Santa Maria da Feira, Travanca, Sanfins e Espargo, União de freguesias de S. Miguel de Souto e Mosteirô, União de freguesias de Caldas de S. Jorge e Pigeiros, União de freguesias de Lobão, Gião, Louredo e Guisande, e União de freguesias de Canedo, Vale e Vila Maior, afirmando-se assim como um dos concelhos de Aveiro com o maior número de freguesias (Feira, Apresentação do Concelho, 2015).

Economicamente, este município tem como principal atividade “a indústria transformadora, o comércio por grosso e a retalho (incluindo reparação de automóveis e bens de uso doméstico) e o sector da construção civil, são os sectores com maior representatividade económica no Concelho de Santa Maria da Feira, sendo a indústria o domínio de especialização por excelência.” (Feira, Apresentação do Concelho, 2015). Assim, destaca-se “a indústria da cortiça (que representa 11% da actividade industrial nacional e assume-se como 60% no total da Indústria em todo o mundo deste sector, sendo, por isso, o maior pólo corticeiro a nível mundial) perfila-se como um dos grandes “cartões-de-visita” deste concelho, sendo a indústria do calçado outro sector estratégico da actividade económica do concelho e que possui elevado peso na sua balança produtiva.” (Feira, 2009, p. 32). A par disto, Santa Maria da Feira tem investido cada vez mais no setor terciário, destacando-se o turismo e os serviços (Feira, Apresentação do Concelho, 2015).

Sendo uma terra com história herdada dos tempos medievais, o concelho organiza todos os anos a Viagem Medieval em Terra de Santa Maria que atrai

milhares de pessoas de todo o país e até de fora de Portugal (Feira, 2015). Esta ligação às origens medievais levou a que a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira construísse um *site* onde podem ser consultados documentos relativos à história desta região <sup>5</sup>.

Santa Maria da Feira investe também em festividades características como a Festa das Fogaceiras, que se realiza a 20 de Janeiro e que já celebra mais de 500 anos, a Terra dos Sonhos na época natalícia e com o Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua que é um dos maiores espetáculos de rua da Europa e que este ano bateu o recorde de candidaturas (Feira, 2015). Apesar destes se realizarem no centro de Santa Maria da Feira, a verdade é que por todas as freguesias do concelho há monumentos que podem ser visitados como é, por exemplo, o caso do Museu de Cortiça em Santa Maria de Lamas, as Termas de S. Jorge, na vila das Caldas de S. Jorge, o Zoo Ornitológico em Lourosa, o Castro de Romariz, o Museu do Papel em Paços de Brandão, o Europarque, entre muitos outros.

Pelo facto de ter várias freguesias, o concelho da Feira tem um grande conjunto de escolas do ensino básico, primário e secundário (Feira, Apresentação do Concelho, 2015), e tem ainda duas instituições de ensino superior: o ISVOUGA – Instituto Superior de Entre Douro e Vouga e o ISPAB – Instituto Superior de Paços de Brandão. Santa Maria da Feira faz, inclusivamente, parte da Rede Portuguesa de Cidades Educadoras (Feira, 2015), propondo-se assim a “investir na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, assim como a sua singularidade, a sua criatividade e a sua responsabilidade; a promover as condições de plena igualdade para que todos possam sentir-se respeitados e serem respeitadores; e a conjugar todos os factores possíveis para que se possa construir [...] uma verdadeira sociedade de conhecimento sem exclusões” (Educadoras, 2004).

Apesar da maioria dos habitantes do concelho da Feira terem apenas o 1º ciclo do ensino básico, a verdade é que o número de pessoas com o ensino superior tem vindo a aumentar desde 2001, havendo em 2011 mais de 12.000

---

<sup>5</sup> Visitar o site <http://www.castelodafeira.pt/jetspeed/portal/welcome.psm1>

com formação superior, acompanhando-se de níveis de analfabetismo que têm vindo a reduzir (PorData, 2015), o que revela esforços no sentido de ir ao encontro do que está exposto na Carta das Cidades Educadoras.

Apesar de ser um concelho marcado por tradições seculares e rurais tenta sempre inovar nas suas condições físicas, demonstrando que não ficou parado no tempo, e que tenta responder a uma globalização que traz cada vez mais impactos em todas as regiões (Feira, 2009).

É de reforçar ainda as inúmeras respostas dadas a nível social por este concelho, havendo um grande investimento nesta área e estando sempre vários projetos a serem desenvolvidos, alguns que já contam com mais de dois anos, como é o caso do Programa E-mili@, do Programa Movimento e Bem-Estar, do Programa Concelho Solidário, dos Passeios na Minha Terra, o Projeto Direitos & Desafios e do Plano Municipal para a Igualdade de Género (Feira, 2015).

O Plano de Desenvolvimento Social do Concelho de Santa Maria da Feira, elaborado pela Rede Social de Santa Maria da Feira, tem a sua intervenção traçada entre os anos de 2012 a 2015 e conta com 4 eixos de intervenção: Eixo I – Empregabilidade, Qualificação Escolar e Profissional, Eixo II – Equipamentos e Serviços, Eixo III – Inclusão Social de Grupos Vulneráveis e Eixo IV – Relações de Parceria e Envolvimento Interinstitucional que, em conjunto, pretendem desenvolver áreas consideradas de intervenção prioritária no sentido de responder às necessidades sentidas pelo concelho tornando-o mais e melhor para os seus habitantes<sup>6</sup>. É no âmbito do Eixo I, referente ao emprego e qualificação que surge a ALPE.

## **2.A AGÊNCIA LOCAL EM PROL DO EMPREGO (ALPE)**

---

<sup>6</sup> Confrontar com Anexo I – Plano de Desenvolvimento Social do Concelho de Santa Maria da Feira – 2012-2015

A ALPE resultou, então, das ações desenvolvidas no Eixo I do Projeto Direitos & Desafios que se destinava ao Emprego, à Formação e à Qualificação e tem como objetivo acompanhar jovens e adultos no seu encaminhamento profissional e inserção na vida ativa através de uma estratégia de ativação e integração das sinergias locais nos domínios da formação, emprego e criação do próprio emprego, com rede de parcerias e abordagem individualizada. É, assim, uma “estrutura que apoia população desempregada [visando] a sua integração profissional”<sup>7</sup>.

A Agência local em Prol do Emprego foi criada em 2006, no âmbito do projeto Direitos & Desafios, que resultou do Contrato Local de Desenvolvimento Social. Até 2014, a entidade promotora da ALPE era a Câmara da Feira, e as entidades executoras eram a Casa dos Choupos – Cooperativa Mutissetorial de Solidariedade Social, CRL, a Associação dos Alcoólicos Recuperado de Santa Maria da Feira e o Centro Social de Lourosa (ALPE, 2013). Com o término do contrato, a Casa dos Choupos assume-se, então, como atual entidade promotora deste projeto institucional.

A questão da abordagem individualizada, que tantas vezes é referida pelo grupo de trabalho da ALPE<sup>8</sup>, prende-se com o facto de que quando as pessoas sentem necessidade de recorrer à ALPE, uma das técnicas irá acompanhar a pessoa em questão e ajudá-la a preencher uma ficha de inscrição onde se compreende qual é o perfil da mesma. Consoante o objetivo da ida à ALPE, que pode passar por ajuda na procura de emprego, interesse em participar em formações e na criação do próprio emprego, as técnicas reencaminham a pessoa. No que diz respeito à procura de emprego, a pessoa é convidada a participar nos Clubes do Emprego que contam com grupos de 5 a 7 pessoas, que são agrupadas tendo por base as suas qualificações (onde se trabalha as questões da construção de um currículo, as entrevistas de emprego, as competências e características que podem destacar aquela pessoa), e são dadas algumas informações sobre medidas de apoio ao emprego e sobre empresas de trabalho temporário ou *sites* em que, constantemente, se colocam ofertas.

---

<sup>7</sup> Retirado do exercício “Era uma vez a ALPE” realizado na sessão com as técnicas da ALPE – Confrontar Apêndice I - Sessão com as técnicas da ALPE

<sup>8</sup> Confrontar Apêndice I - Sessão com as técnicas da ALPE

Além disso fica inscrito na base de dados e, havendo uma oferta que corresponda ao perfil daquela pessoa, esta é chamada pela ALPE. Em relação à formação, a ALPE encaminha para formações que ocorram nas suas instalações ou informa sobre outros locais onde estas se realizam, dando especial atenção aos espaços formativos com quem tem parcerias. Na vertente relativa à criação do próprio negócio, o sujeito é dirigido para a técnica da área da economia e empreendedorismo e, em conjunto, irão traçar um plano de negócio, compreendendo se a ideia em questão é coerente e possível de ser realizada. Assim, a ALPE é a *“única estrutura concelhia, eu creio do EDV [Entre Douro e Vouga] com esta missão”*<sup>9</sup>.

Em relação ao apoio à procura de emprego verifica-se que há algumas áreas em que a ALPE consegue dar uma melhor resposta do que em outras: *“uma coisa é aquilo que o mercado de trabalho disponibiliza, pronto, que aqui no concelho disponibiliza ofertas no setor da metalúrgica, da metalomecânica, da área do calçado, essencialmente são estas as áreas principais, e depois comerciais. Também vai aparecendo algumas áreas como a cozinha, a hotelaria, algumas ofertas nesta área. Isto é aquilo que o mercado disponibiliza. Outra coisa é analisarmos quando divulgamos a oferta de emprego, as visualizações dessa oferta, o que é que é muito visualizado, e não é isto. São ofertas que aparecem mais para gente mais qualificada, ou para áreas em que o mercado está de facto repleto de profissionais”*<sup>10</sup>, sendo que esta análise tem vindo a ser feita para compreender como é que a ALPE deve atuar para responder a este novo perfil de pessoas que a procuram. De facto, as características das pessoas que recorrem à Agência têm vindo a modificar: *“o perfil tem mudado ao longo do tempo; [a ALPE] nasce para um segmento muito, para um público-alvo muito específico de desempregados muitos deles de longa duração com baixas qualificações e isso tem-se mantido, mas o número de pessoas com mais qualificações que procuram a ALPE tem*

---

<sup>9</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>10</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

*aumentado*<sup>11</sup>, o que tem com consequência que a ALPE se reformule e pense em como pode dar resposta a estas pessoas.

Neste sentido, o que a ALPE tem feito atualmente é tentar criar momentos destinados ao perfil das pessoas que a procuram que podem refletir-se nas Informações à Medida (IM's). Estas são sessões de 2 ou 3 horas que incidem sobre uma determinada temática como, por exemplo, gestão das emoções, ou um novo olhar sobre o desemprego, que podem ocorrer tanto numa das salas da ALPE, como numa das freguesias do concelho da Feira e que estão abertas ao público no geral, inscritos ou não inscritos. Esta é muitas vezes uma forma de divulgar a própria ALPE e de esta se dar a conhecer. Os temas levados a cabo costumam resultar naquilo que a equipa técnica considera que as pessoas procuram atualmente, mas isto coloca aqui em causa onde está a participação das pessoas nisto. O que se foi verificando foi que as IM's destinadas a pessoas com qualificações mais elevadas têm mais participantes do que as que não são, e as que têm temas relacionadas com as questões do desenvolvimento pessoal também conseguem um número significativo de participantes.

Outra das respostas que funciona no espaço em que a ALPE se encontra é o GIP (Gabinete de Inserção Profissional) de Santa Maria da Feira. Este é levado a cabo por uma psicóloga que faz a ponte entre as pessoas que se interessam por determinadas ofertas e o Centro de Emprego, ou a entidade que promove a oferta.

O espaço em que a ALPE se situa é no 1º andar da Cooperativa Agrícola de Santa Maria da Feira e S. João da Madeira. Quando questionei as técnicas da ALPE sobre isto elas disseram que estavam ali porque tinha sido aquele o espaço disponível que a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira lhes tinha atribuído, mas no fundo elas não sentem que este deveria refletir mais a identidade da ALPE. No entanto, este espaço acaba por ser o eleito *“Por duas razões: primeiro porque era um espaço que nos oferecia as condições que precisávamos, ou seja, espaços, salas de formação devidamente equipadas, era um edifício, é um edifício relativamente recente, e depois porque estávamos localizadas perto de algumas fábricas que ditaram também o*

---

<sup>11</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

*nascimento da ALPE, não é? Aqui a proximidade com a Rhode, ahm, que foi como sabes uma fábrica significativa em termos de despedimento do concelho. Portanto esta proximidade tem que ver com isso. Claro que depois a proximidade à linha de comboio, a possibilidade das pessoas poderem chegar-se aqui, portanto esta conjugação de fatores que ditaram que a ALPE ficasse aqui.”<sup>12</sup>*

Em relação aos recursos humanos, a ALPE dispõe de uma equipa técnica multidisciplinar, constituída por nove mulheres: *“somos uma equipa coesa, acho que somos uma equipa madura, as pessoas são maduras, ahm...acho que são alinhadas com aquilo que são os objetivos, acho que são resilientes...achoe que trabalhamos bem em equipa, somos cuidadosas quer com as pessoas que veem cá, quer umas com as outras”<sup>13</sup>*

Apesar de haver uma hierarquia que deve ser tida em conta e das decisões finais necessitarem sempre do aval da direção, a verdade é que não há uma hierarquia muito rígida no que toca às relações de poder, pelo que a opinião de todas as pessoas que lá trabalham são tidas em conta e aproveitadas para melhorarem cada vez mais a forma de intervir da ALPE, verificando-se que *“existe um modelo de participação interessante na ALPE, ou seja, há a figura da coordenação, há a figura da coordenação da Casa dos Choupos, ahm mas eu creio que as opiniões das pessoas são tidas em consideração”<sup>14</sup>*

No fim do ano passado (2014), a ALPE contou com 735 novos inscritos, sendo que a maioria dessas pessoas eram do género feminino, desempregadas, com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos e com o ensino secundário ou superior<sup>15</sup>. Na base de dados da ALPE, as pessoas inscritas vão sendo categorizadas por ativas ou inativas, sendo que ativas se refere a pessoas que tiveram algum contacto com a Agência Local ao longo do último ano, e inativas refere-se àquelas que não tiveram contacto. Quando perguntei como é que elas faziam a gestão de pessoas que estavam inscritas desde a abertura, elas

---

<sup>12</sup>Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>13</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>14</sup>Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>15</sup> Confrontar com Anexo III – Tabela de inscritos na ALPE 2011 – 2014

explicaram-me que acabavam por ficar como inativas porque não tinham recursos humanos nem tempo para conseguirem que alguém estivesse apenas encarregue de entrar em contactos com todas as pessoas da base de dados e, assim, verificar a situação atual daquelas pessoas visto que este seria um processo longo e demorado. E mais uma vez surge aqui a questão de se devem ser as pessoas a procurar constantemente a ALPE ou se deveria ser a ALPE a procurar as pessoas que já lá estão inscritas.

No sentido de perceber melhor o que as técnicas pensam da própria ALPE foi-lhes proposta a realização de uma sessão que se centrava nesse objetivo<sup>16</sup>. As técnicas revelaram que se tivessem de dizer em duas palavras o que é que a ALPE simbolizava para elas, essas palavras seriam: proximidade (que foi a palavra mais referida), atendimento personalizado, vertente humana, apoio, empatia, resposta e compreensão<sup>17</sup>. Estas palavras acabam por representar a forma como elas trabalham e os valores que têm por base as suas ações. Em conversas com algumas pessoas que conhecem a ALPE algumas destas palavras acabam por se repetir quando se referem à sua intervenção: “*Gosto da forma como nos tratam... São sempre muito humanas.*”<sup>18</sup>.

Refletiu-se também sobre as potencialidades que elas consideram que a ALPE tem. Destaca-se assim a relação de proximidade que a ALPE cria com as pessoas que a procuram e com as quais intervém (mais uma vez a palavra proximidade está presente), o atendimento personalizado que tem em conta o que a pessoas procura mas também as suas características e capacidades, as respostas inovadoras e ajustadas às necessidades das pessoas, a flexibilidade de intervenção que tem em conta, mais uma vez, as característica dos grupos com quem trabalham e as expectativas dos mesmos e, por isso mesmo, as técnicas também falam na flexibilidade como uma potencialidade, na vertente humana e empática, na própria equipa técnica multidisciplinar e polivalente que trabalha de forma conjunta, aliando o que de melhor cada um das técnicas sabe fazer, e as parcerias, tais como com as Juntas de freguesias do concelho, a

---

<sup>16</sup> Confrontar Apêndice I -Sessão com as técnicas da ALPE

<sup>17</sup> Confrontar Apêndice I – Sessão com as técnicas da ALPE” Palavras que simbolizam a ALPE”

<sup>18</sup> Discurso de uma senhora que foi à ALPE para encontrar apoio na procura de emprego

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, o IEFP, os Centros de Formação locais, o Gabinete de Apoio ao Empresário e Associação Nacional de Direito ao Crédito. A questão das parcerias revela-se muito importante para a ALPE que opta por ter uma atitude pró-ativa *“na procura de parcerias e à medida que vamos sentindo necessidade de ir por um determinado caminho procuramos parceiros. Eles podem numa primeira fase não serem formais, mas depois a um determinado momento eles acabam por se formalizar e acabam por entrar na nossa rede de parceiros”*<sup>19</sup>.

Como em todas as realidades, a ALPE evidencia um conjunto de aspetos que têm de ser melhorados, tais como *“do ponto de vista físico das instalações físicas há alguns aspetos que poderiam ser melhorados, nomeadamente o espaço que toca a atendimentos, não é bem a reserva, é a criação de um espaço mais ahm... adequado, mais simpático, se quisermos, para fazer esses atendimentos. Ahm, eu acho que há caminho ao nível da inovação no que se refere ao trabalho do laboratório, da modernização, ahm... Eu acho que há desafios, que temos de olhar para a frente, relacionados também com os licenciados, por isso a definição de programas, de projetos que visem a mobilidade, por exemplo, dos licenciados. Eu acho que há caminho com o os empreendedores e as redes colaborativas, intensificar estas redes colaborativas, ahm entre eles. E talvez o maior desafio para nós é talvez as questões da comunicação e da divulgação e do marketing da nossa estrutura.”*<sup>20</sup>.

## 2.1.OS CLUBES ALPE

Uma das respostas que a ALPE criou um ano após a sua existência foram os Clubes ALPE. Estes visavam responder às características pessoais da maioria

---

<sup>19</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>20</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

das pessoas que procuravam a ALPE, ou seja, indivíduos com mais de 40 anos, baixas qualificações e do género feminino, sendo que o objetivo é “desenvolver competências pessoais, sociais, pré-profissionalizantes com vista à integração em percursos formativos ou profissionais que façam parte de um projeto de vida consistente” (ALPE, 2013). É, assim, uma resposta de carácter não formal e gratuito e que pretende ser inovadora e flexível.

*“Os Clubes surgem num contexto muito específico, ou seja nós tínhamos, tínhamos e temos, um grupo significativo da população inscrita na ALPE com baixas qualificações, desmotivados, isolados muitos deles e com resistência a percursos formativos. Os Clubes ALPE também surgem num momento em que havia uma décalage grande entre o momento em que a pessoa se inscrevia e o momento em que entrava em formação, e nós sentimos que precisávamos de fazer alguma coisa durante este período”* <sup>21</sup>

Em Janeiro de 2015, os Clubes ALPE iniciaram a sua 7<sup>a</sup> edição nas freguesias de Argoncilhe e Pigeiros, pretendendo-se depois alargar às freguesias de Lourosa, Fiães e Canedo. Todas as edições são pensadas tendo por base a avaliação que é feita da edição anterior e são realizadas em diferentes freguesias do concelho<sup>22</sup>. Isto pode levantar algumas questões como, por exemplo, se fará sentido pensar e construir uma edição que se realizará em freguesias diferentes daquelas em que a anterior decorreu, visto que serão pessoas diferentes, com motivações e gostos também distintos. Esta pode ser uma questão que a ALPE poderá refletir e perceber se este processo de construção dos Clubes deve continuar a ser realizado desta forma. Além disso o perfil de pessoas que procuram a ALPE tem vindo a modificar, tal como se pôde verificar anteriormente, e por isso mesmo fará sentido adaptar os Clubes tendo por base essas mudanças. Verifica-se também que o nível de participação das pessoas na construção dos Clubes é praticamente inexistente, sendo que esta era uma ideia de base da elaboração dos Clubes, até porque a própria denominação dos Clubes tinha como objetivo que estes fossem um espaço das pessoas: *“O que se procurava era que fosse um espaço informal*

---

<sup>21</sup> Confrontar Apêndice II - Transcrição da entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

<sup>22</sup> Conclui-se esta informação através de conversas tidas com a coordenadora dos Clubes ALPE

*mas também de apropriação, não é? Quando se pensa nas questões mais relacionadas com os clubes liga-se logo as questões da apropriação, “ah eu sou do clube X”... há uma apropriação e era isso que pretendia com os clubes, não era só um grupo, era que as pessoas se apropriassem dele. E que se apropriassem dele, que fossem capazes de preparar atividades e produtos finais para a comunidade mas que fossem preparados por eles.”<sup>23</sup>*

Esta 7ª edição conta com 4 Clubes: o Clube Passa-a-Palavra que pretende trabalhar as competências da escrita, da comunicação e expressividade, o Clube Contas à Vida que se propõe a ter em atenção as competências relacionadas com a matemática que utilizamos no nosso quotidiano, o Clube Cuidar de Mim que se relaciona com o relaxamento do corpo, combatendo assim a tensão e stress, e o Clube da Costura que pretende aprofundar ou ensinar conhecimentos relacionados com esta temática. Uma das questões que pode ser aqui refletida é a de que se os Clubes pretendem ter por base a educação não-formal parece ser um tanto ou quanto contraditório que as temáticas pensadas continuem a estar relacionadas com uma forte componente de educação formal, como é o caso do Clube Passa-a-Palavra que se debruça, basicamente, nas questões da língua portuguesa, e do Clube Contas à Vida, que trabalha a matemática do dia-a-dia. Se é pretendido trabalhar as potencialidades que a educação não-formal tem então devia-se tentar dar respostas que se afastassem da educação formal e trabalhar temas de valor para as pessoas, mas isto também só é possível se essas mesmas pessoas forem ouvidas e só depois é que os Clubes devam ser pensados, tal como já foi antes referido.

Este aspeto pode ser visível se analisarmos que desde que os Clubes começaram, nomeadamente nas freguesias de Argoncilhe e Pigeiros, verificou-se que as pessoas não os procuravam, havendo mesmo clubes que estavam a ser realizados com apenas dois participantes. Face a isto, e tendo em conta que as pessoas que estavam a orientar os Clubes estavam a ser pagas através de um fundo e que, por isso, o seu pagamento tinha de ser devidamente justificado, a direção da ALPE decidiu que os Clubes não podiam continuar sem terem um

---

<sup>23</sup> Confrontar Apêndice II - Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE

mínimo de 10 participantes cada e, perante isto, os Clubes encerraram, sendo que apenas em Maio foi possível iniciar os Clubes na freguesia de Lourosa.

A resposta opcional para esta situação foi a de realizar IM's nas diferentes freguesias do concelho que continuariam a ter por base as temáticas dos Clubes Cuidar de Mim, Passa-a-Palavra e Contas à Vida, sendo que as formadoras que estavam destinadas para os Clubes poderiam ficar afetas às IM's e o valor que lhes seria pago estaria, assim, justificado.

Ao longo do tempo os Clubes têm vindo a ser alvo de avaliações constantes por parte de estagiários que têm passado pela ALPE no sentido de se perceber que tipos de impacto trazem para as pessoas que os frequentam. Estas avaliações costumam ter por base escalas de avaliações que se focam em temáticas como o relacionamento interpessoal ou a autoestima, e têm revelado que os Clubes trazem impactos positivos ao nível da autoestima, da aquisição de novas competências, e no desenvolvimento de competências já adquiridas e de novos interesses. No entanto seria também pertinente perceber porque é que estas pessoas escolhem os Clubes em detrimento de outras respostas, ou vêm-nos como uma forma de complemento a formações. Pensar ainda sobre o que é que elas acreditam que diferencia os Clubes de outras ofertas que existem tanto na ALPE como de uma forma geral. No fundo seria não olhar apenas para as pessoas mas também para o significado que os Clubes possam ter e para toda a sua estrutura.

No pouco tempo em que os Clubes funcionaram foi possível conhecer as pessoas que os frequentaram nas diferentes freguesias de Argoncilhe, Pigeiros e Fiães. Houve o desenvolvimento de uma relação mais próxima com as pessoas que participaram nos Clubes em Argoncilhe muito pelo facto de o tempo passado com eles ter sido mais prolongado e de terem sido partilhadas histórias de carácter mais pessoal<sup>24</sup>. Assim, com o findo dos Clubes, propôs-se a criação de um grupo a estas pessoas, dando-lhes a possibilidade de poderem desenvolver assuntos e temáticas que eles considerassem importantes para o seu desenvolvimento e para a própria vivência do quotidiano. A proposta foi

---

<sup>24</sup> Confrontar Apêndice grelha III – Grelhas de observação Clubes ALPE

aceite com bastante entusiasmo e agrado e, assim, formou-se um grupo de seis pessoas com o qual o projeto foi construído e desenvolvido.

### **3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO – DA ALPE A ARGONCILHE**

Até ao início de Janeiro todo o processo foi vivido praticamente nas instalações da ALPE, com o acompanhamento próximo da coordenadora dos Clubes. Apesar dos objetivos do projeto de investigação no âmbito do mestrado em questão. Houve sempre alguma pressão institucional, numa primeira fase, para que este se relacionasse com as questões da avaliação de impacto dos Clubes na vida das pessoas que participassem neles. Este foi um ponto que se verificou ser comum, ou seja, vários estagiários que passaram pela ALPE no âmbito dos Clubes faziam uma avaliação através de escalas de avaliação, predominando assim a avaliação quantitativa em relação à qualitativa.

No entanto, sempre esperei ansiosamente pelo início dos Clubes para poder estar em contacto com as pessoas e encontrar, talvez, uma solução que satisfizesse a ALPE e aquilo que as pessoas poderiam estar a procurar. Esta ansiedade também se deveu ao facto de, na ALPE, a maioria do contacto que tive foi com a equipa técnica, sendo que senti muitas dificuldades em chegar às pessoas, até porque a ALPE não é propriamente um espaço de paragens longas, ou seja, as pessoas vão lá e depois podem até nem voltar mais, e isto dificulta a construção de uma análise da realidade participada.

Assim, todo o tempo passado na ALPE até Janeiro foi caracterizado pela preparação dos Clubes: realização de chamadas para as pessoas das cinco freguesias a apresentar-lhes os Clubes e a convidá-las a participar, preparação da capa dos Clubes, reflexão sobre a forma como poderiam ser avaliados (contou-se com a colaboração de uma estagiária de psicologia da Câmara da Feira) tentando assim criar uma vertente mais qualitativa, preparação de documentos necessários – horários, folhas de presenças, materiais que os

formadores poderiam precisar, cartazes de divulgação -, reuniões com os formadores e possíveis voluntários para os Clubes, dinamização de uma sessão com os voluntários sobre educação não-forma de adultos, ou seja, foi um processo muito burocrático e de muito trabalho, mas que se refletia num tempo insuficiente de relação com as pessoas.

Após verificar que os Clubes não iriam iniciar (por falta de participantes) fiquei alarmada pois isso implicaria que me direcionassem para outra resposta da ALPE e que todo o conhecimento construído até então acabasse por não ter uma utilidade tão direta. Foi necessário pensar numa contrarresposta rápida face a esta situação e, assim, surgiu a ideia de convidar os participantes dos Clubes em Argoncilhe com os quais, como já referi, criei uma relação mais próxima e tive mais contacto, a construírem um grupo que se baseasse em problemas sentidos por eles. A ALPE, inicialmente, não acreditava propriamente que esta proposta fosse surtir algum efeito nas pessoas e, inclusivamente, houve uma tentativa de me dissuadirem desta ideia, propondo-me que direcionasse o projeto de investigação para os Clubes do Emprego.

Contudo, a proposta foi recebida positivamente por todos os participantes dos Clubes de Argoncilhe, iniciando-se então um novo caminho nesta freguesia.

### 3.1. FREGUESIA DE ARGONCILHE

Argoncilhe é a freguesia do concelho da Feira que fica mais próxima do Porto e que conta com bons acessos rodoviários como é o caso da Estrada Nacional (N1) e de autoestradas (Argoncilhe, 2015). Além disso é a quarta freguesia com maior impacto populacional, contando com 8420 habitantes (mais de metade da população é do género feminino) e que apresenta uma substancial resposta associativa: Associação Desportiva de Argoncilhe, Associação de Pais de Aldriz – Argoncilhe, Grupo de Jovens ELOS de Argoncilhe, Casa da Gaia, Rancho Regional de Argoncilhe, Centro Social e Paroquial de Argoncilhe, Centro Columbófilo de Argoncilhe, GRB Flor de

Aldriz, Grupo Musical Estrela de Argoncilhe, ADCR Vergada, Liga de Melhoramentos de Vergada, Associação Argoncilhe Jovem, Casa do Futebol Clube do Porto de Argoncilhe, e a Ajuda e Colo - Associação de Solidariedade (Argoncilhe, 2015).

Através dos dados obtidos nos Censos de 2011 pode-se verificar que a faixa etária predominante em Argoncilhe posiciona-se entre os 25 e os 65 anos (4783 habitantes), seguindo-se as pessoas com mais de 65 anos (1358 habitantes), o que leva a constatar uma realidade que acontece na maioria do país: uma tendência para, cada vez mais, prevalecer uma população envelhecida. No que diz respeito ao nível de escolaridade desta população verifica-se que o mais comum se situa no 1º ciclo do ensino básico (2882 habitantes) e no 3º ciclo (1412 habitantes). Há ainda 918 habitantes que possuem qualificações superiores e 640 são analfabetas, sendo que esta informação se traduz numa taxa de analfabetismo de 4,43%. (Estatística, 2015)

Argoncilhe conta, ainda, com uma taxa de desemprego de 18,64% o que se resume a 774 pessoas desempregadas, sendo que 444 são mulheres. À procura do 1º emprego encontram-se 122 pessoas e 652 procuram um novo emprego. A nível económico, 26 pessoas trabalham no setor primário, 1454 no secundário, e maioria trabalha no setor terciário (1898 habitantes), sendo que 660 trabalham no âmbito social e 1238 em atividades relacionadas com a economia (Estatística, 2015).

### 3.2. GRUPO DE PARTICIPANTES

Tal como já referi, as pessoas que se mostraram dispostas a participar no projeto de investigação, construindo e desenvolvendo um projeto foram seis: a T e o J, que são um casal, a MJ, a E, a N e a F, sendo que todas vivem na freguesia de Argoncilhe.

A T tem 43 anos, é licenciada em educação infantil e está desempregada há 6 anos. Tem dois filhos, juntamente com o J, de 3 e 7 anos respetivamente. Um dos filhos tem necessidades educativas especiais e isso faz com que tenha de ser acompanhado de forma contínua. O J tem 44 anos e tem formação em

Jardinagem, e na prática de vigiar e cuidar de florestas. Tem uma paixão por esta área e sempre quis trabalhar na mesma (*“Isto foi sempre o que eu quis fazer porque adoro a Natureza”* J.), mas neste momento também se encontra desempregado. Já viveram em Espanha durante alguns anos e o objetivo que têm é regressar lá.

A MJ tem 59 anos e era comerciante, tendo o seu próprio supermercado. Encontra-se desempregada há mais de 1 ano e é uma pessoa reservada. Afirma que gosta mais de ouvir do que de falar, mas sempre que lhe pedem opinião ela participa e demonstra o que pensa (*“Se me pedirem opinião eu falo, mas gosto mais de ouvir e estar no meu canto”* MJ)

A E tem 54 anos, é cunhada da MJ (e foi esta que a convidou a participar no grupo) e trabalhava na indústria da cortiça. Também se encontra desempregada há mais de um ano. É reservada e evita o contacto visual com as pessoas.

A N tem 39 anos, trabalhava na indústria dos colchões e também se encontra desempregada. É casada e tem um filho. O facto da N ser doente oncológica acabou por levar a que esta trouxesse imediatamente esta questão na primeira sessão dos Clubes ALPE<sup>25</sup>, o que fez o grupo refletir sobre o respeito pelos outros, a sensibilidade face a este tipo de doenças e a desmistificação da palavra “cancro”. A N encontra-se com uma depressão, sente-se só e admite-se como uma pessoa frágil (*“Eu sinto que não tenho ninguém...”; “Sinto-me uma incapaz!”* N.)

Por fim, a F é a mais enérgica do grupo. Com 65 anos não para de andar sempre a experimentar coisas novas e aproveita todas as formações que sujam (*“Eu ando sempre a tirar formações porque não gosto de estar parada”* F), tendo inclusivamente feito o 12º ano através de um curso EFA. Sempre foi modista e apesar de já ter perdido um filho, anda sempre sorridente e demonstra uma grande vontade em apoiar os outros.

Desde cedo este grupo tem demonstrado muita vontade em participar neste projeto de investigação. O que mais têm referido é que gostavam de trabalhar

---

<sup>25</sup> Confrontar Apêndice III - Grelhas de observação Clubes ALPE

as questões da autoestima e que pudessem criar um grupo onde fosse possível partilhar situações do quotidiano, encontrando apoio e conselhos para solucionar problemas. Todos partilham um sentimento de solidão pois o facto de se encontrarem desempregados fez com que fossem perdendo algumas das redes de suporte que tinham. Além disso é visível um sentimento de incapacidade e de insegurança face a eles mesmos. Em algumas conversas, a maioria deles afirma que não é muito bom em nada.

## **CAP. 2 - REALIZAÇÃO DO PROJETO “DEIXEM QUE EU ME (RE)ENCONTRE”**

### **1. REFLETINDO SOBRE O PROJETO EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL**

Para uma melhor compreensão sobre o que é um projeto em Educação e Intervenção Social e para que seja possível perceber os momentos que serão explanados seguidamente é, então, necessário fazer uma abordagem a esta temática.

Antes de mais é primordial refletir sobre o que é um projeto. Os projetos podem ter um carácter muito diversificado seja em relação aos objetivos como às metodologias utilizadas (Serrano, 2008). “Podemos afirmar que um *projecto* é um avanço antecipado das acções a realizar para conseguir determinados objectivos para cujo alcance efectivo requer uma estrutura interna que lhe permite alcançar o fim proposto. O *projecto* é um plano de trabalho com carácter de proposta que consubstancia os elementos necessários para conseguir alcançar os objectivos desejáveis. Tem como missão *prever, orientar e preparar* bem o caminho do que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento” (Serrano, 2008, p. 16).

No entanto é necessário que o projeto não seja encarado de forma rígida e que esteja preparado para lidar com possíveis mudanças. Assim assume-se que o projeto em educação e intervenção social exige uma constante reflexão crítica sobre si mesmo para que seja possível compreender se a finalidade e os objetivos estabelecidos podem ser alcançados, pensando como é que se pode fazê-lo e quando, tendo em conta os constrangimentos que podem surgir e também planeando um caminho que deve ser seguido, mas que está sujeito a mudanças. Há, de facto, uma ideia presente em projeto que se relaciona com a vontade de construir e, ao mesmo tempo, a vontade de realizar (Boutinet, 1990).

Segundo Mendonça (2002) um projeto deve implicar intencionalidade, responsabilidade, autonomia, autenticidade, complexidade, criatividade e processo e produto. A intencionalidade relaciona-se com o envolvimento dos participantes no sentido de construir uma visão partilhada por todos, desenvolvendo a capacidade de escuta e de reflexão para que sejam encontrados os problemas comuns e propostas de soluções para os mesmos. A responsabilidade deve estar presente no projeto visto que os intervenientes se assumem como agentes de desenvolvimento tomando, por isso mesmo, decisões e opções e, também, lidando com as consequências que estas possam trazer (sejam elas positivas ou negativas). A autonomia relaciona-se com a capacidade de utilizar os recursos internos e externos para o desenvolvimento do projeto. A autenticidade deve refletir-se na situação problematizada, ou seja, esta deve resultar dos participantes e daquilo que eles sentem como problemático e prioritário, não havendo influencia de autoridades externas ao processo. A complexidade do projeto revela-se nas variadas dimensões que este integra: o domínio pessoal/individual e também coletivo, a dimensão psicológica, sociológica, educacional, sociocultural, e os vários processos que vão decorrendo do seu desenvolvimento. A criatividade surge com a necessidade de existir novas ideias para que não se caia na rotina ou na repetição do que é feito constantemente. Tenta-se, então, recriar ideias antigas, já utilizadas, através da interação de todos os participantes, o que potencia o exercício da iniciativa e criatividade. O processo e o produto podem ser vistos como consequências do desenvolvimento do projeto, tendo em conta que este se constrói progressivamente. O produto pode ser visto como um mote para um questionamento que poderá levar a um novo projeto (Mendonça, 2002).

Desta forma verifica-se a importância da participação e envolvimento dos sujeitos ao longo de todo o projeto, destacando assim que este não deve ser construído pelo investigador, mas sim por todas as pessoas que participam (co-construção) havendo assim um “compromisso entre objetivos de investigação propriamente ditos, e objetivos de intervenção social no sentido de procurar respostas para certos problemas concretos de alcance mais ou menos alargado.” (Lima, 1987, p. 37).

Ander-Egg (1984) aponta que, de um ponto de vista operativo, o projeto deve responder a oito questões: o que é que se quer fazer?, porque é que se quer

fazer?, para que é que se quer fazer?, quando é que se quer fazer?, onde é que se quer fazer?, como é que se quer fazer?, quem é que vai fazer?, e com que é que se vai fazer?. Estas questões indicam que a elaboração do projeto deve ter em consideração a natureza do mesmo – as necessidades que deram origem ao projeto e quem as enunciou, a fundamentação – a análise da realidade e revisão bibliográfica que irão suportar todo o projeto, os objetivos – o que se pretende alcançar, as metas – podem ser vistas como indicadores de avaliação, a localização – a área geográfica onde o projeto se irá desenvolver, a metodologia – aponta o caminho que deve ser seguido, o tempo – remete para a calendarização, assumindo que o projeto tem um espaço temporal; e os recursos humanos, materiais e financeiros – compreender o que está à disposição para a construção e desenvolvimento do projeto (Serrano, 2008). Além disto, tal como já foi sendo referido, um projeto em Educação e Intervenção Social deve, ainda, ser pautado por uma avaliação constante que proporcione momentos de reflexão e de reformulação do mesmo, sempre que necessário, visto que a realidade deve ser encarada como algo em constante mutação.

De uma maneira geral, “todos os projetos têm aspetos em comum: emergem da vontade das pessoas, integram um desejo de melhorar a situação, são processos orientado em direção a uma mudança” (Blain & Désilets, 1998, citado por Mendonça, 2002, p. 19), levando à elaboração de um plano de intervenção que será desenvolvido e avaliado.

## 2. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO

Analisar a realidade num projeto de educação e intervenção social leva a que o investigador assuma uma postura reflexiva, de questionamento constante, acompanhada de uma observação e escuta ativa, para que a recolha de dados e informações se torne mais completa.

O investigador deve ser capaz de proporcionar momentos de partilha e interação onde ele e os participantes podem refletir sobre a realidade – co-construção do conhecimento -, indo assim ao encontro da avaliação de contexto que permite avaliar os problemas e as necessidades, servindo assim de base para a definir prioridades e objetivos (Pereira, 2010). Esta avaliação deve ser contínua, não deve limitando apenas a um momento inicial do contacto com a realidade (Stufflebeam, Madaus, & Kellaghan, 2000).

Mesmo contando com todos os constrangimentos vividos ao longo do processo<sup>26</sup>, houve sempre a tentativa de que a análise da realidade em questão fosse a mais participada possível. O facto do acesso à documentação interna da ALPE não ter sido um processo fácil, pois a maioria destes documentos encontravam-se com a coordenadora da ALPE, e o contacto com esta foi muito difícil de alcançar porque ela assume vários papéis e nem sempre teve disponibilidade.

Apesar de terem sido identificados problemas na Agência Local em Prol do Emprego <sup>27</sup>, estes não foram priorizados visto que são maioritariamente apontados pela equipa técnica, havendo pouco envolvimento do resto dos atores sociais da ALPE, pela dificuldade em proporcionar momentos de partilha e reflexão com eles <sup>28</sup>.

Quando os Clubes ALPE em Pigeiros e Argoncilhe iniciaram, no início de Janeiro, parecia que finalmente haveria possibilidade de ouvir as pessoas e

---

<sup>26</sup> Confrontar Algumas reflexões sobre o processo de integração – da ALPE a Argoncilhe

<sup>27</sup> Confrontar Apêndice IV – Tabela de problemas e necessidades relativos à ALPE

<sup>28</sup> Isto acabou por se revelar consequência, em parte, do tipo de tarefas que me foram pedidas ao longo deste tempo, sendo estas relacionadas com toda a preparação do início dos Clubes.

construir com elas, mas duas semanas após o início, os Clubes tiveram de terminar porque *“Não há um número suficiente de participantes que justifique o financiamento dos formadores, por isso temos de encerrar os Clubes nestas freguesias, e esperar que nas outras venham pessoas suficientes”* (RC).

Foi, então, necessário encontrar uma estratégia para que fosse possível continuar a estar com um dos grupos e, assim, acabou por se decidir ligar a cada um dos participantes dos Clubes em Argoncilhe<sup>29</sup>, convidando-os a participar na construção de um grupo que teria como objetivo abranger temas e assuntos que eles considerassem importantes para si mesmos, sendo que todos os elementos a quem se ligou aceitaram participar (apenas não se conseguiu entrar em contacto com um elemento que frequentava os Clubes).

Aliado às questões que o grupo já tinha ido refletindo nas duas sessões dos Clubes ALPE, realizou-se também uma reunião<sup>30</sup> na Junta de Freguesia de Argoncilhe com o objetivo de perceber se aquelas pessoas estavam realmente disponíveis a participar e de compreender o que é que elas pensavam da proposta que lhes foi feita, fazendo também uma reflexão sobre os Clubes.

Verificaram-se os seguintes problemas e necessidades:

	Problemas	Necessidades
<b>Clubes ALPE</b>	<p>1 - Fraco investimento na participação das pessoas a quem se destinam os Clubes ALPE na elaboração dos mesmos;</p> <p>2 - Número insuficiente de participantes para a realização dos Clubes nesta</p>	<p>- Análise e reflexão conjunta (ALPE e participantes das freguesias) sobre o objetivo dos Clubes e o que é que é pertinente ser abordado nos mesmos, promovendo assim um maior envolvimento dos participantes das respetivas freguesias, no sentido de</p>

<sup>29</sup> O grupo de participantes de Argoncilhe acabou por ser escolhido pelo facto de ter mais elementos e por já se ter criado um sentimento de empatia mútuo entre mim e os participantes.

<sup>30</sup> Confrontar Apêndice V - 1ª reunião com o grupo de Argoncilhe

	<p>edição dos mesmos;</p> <p>3 - As pessoas encaram os Clubes como se fossem cursos de formação;</p> <p>4 - Apesar de terem por base a educação não-formal, as temáticas dos Clubes acabam por ir ao encontro das duas disciplinas mais ligadas à educação formal: língua portuguesa e matemática</p>	<p>apoiarem no planeamento e execução das edições;</p> <p>- Repensar, refletir e reconstruir a metodologia de intervenção dos Clubes ALPE</p>
<p><b>Grupo de participantes dos Clubes ALPE em Argoncilhe</b></p>	<p>1 - Sentimento de solidão pelo facto de terem perdido muitas das redes de suporte afetivo que tinham ao ficarem desempregados;</p> <p>2 - Baixa autoestima, sentindo-se incapazes de expressarem aspetos positivos sobre si mesmos;</p>	<p>- Criação de momentos de partilha, onde seja também possível a criação de laços e do heteroconhecimento entre os participantes;</p> <p>- Reconstrução de algumas das relações que os participantes considerem mais relevantes para o seu bem-estar;</p> <p>- Promoção de momentos de reflexão em que os participantes pensem sobre si mesmos e sobre as suas características, tendo o apoio dos restantes elementos do grupo no sentido destes partilharem a sua visão sobre os colegas</p>

## Quadro 1 – Tabela de problemas e necessidades

Em grupo, optou-se por priorizar o problema 1 referente aos Clubes ALPE, pois foi entendido que o que levaria as pessoas a não participar seria o facto de elas não terem nenhum poder de decisão sobre o que poderia ser feito nos Clubes: *“Se isto é um espaço para as pessoas, deveriam ser elas a poer dizer o que querem fazer, não é?”* (J.); *“Parece é que a ALPE quer chegar aqui e mandar-nos fazer meia dúzia de coisas que não sabemos bem para que servem...”* (T.); *“Contas à Vida ou Passa-a-Palavra, eu nem sei bem o que são, mas também não quero que ninguém venha fazer contas à minha vida”* (F.). Isto acaba por ir contra a ideia que a ALPE ainda tem dos Clubes e que se revela como já não sendo atual, pois as pessoas não consideram que os clubes tenham como potencialidades *“O facto de serem flexíveis, de serem dinâmicos, de se adaptarem ao grupo, o facto de ter uma duração que acaba por não ser muito extensa, o facto de ser uma educação não formal, de ser algo muito próximo entre o dinamizador e as pessoas que o frequentam”*<sup>31</sup>.

Além disso também os dois problemas sentidos pelo grupo foram priorizados pois chegou-se à conclusão que estes tinham um impacto direto negativo no dia-a-dia de cada uma destas pessoas: *“Eu já nem sei bem quem sou... Sinto que perdi alguma da minha alegria, e parece que acho que todos os outros são melhor que eu eu...”* (T.); *“Não posso esperar milagres mas gostava que aqui pudesse voltar a ter um grupo de amigos, porque no fundo eu agora não tenho ninguém, só o meu marido e o meu filho”* (N.); *“Eu não acho que seja boa em nada... Safo-me nalgumas coisas, mas não sou boa em nada.”* (MJ.).

A par destes problemas todas as necessidades presentes na tabela também foram priorizadas, com exceção da necessidade relativa a *“Repensar, refletir e reconstruir a metodologia de intervenção dos Clubes ALPE”* sendo que se espera, no entanto, conseguir alguma mudança neste sentido.

---

<sup>31</sup> Confrontar com Apêndice VI – Transcrição da entrevista realizada à RC, coordenadora dos Clubes ALPE

Para apoiar a intervenção a ser realizada foi também necessário pensar nos recursos e potencialidades, que podem ser vistos na tabela seguinte:

<b>Potencialidades</b>	<b>Recursos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Parecerias com diferentes entidades, incluindo Juntas de freguesia;</li> <li>- Espaços físicos bem preservados na Junta de Argoncilhe;</li> <li>- Grupo de participantes com vontade de partilhar experiências;</li> <li>- Grupo de participantes heterogéneo (idades, experiência profissional, vivências pessoais);</li> <li>- Atendimento personalizado por parte da ALPE;</li> <li>- Equipa técnica multidisciplinar;</li> </ul>	<p><u>Humanos:</u> - os participantes dos Clubes ALPE de Argoncilhe e Pigeiros;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Equipa de formadores da ALPE;</li> <li>- Equipa técnica da ALPE;</li> </ul> <p><u>Materiais:</u> - material lúdico que a ALPE tem (papel de cenário, canetas, marcadores, folhas);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Salas cedidas pela Junta de freguesia de Argoncilhe;</li> </ul>

Quadro 2 –Tabela de potencialidades e recursos

### 3. PLANIFICAÇÃO DO PROJETO

A elaboração do projeto exige que haja uma planificação do mesmo, no sentido de se introduzir alguma organização e racionalidade em relação à ação (Ander-Egg, 1989). O conceito de planificação pode, então, ser definido como o processo para “determinar para onde ir e estabelecer os requisitos para chegar a esse ponto da forma mais eficaz e eficiente possível” (Kaufman, 1980).

No projeto aqui apresentado, a planificação apenas faz sentido pois houve por parte dos sujeitos um desejo de mudança, partindo da análise e reflexão sobre a realidade, que proporcionou que se estabelecesse um caminho a seguir para alcançar os objetivos estabelecidos, tendo sempre em conta a possibilidade de surgirem oportunidades ou dificuldades (Cembranos, Bustelo, & Montesinos, 1988). Tal como refere Serrano (2008) a planificação assenta em três princípios base que vão ao encontro do que é referido anteriormente: a participação de todas as pessoas envolvidas, a presença da vontade de ser melhor ao nível do desenvolvimento, seja ele pessoal ou comunitário, e aceitação de todo este processo pois sem ele não se atingem os objetivos esperados.

Como foi possível verificar, a análise da realidade implica o levantamento de problemas e a compreensão das necessidades<sup>32</sup> que surgem dos mesmos, para que depois seja possível priorizar. A questão da priorização não é totalmente corente no sentido em que pode ser encarada como subjetiva, visto que o que é prioritário para certas pessoas, pode não o ser para outras (Serrano, 2008). No entanto é importante que se priorize pois, caso contrário, seria necessário intervir em variados problemas e necessidades ao mesmo tempo, sem uma seleção dos mesmos.

Juste (2006) propõe alguns critérios que podem apoiar o processo de priorização: a gravidade (ser uma necessidade sentida fortemente por todos e precisar de uma intervenção urgente), a rendibilidade (optar por problemas que acabem por levar a outros mais gerais, havendo assim um efeito circular se não forem resolvidos), a imediatez (problemas e necessidades em que se consigam efeitos imediatos, que possam levar a que se quebre com alguns comportamentos/situações habituais), a eficácia (intervir nos problemas em que se consiga resultados mais facilmente, ou nos quais o grupo revele uma forte vontade de intervir, levando assim à implicação) e a responsabilidade (priorizar problemas que sejam da responsabilidade dos participantes, ou que sejam da responsabilidade de instituições/sujeitos que se demonstrem

---

<sup>32</sup> As necessidades podem ser entendidas como a “discrepância entre a situação existente e a situação desejada, ou seja, a distância entre o que é e o que deveria ser” (Serrano, 2008, p. 31).

interessados em participar na sua resolução), sendo que todos estes critérios devem estar aliados à motivação e interesse dos participantes, assim como às suas expectativas pessoais e grupais.

É tendo por base os problemas e necessidades priorizados que é possível, então, desenhar o projeto, sendo que neste há que estabelecer a finalidade, os objetivos gerais e específicos, os recursos e potencialidades disponíveis, as estratégias a utilizar e as ações e atividades que se pretendem realizar.

A finalidade pode ser encarada como a grande meta, quase utópica, que se quer alcançar com o projeto, sendo uma linha de orientação que proporciona aspetos comuns a todas as ações e atividades, assim como intencionalidade (Cembranos, Bustelo, & Montesinos, 1988).

Em relação aos objetivos, Espinoza (1986) defende que os objetivos gerais têm um sentido mais amplo, ao passo que os objetivos específicos nomeiam formas mais precisas do que se pretende alcançar, apoiando assim o aspeto mais operacional do projeto (Serrano, 2008).

No que diz respeito aos recursos podemos enunciar três tipos: recursos humanos, materiais e financeiros (Serrano, *Elaboração de projetos sociais - Casos práticos*, 2008). O recursos humanos relacionam-se com o número de pessoas necessárias para a realização das ações que o projeto define, assim como a qualidade das mesmas e a responsabilidade que elas assumem (Espinoza, 1986). Os recursos materiais referem-se aos espaços físicos, às infra-estruturas e aos materiais necessários para o desenvolvimento do projeto (Serrano, 2008). E os recursos financeiros estão relacionados com algum tipo de apoio económico-financeiro de que o projeto necessite (Serrano, 2008).

A definição das estratégias a utilizar serve de auxílio para alcançar os objetivos a que o projeto se propõe, podendo ser encaradas como “o modo ou a forma de agir efectivamente para alcançar uma meta” (Serrano, 2008, p. 50).

A planificação de projetos em Educação e Intervenção Social assume assim um papel decisivo na transformação social pois “Não nos podemos esquecer de que a realidade é melhorada não por se fazer muito, mas por se planear uma acção significativa que propicie de forma óptima a mudança e a melhoria dessa realidade. Isto incita-nos à reflexão constante sobre o que fazemos, ao mesmo tempo que nos convida a repensarmos constantemente as nossas tarefas” (Serrano, 2008, p. 13).

## 4. O DESENHO DE PROJETO

Finalidade: Promover a melhoria da qualidade de vida dos que frequentam os encontros em Argoncilhe, a nível social, relacional e comunitário, com vista ao desenvolvimento do *empowerment* e da participação ativa.

Os objetivos gerais devem ser entendidos como mais amplos, no sentido em que “o projeto deve...”. Já os objetivos específicos devem compreender a capacidade dos sujeitos, sendo formulados com o intuito de “os sujeitos devem ser capazes de...”.

Objetivo Geral 1: Promover a autoestima e o autoconceito dos participantes

OE 1.1: Construir estratégias de valorização das suas competências pessoais;

OE 1.2: Partilhar saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da vida;

OE 1.3: Agir assertivamente face a problemas com que se deparem no dia-a-dia;

OE: Tomar a iniciativa de participar ativamente no grupo

Objetivo Geral 2: Proporcionar momentos que facilitem a coesão grupal e a criação de uma rede de suporte afetivo

OE 2.1: Contribuir com possíveis soluções aos problemas trazidos pelos outros;

OE 2.1: Expor experiências e vivências pessoais;

OE 2.3: Manter o contacto com os elementos que constituem o grupo

Objetivo Geral 3: Sensibilizar o grupo para a importância de viver em comunidade

OE 3.1: Reconhecer a importância da vida comunitária no decorrer das suas vidas;

OE 3.2: Valorizar a sua implicação na vida da comunidade;

Objetivo Geral 4: Estimular a participação dos sujeitos na planificação das edições dos Clubes ALPE

OE 4.1: Refletir sobre a atual edição dos Clubes ALPE;

OE 4.2: Apresentar alternativas para as novas edições;

Estratégias utilizadas: exercícios de dinâmicas de grupo; realização de encontros semanais; grupos de discussão; gravação áudio de alguns encontros, assim como fotografar e filmar (pretende-se que estas estratégias apoiem também no processo contínuo de avaliação);

Ações:

- A ação “Tempo para me (re)encontrar” incide sobre o problema relativo ao sentimento de inferioridade e incapacidade por parte dos participantes dos encontros em Argoncilhe. Partindo de questões como “Quem sou eu?” ou “Quais os meus pontos fortes e menos fortes?”, o grupo pretende criar momentos em que seja possível a reflexão sobre o sujeito individual de cada um, pretendendo reencontrar as suas qualidades, aquilo em que se sentem mais confortáveis e seguros possibilitando, também, a consideração sobre o percurso profissional.
- A ação “Encontros com laços”, ainda remetendo ao problema anterior, possibilita a criação de vínculos entre os participantes do grupo, através da partilha de vivências e situações do dia-a-dia nos “Momentos da partilha” onde há lugar para o apoio mútuo e aconselhamento para enfrentar os problemas sentidos. Ao mesmo tempo, o grupo acredita que através desta partilha será possível abrir espaço para alargarem esta possível rede de conexões a mais pessoas da comunidade.
- A ação “Reencontrar projetos” surge já depois de vários encontros entre o grupo, sendo que os seus elementos verificam que têm aspetos em comum, tanto a nível profissional como de interesses

personais, e por esse motivo decidem projetar uma ideia de possível negócio

- A ação “Ao encontro da ALPE” debruça-se sobre o problema relativo à falta de participantes na 7ª edição dos Clubes ALPE. Tendo por base a reflexão constante e a troca de opiniões, o grupo pretende apresentar à direção da ALPE propostas de planeamento e elaboração dos Clubes mais participadas e que, assim, contem com o envolvimento dos sujeitos a quem se destinam.

Ações	Atividades desenvolvidas	Calendarização
<p><b>Ação “Tempo para me (Re)Encontrar” e Ação “Encontros com laços”</b></p>	<p>- <u>“Momentos da partilha”</u> – no início de todos os encontros, o grupo partilha acontecimentos que ocorreram ao longo da semana em relação aos quais necessitem de ajuda/apoio dos restantes elementos ou que considerem pertinentes de ser refletidos em conjunto;</p> <p>- <u>“Árvore do Sentimentos”</u> – no final de cada encontro, os elementos do grupo escrevem num papel como se sentem e colam-no na árvore;</p> <p>- <u>“Puzzle: O que espero do Grupo?”</u> – cada elemento do grupo recebe uma peça de puzzle na qual</p>	<p>2 de Fevereiro de 2015, segunda-feira            10 de Fevereiro de 2015, terça-feira            23 de Fevereiro de 2015, segunda-feira            4 de Março de 2015, quarta-feira            9 de Março de 2015, segunda-feira            17 de Março de 2015, terça-feira            31 de Março de 2015, terça-feira            10 de Abril de 2015, sexta-feira</p> <p>09.30h-12.00h</p>

	deve escrever o que espera do grupo.	
<b>Ação “Reencontrar projetos”</b>	<p>- “<u>Momentos da partilha</u>” – no início de todos os encontros, o grupo partilha acontecimentos que ocorreram ao longo da semana em relação aos quais necessitem de ajuda/apoio dos restantes elementos ou que considerem pertinentes de ser refletidos em conjunto;</p> <p>- “<u>Árvore do Sentimentos</u>” – no final de cada encontro, os elementos do grupo escrevem num papel como se sentem e colam-no na árvore;</p>	<p>17 de Abril de 2015, sexta-feira  24 de Abril de 2015, sexta-feira  6 de Maio de 2015, quarta-feira  15 de Maio de 2015, sexta-feira  22 de Maio de 2015, sexta-feira</p> <p>09.30h-12.00h</p>
<b>Ação “Ao encontro da ALPE”</b>	- “Refletindo sobre os Clubes ALPE em Argoncilhe”	<p>8 de Maio de 2015, sexta-feira  3 de Junho, quarta-feira</p> <p>09.30h-12.00h</p>

Quadro 3 – Tabela de ações do projeto e respetiva calendarização

## 5. AVALIAÇÃO DE ENTRADA

A avaliação de entrada serve para “ajudar a prescrever um programa mediante o qual se efectuem as mudanças necessárias” (Stufflebeam & Shinkfield, 1995, p. 197), avaliando a coerência entre os problemas e necessidades priorizados, a finalidade, os objetivos, as estratégias a utilizar, as ações, e a exequibilidade do mesmo.

Assim, depois de um trabalho em conjunto com os participantes para priorizar os problemas e necessidades, o desenho de projeto foi pensado e debatido entre todos. No entanto não se conseguiu alcançar de imediato uma coerência interna, o que levou a que o desenho do projeto fosse reformulado por três vezes.

No 1º desenho de projeto<sup>33</sup> verificava-se que a finalidade parecia não transmitir a questão da participação, que foi sendo um fator presente, com a ideia de “empoderar” os participantes. Aparentava a ideia de que a investigadora, cheia de poder e sabedoria, iria passar conhecimentos e competências aos participantes, ocultando assim um projeto em que a troca de experiências e saberes foi constante. Além disso alguns dos objetivos específicos confundiam-se com indicadores de avaliação, e a calendarização prevista não abrangia todas as ações e datas que, com o desenvolver do projeto acabaram também por surgir.

No 2º desenho de projeto<sup>34</sup> a questão do *empowerment* ainda se mantinha pelo facto da formulação da frase não estar construída de forma a transmitir a ideia de *empowerment* enquanto um processo de emancipação pessoal e grupal, em que as pessoas compreendem que são sujeitos capazes de ter poder e influência na realidade em que vivem<sup>35</sup>, podendo assim transformá-la. Também os objetivos específicos não estavam totalmente construídos tendo por base a ótica dos sujeitos (os objetivos específicos devem ser construídos

---

<sup>33</sup> Confrontar apêndice VII – 1º Desenho de Projeto

<sup>34</sup> Confrontar apêndice VIII - 2º desenho de projeto

<sup>35</sup> Confronta Enquadramento Teórico

sob o pensamento de que “os sujeitos devem ser capazes de...”), confundindo-se com objetivos gerais. Verificava-se ainda a falta de um objetivo geral, e seus específicos, que contemplassem a uma visão mais comunitária dos impactos que o projeto poderia trazer para os participantes.

Ao terceiro desenho de projeto<sup>36</sup> foi finalmente possível encontrar a tal coerência interna que se desejava: verifica-se que a finalidade pretende responder às necessidades priorizadas, sendo que os objetivos gerais e específicos vão ao encontro da mesma, e abrangem as diferentes dimensões dos problemas sentidos. Também as estratégias pensadas vão ao encontro das características do próprio grupo de participantes, proporcionando a oportunidade de todos poderem intervir e evoluir, e as ações assumem a verdadeira dimensão temporal que o projeto teve e o que foi surgindo de novo ao longo do processo<sup>37</sup>.

Em relação aos possíveis constrangimentos, alguns elementos do grupo desde cedo assumiram que se surgisse a oportunidade de ingressarem novamente no mercado de trabalho ou em formações financiadas deixariam de participar no grupo (“*Se entretanto eu for chamada para fazer formações em que já estou inscrita vou ter de deixar de vir*” – F.), assim como a possível desmotivação dos participantes, relacionada com o estado psicológico em que se encontravam faziam com que estes sentissem que talvez o projeto não criasse os impactos e a mudança expectadas (“*Não sei se vamos conseguir atingir algum objetivo, mas ao menos vimos aqui e saímos de casa*” – E.). No que dizia respeito à tentativa de se conseguir efetivar a participação das pessoas na formulação das edições dos Clubes ALPE, o grupo revelava sentir algum receio em partilhar com a ALPE a sua opinião pois acreditava que esta não seria valorizada (“*E você acha que eles vão ligar alguma coisa ao que nós pensamos?*” – N.) e que seria difícil encontrar um momento em que fosse possível esta partilha (“*Oh Renata então tu mal consegues reunir com a coordenadora e achas que nós vamos conseguir reunir com ela?*” – T.). Colocava-se aqui também a dúvida sobre onde poderíamos realizar os

---

<sup>36</sup> Confrontar O Desenho de Projeto

<sup>37</sup> Confrontar Desenvolvimento e Avaliação do Processo

encontros previstos, mas esta acabou por ser resolvida através de um pedido que foi feito ao Presidente da Junta de Freguesia de Argoncilhe para a utilização de uma das salas de que o edifício da Junta dispõe, ao qual ele acedeu afirmativamente.

Sempre foi partilhado com o grupo que este processo seria alvo de uma avaliação contínua e, por isso mesmo, foi-lhes proposto que pensassem em como é que poderíamos verificar se atingiríamos ou não os objetivos estipulados, o que resultou na elaboração dos seguintes indicadores de avaliação, sendo eles maioritariamente qualitativos:

Objetivos	Indicadores de Avaliação
O.G. 1 e respetivos específicos	<p>(a participante...)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Enuncia 3 qualidades sobre si mesma;</li> <li>- Partilha com frequência situações da sua vida, ou dá exemplos relativos com esta;</li> </ul>
O.G. 2 e respetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contacta com os restantes elementos do grupo fora do contexto dos encontros pelo menos uma vez por semana;</li> <li>- Escuta as situações trazidas pelas colegas e aconselha-as;</li> </ul>
O.G. 3 e respetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Está em contacto com locais frequentados pela comunidade (cafés, jardim público, padaria), pelo menos uma vez por semana;</li> <li>- Recorre a pessoas com as quais havia perdido o contacto;</li> <li>- Participa em saídas com amigos/colegas</li> </ul>

O.G. 4 e respetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participa na reflexão relativa aos Clubes ALPE em Argoncilhe;</li> <li>- Enuncia, pelo menos, uma proposta de melhoria (uma proposta por elemento do grupo presente);</li> <li>- Apresenta uma postura segura (fala sem hesitações, responde a questões que possam ser colocadas, sente-se confortável com tudo o que está a apresentar) na apresentação desta reflexão à coordenadora da ALPE</li> </ul>
---------------------------------	--

Quadro 4 – Tabela de indicadores de avaliação

A estes indicadores acrescenta-se ainda o discurso dos participantes que serve também de suporte à avaliação de processo e de produto, havendo assim espaço para justificar possíveis objetivos que não forem alcançados e resultados obtidos que possam não estar previstos.

## 6. DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DO PROCESSO

“A avaliação não deve ser algo pontual, mas sim um *processo* para obter a informação necessária, ordenada, relevante, fiável, válida e atempada, a fim de se emitir um juízo de valor sobre a qualidade do processo [...] desde o seu início até ao fim” (Serrano, *Elaboração de projetos sociais - Casos práticos*, 2008, p. 95), o que salienta a importância de refletir sobre todo o processo que esteve inerente ao projeto em questão. Esta reflexão não é apenas da autoria da investigadora, mas também dos participantes e co-construtores do projeto<sup>38</sup>.

As ações “Tempo para me (re)encontrar” e “Encontros com laços” foram sendo realizadas ao mesmo tempo, sem haver propriamente uma diferenciação e espaçamento, visto que ambas tencionavam proporcionar momentos de partilha e reflexão que para além de terem como objetivo desconstruir a imagem negativa que cada um dos participantes tinha em relação a si mesmo, também pretendiam desenvolver um sentimento de grupo, de pertença e identidade para que este se tornasse uma rede de suporte entre os elementos. No entanto, cada um dos encontros inicialmente realizados no âmbito destas ações foi planeado para que, através de essencialmente exercícios de dinâmicas de grupo e de discussões em grupo, se desenvolvesse o que era pretendido com cada uma delas, mas com o tempo o grupo foi assumindo o controlo do planeamento e, em conjunto, refletia-se sobre o que seria necessário fazer num encontro seguinte<sup>39</sup>.

Este processo, que sempre apelou à participação e envolvimento das pessoas que constituíam o grupo, acabou por gerar novas ideias de atividades e ações. Logo no primeiro encontro realizado apareceram apenas três

---

<sup>38</sup> Tendo por base a metodologia da Investigação-Ação Participativa a participação dos atores sociais envolvidos deve ser constante ao longo de todo o desenvolvimento do projeto – Confrontar com Enquadramento Metodológico.

<sup>39</sup> Confrontar Apêndice IX - Caderno de anotações dos encontros realizados

participantes, o que levou a que o que estava planejado para esse momento não fosse realizado porque o número de participantes não era suficiente. Esta situação fez com que fosse necessário improvisar e, por isso, foi pedido às participantes presentes que falassem um pouco sobre o porquê de sentirem que já não tinham redes de suporte. A partir daqui, as três (T., MJ, F.) foram dando diferentes motivos para isso ter acontecido, mas foi na história da N. que se centrou a discussão do grupo. Assim foi proposto que elas fizessem a atividade “Pensar fora do quadrado” que consistia em dar motivos diferentes daqueles que a N. trazia para que as colegas dela se tivessem afastado. No fim deste encontro o grupo sugeriu que houvesse um momento dedicado à partilha de situações que fossem acontecendo ao longo da semana e em relação às quais sentissem necessidade de partilhar fosse apenas para desabafar, fosse para procurar outros pontos de vista, porque consideraram que este encontro lhes proporcionou compreender que por vezes estamos tão submersos nos nossos próprios problemas que não conseguimos encontrar uma solução ou, pelo menos, outra visão sobre eles que nos ajude a relativizá-los, aparecendo assim o “Momento da Partilha”.

No segundo encontro foi partilhado com o grupo, com o consentimento da N., aquilo que tinha sido tratado para além de se perceber se fazia sentido para os restantes elementos a realização do “Momento da Partilha”, ao que todos concordaram. Construiu-se o “Puzzle: O que espero que o grupo seja?” com a intenção de perceber o que é que cada um dos elementos esperava do grupo para que, num momento final, se olhasse para este e se refletisse se aquilo que foi expectado aconteceu, sendo assim um suporte também para a avaliação contínua.

A partir daqui estavam planejados mais seis encontros destinados a estas ações<sup>40</sup>, que tinham sido programados tendo por base a disponibilidade dos participantes e o tempo que estes pretendiam dar a este projeto.

O próprio nome do projeto – “Deixem que eu me (Re)Encontre” – foi escolhido neste processo de construção pessoal, social e relacional pois, além de se ter denominado logo de início os momentos em conjunto como

---

<sup>40</sup> Confrontar Ações e calendarização do Desenho de Projeto

“encontros” visto que se pretendia romper com a ideia que os participantes tinham de que os Clubes ALPE eram cursos de formação e distinguir esta intervenção como algo distinto que não assentava na educação formal, também foi surgindo por parte dos participantes a ideia de que nestes momentos conjuntos eles se reencontravam no sentido de voltarem a ter momentos de reflexão, de questionamento, quase até de introspeção (*“Estes encontros estão sempre presentes na minha agenda porque são um momento em que eu saio de casa, me arranho, e esqueço tudo o que me preocupa...”* N.; *“Eu nunca tinha refletido sobre estas questões, nem imaginava que este tipo de coisas acontecessem tão perto de mim... Mas isso faz-me pensar no número de pessoas que eu posso conhecer que talvez sofram desta maneira e que eu não faço ideia...”* T. – sobre questões relacionadas com violência que a N. foi trazendo nos “Momentos da Partilha” – *“Aqui eu sinto que voltei a ganhar a alegria e energia que tinha e que fui perdendo com o tempo... O dia-a-dia não nos proporciona momentos destes.”* E.).

No sexto encontro realizado a F. e a MJ. informaram o grupo de que iriam iniciar um percurso formativo que lhes iria ocupar o dia todo e, por isso, não poderiam continuar a participar. A F. optou por um curso de Bar e Mesa e a MJ. por um curso de pastelaria que lhe iria conceder a equivalência ao 6º ano, algo que ela queria muito. Verificou-se também que o J. só esteve presente nas reuniões iniciais e no 3º encontro que se realizou pelo facto de, tal como havia avisado no início, com a paragem do tempo de chuva conseguiu arranjar alguns trabalhos de jardinagem para fazer. E, assim, o grupo ficou com três elementos: a T., a N. e a E.. Como nesse encontro a MJ. e a F. saíram mais cedo, pois foram apenas informar o grupo deste novo percurso nas suas vidas e despedir-se das colegas, os restantes elementos começaram a falar sobre formações que já haviam feito e do seu percurso profissional. A E. sugeriu que, em conjunto, pensássemos sobre isto pois admitiu que a procura de emprego que fazia era, talvez, insuficiente e que nunca tinha tido um curriculum. Surgiu, assim, a necessidade de alargar a calendarização do projeto.

Esta situação demonstrou que a N., a E., e a T. se sentiam envolvidas neste processo pois tinham vontade de continuar a participar (*“Nós podemos alargar a continuidade destes encontros.”* T.; *“Até se fala com o Presidente e ele deixa-nos estar por aqui mais tempo.”* E.), sendo que esta proposta trazida

revelou também que elas já se sentiriam suficientemente bem com os restantes elementos e consigo mesmas para poderem pensar agora noutras questões.

De facto foi-se verificando uma evolução de todas elas ao longo destes seis encontros iniciais:

- a E. não costumava participar sem que fosse incentivada a tal ou sem que nos dirigíssemos especificamente a ela, sendo que se mantinha na maioria das vezes com os olhos postos na mesa, evitando o contacto visual. No 6º encontro é ela que tem a iniciativa de propor uma nova situação para reflexão, revelando que já estaria a sentir-se mais integrada no grupo;
- a N. inicia este percurso sempre com um semblante muito carregado, chorando com muita facilidade e sempre revelando o receio de ser julgada ou rejeitada pelas colegas. No entanto, ao 4º encontro, quando as colegas conseguem dizer porque é que ela é importante<sup>41</sup> toda a sua postura muda, acabando por revelar que *“Não fazia ideia que conseguiriam encontrar um motivo para eu poder ser importante”* (N.). Conhece-se então uma N. mais sorridente, capaz de aconselhar as colegas e apoiá-las;
- em relação à T., ela acaba por revelar no 6º encontro um motivo para não estar a conseguir partilhar vivências pessoais: *“Não queria dizer isto, mas fico contente por o grupo ficar mais pequeno e com estes elementos, pois uma das pessoas que aqui estava inibia-me de alguma forma... Nem sei explicar bem o porquê, mas sentia-se constrangida para falar de mim.”*.

No 7º encontro realizado é, então, proposto ao grupo que pense na sua trajetória profissional, não se focando apenas em trabalhos que já tiveram, mas referindo também competências ou saberes que considerem importantes e pertinentes a ter em conta num futuro. Refletiu-se sobre o que poderia ser feito com estes percursos e o grupo sentiu que era importante reformularem os currículos e, no caso da E., construir um (*“Talvez devêssemos começar por refazer os nossos currículos, pois acaba por ser algo indispensável para a*

---

<sup>41</sup> Confrontar Apêndice IX - Caderno de Anotações

*procura de emprego*” T.). Desta forma, no encontro seguinte, foram construídos em conjunto os currículos de cada uma das participantes, tentando que estes transmitissem a personalidade de cada uma delas<sup>42</sup>, não sendo assim mais um currículo.

Surgiu então a questão: o que é que se pode fazer agora? Já se havia desenhado o percurso profissional, com base nele construíram-se os currículos, o passo seguinte parecia ser apoiar a procura de emprego, mas assim esta intervenção iria tornar-se, a partir daqui, uma réplica do trabalho feito na ALPE, ou mesmo no Centro de Emprego. Debateu-se esta situação em grupo e, nunca esquecendo a finalidade do projeto, foi questionado se seria possível encontrar interesses em comum no percurso profissional de cada uma delas que pudessem ajudar a elaborar alguma ideia de grupo.

É neste seguimento que surge a ação “Reencontrar projetos” que leva a um prolongamento ainda maior no tempo de intervenção inicialmente planeado. Esta constrói-se tendo por base a ideia que surge do grupo em planearem uma possível ideia de negócio, surgindo então a “Mãozinha Ajudante”<sup>43</sup>.

É também com o desenvolvimento desta ideia que se verifica uma maior evolução em cada um dos elementos do grupo, sendo que isso pode ser confirmado através da “Árvore dos Sentimentos”<sup>44</sup> na qual, a partir do 8º encontro, se podem encontrar papéis preenchidos com várias imagens, e a repetição de palavras como *“perspectivas”, “realizada”, “alegre”*. Isto revê-se ainda nos discursos das participantes: *“Sinto que pode haver aqui uma ideia que trará mudanças para todas nós.”* E.; *“Sempre pensei na possibilidade de criar o meu próprio negócio, mas acho que na altura não tinha força suficiente.”* T.; *“Eu sinto que mesmo que não seja possível realizar nada disto, ao menos tivemos espaço para acreditar em nós.”* N..

O facto de terem de planear toda esta ideia e de, por isso mesmo, ser necessário compreender se seria possível ou não, as implicações legais que a mesma acarretaria e até em que freguesias/locais poderia ter algum sucesso

---

<sup>42</sup> Confrontar Apêndice IX – Caderno de Anotações

<sup>43</sup> Confrontar Apêndice IX – Caderno de Anotações

<sup>44</sup> Confrontar Apêndice X - “Árvore dos Sentimentos”

levou a que o grupo tivesse de procurar algumas pessoas com as quais já tinham tido algum tipo de contacto que as pudessem auxiliar, sendo que este contacto foi estabelecido por iniciativa delas: *“Fui falar com um senhor que é presidente de uma associação e com uma colega dele para percebermos como é que podemos levar esta ideia avante”* T.; *“Eu estive a falar com algumas vizinhas minhas desta ideia, para perceber se elas estariam interessadas nos nossos serviços, e elas disseram que achavam quer era uma ideia útil e necessária aqui na freguesia”* E..

A confiança que estas mulheres foram ganhando também é visível neste processo visto que numa fase inicial algumas delas nem mantinham contacto visual com os outros, e nesta fase já se sentiam suficientemente à vontade para mobilizarem a comunidade de forma a perceberem que serviços é que são necessários: *“O que podíamos fazer eram uns lanchinhos aqui na freguesia, que toda a gente aparece para comer, e aproveitávamos para perguntar às pessoas que serviços é que fazem falta aqui”* E.; *“E até podia-se fazer isso em mais freguesias do concelho...”* T.; *“O ideal era marcarmos reuniões com os Presidentes das Juntas e vermos se eles nos deixam usar os espaços das juntas para estas coisas...”* N..

Esta confiança que foi sendo desenvolvida acabou por ser visível na ação *“Ao encontro da ALPE”* pois foi necessário refletirem sobre diferentes aspetos dos Clubes ALPE em Argoncilhe e partilharem as conclusões a que chegaram com a coordenadora da ALPE e a coordenadora dos Clubes. Não houve qualquer tipo de hesitação na forma como, tanto a T. como a E. (a N. não pôde estar presente neste momento), expuseram o seu ponto de vista, sendo que controlaram por completo todo este encontro, respondendo a todas as perguntas que lhes foram colocadas e, até, aceitando um desafio que lhes foi proposto pela coordenadora da ALPE: se estariam dispostas a, futuramente, dinamizarem um ou mais grupos, com os objetivos deste projeto, na freguesia de Argoncilhe.

Constata-se, então, que do desenvolvimento deste projeto resultou uma nova ação que não havia sido planeada mas acabava por trazer impactos significativos à vida de cada um dos elementos do grupo, evidenciando assim que a reflexão e avaliação contínuas permitem que haja resposta a determinadas situações que não foram identificadas e previstas ao longo do desenvolvimento de todo o processo.

A T., no encontro realizado com a coordenadora da ALPE e dos Clubes, referia que este processo poderia ser encarado da seguinte forma: “*Primeiro vais-te reestruturar, vais-te analisar, para depois construíres algo mais*”, reforçando que foi necessário primeiro haver espaço para que cada um dos elementos tentasse reencontrar força, motivação, ou até capacidades que julgavam perdidas, o que ela apelidou de “*exploração pessoal*”, para que depois fosse possível construir algo comum, uma ideia maior.

## 7. AVALIAÇÃO DO PRODUTO

De uma forma geral verificou-se que as ações planeadas foram ao encontro dos objetivos do projeto e, conseqüentemente, às necessidades sentidas pelas pessoas.

No sentido de se poder refletir sobre o impacto do projeto na vida da T., da N., e da E. realizou-se um encontro<sup>45</sup> onde se refletiu sobre aquilo que todo este processo significou para elas, que foi dividido em três momentos distintos: o primeiro consistiu na realização de um exercício sociométrico – “Posiciono-me” - onde cada uma delas tinha de se posicionar no valor, de 1 a 10, que achavam adequado face à frase que era lida; o segundo correspondeu a um momento de reflexão de tudo o que foi vivido, recorrendo à análise da “Árvore dos Sentimentos”, do “Puzzle: o que eu espero deste grupo?” e da caixa que foi construída como sendo uma metáfora delas mesmas; e o terceiro momento correspondeu à construção do “Mapa de Encontros” onde as três caracterizaram o processo através de palavras ou expressões, apontaram os aspetos positivos e menos positivos, e se descreveram tendo em conta como se sentiam nesta fase das suas vidas.

Verificou-se que todas as participantes se posicionaram no valor 10 em relação às frases “Sinto que posso confiar nas pessoas do grupo”, “Pretendo manter o contacto com os restantes elementos” e “Como avalio este processo?”, e demonstraram que, com o passar do tempo, se foram sentindo mais reflexivas, fosse em relação às suas próprias vidas, fosse em relação ao que se passava na sociedade, e mais participativas, sentindo que o processo proporcionou que recuperassem capacidades e competências, tal como já foi referido *“No meu caso as mudanças foram... Não mudei a minha essência... eu acho que recuperei... bem há alguns anos que tenho tido alguns percalços que me levaram a ir perdendo algumas das minhas características mais positivas, e portanto eu não mudei... eu recuperei a minha identidade. E é*

---

45 Confrontar apêndice XI – Encontro para refletir...

*engraçado porque era isso que eu tinha esperança que acontecesse!” T.; “A N. que estava no fundo do poço, como eu costumo dizer, e dizia assim: “Ai hoje tenho um encontro com a minha colega, ai mas tenho primeiro de fazer isto...” E eu deixava de ir ao encontro com a colega para fazer as outras coisas que me exigiam. Mas com isto tudo na minha agenda estava “Encontro” e eu tinha de vir ao encontro, houvesse o que houvesse... E foi nessa parte que eu sinto que mudei: foi como se deixasse as outras coisas para o lado para ter um tempo para mim! A partir do momento que entrei aqui consegui valorizar-me...” N.; “No fundo eu sinto que agora sou mais eu...” E..*

Em relação à análise da “Árvore dos Sentimentos”, à caixa e ao puzzle de grupo foi com alguma nostalgia e emoção que recordaram o que já tinham vivido ao longo dos encontros e as coisas que tinham escrito. Chegou-se à conclusão que o grupo tinha ido ao encontro do que esperavam dele: *“grupo unido e que nos fossemos compreender”, “liberdade”, “no fim que tenhamos aprendido”; “quero que este grupo seja uma família e que possamos desfrutar do apoio”, “grupo onde nos podemos expressar livremente acerca do que quer que seja”, “encontrar respostas, conforto e partilha”*<sup>46</sup>.

As três participantes caracterizaram ainda todo o percurso com as seguintes palavras e expressões: felicidade, amor, amigos, paz, concretização, cumplicidade, satisfação, novos encontros, paz de espírito, recuperação e vitória. Como pontos fortes referiram o convívio (*“Por acaso reparei que escrevi isso muitas vezes nos papéis [da “Árvores dos Sentimentos”] mas foi porque realmente era importante para mim... Porque se não fosse isto eu estava sempre em casa a arrumar e a tratar do campo”* E.), o positivismo que foi sendo construído (*“Eu saio daqui a acreditar que nem tudo é mau na vida”* N.), as soluções/estratégias para lidar com as situações do dia-a-dia (*“Ajudou-me a encarar os meus problemas de outra forma.”* N.), a construção de projetos futuros (*“Sinto-me com esperança e capaz de ser mais”* T.) e o desejo de continuidade (*“A partir de agora vamos reunir-nos todas as semanas... Vamos ao café, lanchar, ou tomar o pequeno-almoço.”* E.). Como aspetos a

---

<sup>46</sup> Confrontar Apêndice IX – Caderno de Anotações – 2º encontro

melhorar não conseguiram identificar nenhum, mas propuseram momentos que gostavam que tivessem acontecido como uma sessão de terapia do riso e de estratégias de relaxamento, e referiram que estão ansiosas pelo futuro.

Neste encontro, as participantes aproveitaram para referir algumas considerações sobre a postura da investigadora: *“Se não fosse a Renata, se fosse outra pessoa qualquer, acho que isto não teria corrido tão bem, porque desde os Clubes que nos fez sentir uma empatia por si”*; *“O facto de nos ter proposto a construção de um grupo fez com que me sentisse motivada a vir participar... A verdade é que quando os Clubes terminaram podia ter ficado encostadinha e ter dito: “Pronto, acabou”, mas teve iniciativa e mostrou-nos uma possibilidade”* T., *“Senti logo empatia consigo porque quando falei do meu problema nos Clubes [cancro da mamã] teve logo uma postura muito humana e sensível, mas ao mesmo tempo não fez de mim uma coitadinha...”* N.; *“A Renata diz que fomos nós que construímos tudo, mas eu acho que sem si não teria sido possível... Foi um género de motor. Vê-se mesmo que nasceu para isto”* E., demonstrando que o perfil que assumimos para com as pessoas é preponderante para um processo mais ou menos positivo.

Verifica-se, assim, que em relação ao objetivo geral 1: “Promover a autoestima e o autoconceito dos participantes” e aos seus específicos foram encontrados resultados positivos sendo que, inclusivamente, as participantes já são capazes de referirem aspetos positivos em relação a si mesmas<sup>47</sup>: T – “positivismo, sentido de humor, disponibilidade, franca, protetora, sensibilidade, determinação”, N – “sorridente, alegre, linda, jeitosa, boa mãe, boa ouvinte, amável, mulher para tudo o que vem a ter ao seu encontro, tem mente aberta, responsável”, e a E – “sou sincera no que falo, altruísta, sou muito responsável no que me proponho e gosto de conviver”, sendo que todas acabaram por partilhar experiências vividas no sentido de se apoiarem mutuamente, o que nos remete também para o objetivo geral 2.

Ao nível deste: “Proporcionar momentos que facilitem a coesão grupal e a criação de uma rede de suporte afetivo” e seus específicos foi visível que estes três elementos começaram a manter o contacto entre si, principalmente

---

<sup>47</sup> Confrontar Apêndice XI – Encontro para refletir...

através de mensagens escritas no telemóvel, fosse para partilharem conhecimento sobre formações que iriam iniciar, fosse para saber se alguma situação trazida para os encontros tinha sido resolvida (*“Ainda esta semana enviei mensagem à E. para lhe falar de uma formação que ela tinha dito que gostava de frequentar”* N.)

Relativamente ao objetivo geral 3: “Sensibilizar o grupo para a importância de viver em comunidade” verificou-se uma maior abertura e envolvimento das participantes aquando da ação “Encontrar Projetos” ao recorrerem a pessoas conhecidas para analisarem a sua ideia, ou tendo a vontade de envolver a comunidade na mesma. No entanto acabou por se verificar que a ideia de negócio “Mãozinha Ajudante” não iria avançar para já pelo facto das questões da legalização (*“Nós não temos forma de estarmos a envolver-nos em algo que nos traga despesas, por isso o melhor é irmos pensando noutras hipóteses”* T.). Isto não deve ser encarado com o um ponto negativo porque estas mulheres sentiram-se capazes de projetar, idealizar, sonhar com algo, aspetos que evidenciam o impacto positivo de todo este processo nelas.

Por fim, o objetivo geral 4: “Estimular a participação dos sujeitos na planificação das edições dos Clubes ALPE” teve resultados significativos pelo facto do grupo se ter envolvido na reflexão dos Clubes e ter devolvido essa mesma reflexão à ALPE. Isto acabou por proporcionar que a ALPE compreendesse o que as pessoas sentem quando os Clubes terminaram sem justificação aparente (*“Nós experimentámos os Clubes e passados uns dias vocês desistiram de nós”* T.; *“Se não fosse a construção do projeto tudo o que viesse da ALPE seria visto com desconfiança a partir de agora”* E.) e, face a isto, fosse proposto que elas dinamizassem um grupo deste género visto que os Clubes sofrerão uma reestruturação <sup>48</sup>. Este momento de partilhar revelou-se fulcral para que a ALPE compreendesse a importância de ir ao encontro do que as pessoas desejam (*“Não tinha noção que se sentiam desta forma quando os Clubes terminavam... Dizerem que desistimos deles foi forte”* RC;

---

<sup>48</sup> O modelo de intervenção dos Clubes ALPE será modificado após terminarem os Clubes em Lourosa porque, no próximo ano, estes deixarão de ter financiamento o que permitirá uma reestruturação dos mesmos, na qual se pretende envolver mais as pessoas.

*“Muito obrigado por este momento porque nos fez compreender qual o caminho certo que os Clubes devem tomar... Penso que agora temos a oportunidade de ir novamente ao encontro da sua verdadeira essência” JM).*

É necessário ter em consideração que nem todos os indicadores de avaliação positivos: as participantes não conseguiram criar momentos em que pudessem passear e descontraír das tarefas do dia-a-dia, pelo menos uma vez por semana, sem ser nos encontros realizados e, apesar de reiniciarem o contacto com algumas pessoas, a verdade é que não passaram a frequentar mais espaços comunitários de interesse. Fica também a dúvida se, com o passar do tempo, as relações entre elas vão-se manter e se a imagem positiva e capaz que conseguiram alcançar delas mesmas poderá regredir.

No entanto, o tempo partilhado em conjunto fê-las desenvolver a noção de que têm poder para intervir nas suas vidas – *empowerment* - e que são mulheres capazes, consolidando assim o facto de terem voz, de serem capazes de construir, de refletir, de se envolverem e relacionarem. Tal como dizia a T *“Este grupo resultou e foi diferentes porque fomos nós que o construímos”*.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Nota: Todos os participantes assinaram um consentimento informado para que as suas imagens e discursos pudessem ser utilizados ao longo de relatório – Confrontar Apêndice XIII – Consentimento Informado

## CONCLUSÃO

Após a realização do trabalho aqui apresentado é possível enunciar alguns aspetos que merecem ser alvo de reflexão e que podem ser confrontados com o que foi apontado ao longo deste relatório.

A Educação de Adultos revela-se como um campo ainda em construção em Portugal, alvo de retrocessos e de progressos na sinuosidade das políticas educativas, e esse facto pode ser uma oportunidade de se transformar num processo educativo de eleição para a emancipação do ser humano, mas também das sociedades. Assim, “há que pensar a educação e a socialização de forma articulada, valorizar a singularidade de cada situação educativa, privilegiar a abordagem sistémica e construir esquemas adequados de ação-experiência, partindo do adulto como coprodutor da sua formação” (Barros, 2013, p. 89).

Tal como afirma Paulo Freire (1994, p. 6/7) “O processo de ensinar é parte do processo de aprender, e o processo de aprender é parte do processo de ensinar” o que nos remete para a importância da relação educador-educando, sendo que esta não se deve caracterizar por uma rigidez hierarquizada, mas sim por uma relação que promova o desenvolvimento pessoal, a reflexividade, o pensamento crítico e a ação para a transformação. O facto de todo o processo apresentado neste relatório de projeto ter por base a educação não formal de adultos proporcionou uma relação de proximidade entre a investigadora e os participantes, sendo constante o sentimento de aprendizagem coletiva, onde todos eram reconhecidos como detentores de saber.

A aprendizagem nos adultos é distinta da aprendizagem nas crianças ou jovens, mas isso não é sinónimo de que o adulto vivencia uma fase da vida em que é incapaz de aprender. Para tal, as características que a pessoa adulta tem devem ser tidas em conta, dando assim especial valor a questões como a experiência pessoal, profissional e comunitária, e a praticidade e utilidade daquilo que esta irá retirar de todo o processo.

É neste sentido que é possível verificar que o projeto “Deixem que eu me (Re)Encontre” conseguiu obter resultados significativos para a vida dos seus co-construtores e participantes por ter sido planeado, desenvolvido e, também,

constantemente avaliado por eles. Criou-se espaço para o desenvolvimento do *empowerment*, levando a que estas pessoas compreendessem que têm poder sobre a sociedade e sobre as suas próprias vidas, agindo na transformação das mesmas. A par disto houve também impacto ao nível da reflexão sobre a intervenção dos Clubes ALPE sendo que, futuramente, estes apresentarão uma nova abordagem que se distanciará dos conteúdos da educação formal, tendo como diamicadoras as próprias participantes deste projeto.

“Se a aprendizagem alimenta o desenvolvimento, essencialmente pessoal, cognitivo e metacognitivo, o desenvolvimento, por sua vez, fomenta a aprendizagem. Nesta perspectiva, o desenvolvimento reveste-se, sobretudo, da sua dimensão dinâmica. Ele é processo ou construção, mais do que resultado ou produto” (Danis & Solar, 1998, p. 294). Assim, e considerando então que o processo educativo e a aprendizagem estão inquestionavelmente relacionados com o desenvolvimento, o projeto em questão torna visível não só o desenvolvimento pessoal dos seus construtores, mas também social e comunitário, sendo que este não foi meramente um produto final mas antes um processo que foi sendo visível ao longo dos vários momentos conjuntos.

A utilização da metodologia de Investigação-Ação Participativa assume um papel preponderante neste projeto no sentido em que proporcionou momentos constantes de partilha e reflexão que envolveram as participantes do mesmo e que levaram a que estas pudessem assumir responsabilidades e escolhas ao longo do processo, o que evidencia o seu papel de co-construtoras, e o que justifica a implicação e identificação que estas demonstraram face a ele.

O projeto “Deixem que eu me (Re)Encontre” revela-se como um alerta para a necessidade de que os processos educativos dirigidos às pessoas adultas não se caracterizem pela autoridade e inflexibilidade, mas antes por um humanismo que promova o desenvolvimento da consciência crítica e da ação face ao descontentamento (pessoal, social, político, comunitário), ao mesmo tempo que relembra os adultos das suas capacidades e potencialidades, lutando contra o sentimento de impotência e de submissão.

## Bibliografia

- Afonso, A. (1994). A sociologia da educação não-escolar e a formação de animadores/agentes de desenvolvimento local. In L. (. Lima, *Educação de Adultos - Forum I* (pp. 87-104). Universidade do Minho: Unidade de Educação de Adultos.
- Almeida, J. (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ALPE. (2013). *Sinais de Luz e Contraluz - registo da experiência da quinta edição dos Clubes ALPE*. Santa Maria da Feira: Projeto Direitos & Desafios.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ander-Egg, E. (1984). *Metodología y práctica de la Animación Sociocultural*. Buenos Aires: Humanitas.
- Ander-Egg, E. (1989). *Introducción a la planificación*. Buenos Aires: Humanitas.
- ANEFA. (2002). *Relatório Nacional sobre os cursos de Educação e Formação de Adultos - "Em observação" 2001/2002*. Lisboa: ANEFA.
- Anguera, M. (1985). *Metodologia de la observacion en las Ciencias Humanas*. Madrid: Teorema.
- Argoncilhe, J. d. (3 de Janeiro de 2015). *Argoncilhe*. Obtido de Argoncilhe: <http://argoncilhe.net16.net/>
- Arnal, J., Rincón, D., & Latorre, A. (1992). *Investigación Educativa: fundamentos y metodologias*. Barcelona: Labor.
- Association, A. E. (5 de Maio de 2015). *About AERA - Who we are?* Obtido de [www.aera.net](http://www.aera.net): <http://www.aera.net/AboutAERA/WhoWeAre/tabid/10089/Default.aspx>
- Baptista, I. (2001). Educação Social: um espaço profissional com valor e com sentido. *Revista da Educação Social*, pp. 55-60.
- Barros, R. (2013). *Educação de Adultos: conceitos, processos e marcos históricos - da globalização ao contexto português*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Barros, V., & Santos, I. (s/d). Além dos muros da escola: a educação não formal como espaço de atuação da prática do pedagogo. *Pesquisa em Educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social*.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de investigacion educativa: guia practica*. Barcelona: Ediciones CEAC.

- Boutinet, J. (1990). *Antropologia do projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Boutinet, J. (2000). *A imaturidade da vida adulta*. Porto: Rés.
- Canário, R. (1999). *Educação de adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (2015). *A educação de adultos, em Portugal, depois do 25 de Abril*. Le Monde Diplomatique (edições portuguesas).
- Capedvila, M. (2002). *Aprender em la edad adulta in la educación de personas adultas: reto de nuestro tiempo*. Madrid: Dykinson.
- Caride, J. (Fevereiro de 2003). Las identidades de la Educación Social. *Cuadernos de Pedagogía*, nº 321, pp. 47-51.
- Carmo, H. (2007). *Desenvolvimento Comunitário*. Universidade Aberta.
- Carr, W., & Kemmis, S. (1988). *Teoría crítica de la enseñanza*. Barcelona: Martínez Roca.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação Social - Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cembranos, F., Bustelo, M., & Montesinos, D. (1988). *La animación sociocultural: una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Clavel, G. (2012). *A sociedade da exclusão*. Porto: Porto Editora.
- Cortesão, L. (1998). Da necessidade de vigilância crítica à importância da prática da investigação-acção. *Revista de Educação*, VII, pp. 27-33.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da investigação em tecnologia educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: I.E.P. - Universidade do Minho.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-Acção: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, pp. 455-479.
- Creswell, J. (1994). *Research design: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Danis, C., & Solar, C. (1998). *Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos das crianças - da participação à responsabilidade. O sistema de protecção e educação das crianças e jovens*. Porto: Profedições.
- Dias, J. (1998). Formação Cultural, Social e Pessoal. *A educação na viragem do século XX - Actas das I Jornadas de Educação*, pp. 59-69.

- Educadoras, A. I. (2004). *Carta das Cidades Educadoras*. Associação Internacional de Cidades Educadoras.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Espinoza, M. (1986). *Evaluación de Proyectos Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Estatística, I. N. (3 de Janeiro de 2015). *Censos 2011*. Obtido de Censos 2011: [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos\\_pesquisa&frm\\_accao=PESQUISAR&frm\\_show\\_page\\_num=1&frm\\_modos\\_pesquisa=PESQUISA\\_SIMPLES&frm\\_modos\\_texto=MODO\\_TEXTO\\_ALL&frm\\_texto=argoncilhe&frm\\_imgPesquisar=++](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_pesquisa&frm_accao=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL&frm_texto=argoncilhe&frm_imgPesquisar=++)
- Estrela, M. (2005). A investigação educacional à luz da revista da SPCE. *Comunicação apresentada no VIII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Castelo Branco: Repositório do I.E., Universidade de Lisboa.
- Feira, C. M. (3 de Janeiro de 2009). *ATLAS - 35 anos de caminho, da democracia à União Europeia*. Obtido de Santa Maria da Feira, Câmara Municipal: <https://www.cm-feira.pt/portal/binary/com.epicentric.contentmanagement.servlet.ContentDeliveryServlet/Thematic%2520Navigation/Urbanismo/Atlas/Atlas%2520de%2520Santa%2520Maria%2520da%2520Feira/ficheiros/Atlas%2520de%2520Santa%2520Maria%2520da%2520Feira%25>
- Feira, C. M. (3 de Dezembro de 2015). *Apresentação do Concelho*. Obtido de Santa Maria da Feira, Câmara Municipal: [https://www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira/template.MAXIMIZE/apresentacao-concelho/?javax.portlet.tpst=6e3fbee686baa2a31dd762d990af8aoc\\_ws\\_MX&javax.portlet.prp\\_6e3fbee686baa2a31dd762d990af8aoc\\_viewID=detail\\_view&javax.portlet.prp\\_6e3fbee686baa2a31dd762d](https://www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira/template.MAXIMIZE/apresentacao-concelho/?javax.portlet.tpst=6e3fbee686baa2a31dd762d990af8aoc_ws_MX&javax.portlet.prp_6e3fbee686baa2a31dd762d990af8aoc_viewID=detail_view&javax.portlet.prp_6e3fbee686baa2a31dd762d)
- Feira, C. M. (15 de Março de 2015). *Viagem Medieval em Terra de Santa Maria*. Obtido de Viagem Medieval em Terra de Santa Maria: <http://www.viagemmedieval.com/index.php?pg=enquadramento>
- Ferreira, J. (Dezembro de 2004). Desenvolvimento e Educação ao longo da vida. *Revista Psicologia, Educação e Cultura, vol. III, nº 2*.
- Freire, P. (1980). *Conscientização - teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes.
- Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1994). Ensinar, aprendendo. *O Comunitário*, 5-9.

- Freire, P. (Jan./Junho de 1997). Papel da educação na humanização. *Revista da FAEEBA*, n<sup>o</sup> 7, pp. 9-17.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia do Oprimido*, 43<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freitas, R. (2000). *Mães de Acara: Preparando a tinta e revirando a praça: um estudo sobre mães que lutam*. Brasil: Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Freitas, R. (Abril de 2014). Violência contra as mulheres e redes sociais: uma aproximação à realidade portuguesa. *Centro de Estudos Sociais*.
- Gohn, M. (2014). Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação, II<sup>a</sup> série, n<sup>o</sup> 1*, pp. 35-50.
- Góis, C. (2012). *A europeização das políticas de emprego. Impactos e implicações no caso português*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma Sociologia de Acção: o planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- Guerra, M. (2002). *Os desafios da participação: desenvolver a democracia na escola*. Porto: Porto Editora.
- Gusmão, M., & Marques, A. (1978). *Educação de Adultos*. Braga: Universidade do Minho.
- Helena, M., & Koning, M. (2006). *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher - Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintassilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Humbert, C. (1977). *Consciencialização - a experiência e a investigação de Paulo Freire*. Lisboa: Moraes Editores.
- Juste, R. (2006). *Evaluación de programas educativos*. Madrid: La Muralla.
- Kaufman, R. (1980). *Planificación de sistemas educativos*. Madrid: Trillas.
- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción*. Barcelo: Graó.
- Levinson, D. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Knopf.
- Lima, J. (. (2002). *Pais e professores - um desafio à cooperação*. Porto: ASA.
- Lima, L. (Out. de 1987). Organização e Administração de projectos de investigação e desenvolvimento de educação de adultos. *Forum*, 2, pp. 37-56.
- Lima, L. (2000). *Educação de Adultos - Forum I*. Braga: Universidade do Minho.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra. Desenvolvimento Local - Investigação Participativa Animação Comunitária*.

- Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto .
- LR-DP, C. o. (2008). C.L.E.A.R Tool. *CDLR, European Committee on Local and Regional Democracy* (pp. 1-40). Strasbourg: Council of Europe.
- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Malinowski, B. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- Martins, J. (17 (3) de 1996). Observação Participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: ciências sociais/humanas*, pp. 266-273.
- Marx, K. (1971). *Os manuscritos económico-filosóficos*. Porto: Brasília Editora.
- Mattoso, J. (2011). *História da vida privada em Portugal: os nossos dias* (Vol. 4). Porto: Temas e Debates.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projectos*. Lisboa: ASA Editores.
- Neto, A., & Leite, M. (Jan./Mar. de 2010). A abordagem sistêmica na pesquisa em Engenharia de Produção. *Produção, V.20*, pp. 1-14.
- Nogueira, A. (1996). *Para uma educação permanente à roda da vida*. Lisboa: Instituto Educacional/ Ministério da Educação.
- Norbeck, J. (1978). O educando adulto. In M. Gusmão, & A. Marques, *Educação de Adultos* (pp. 197-213). Braga: Universidade do Minho.
- Oliveira, L., & Carvalho, H. (2010). Desigualdades geracionais - os jovens e a precariedade de emprego na UE. In R. (. Carmo, *Desigualdades Sociais 2010* (pp. 191-198). Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Ortega Esteban, J. (. (1999). *Educación Social Especializada*. Barcelona: Ariel.
- Pereira, F. (2010). *A avaliação do impacto da formação: um estudo exploratório na Força Aérea*. Dissertação na área de especialização em avaliação em educação: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, Portugal.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em Sociologia - para começar*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pinto, L. (2005). Sobre educação não-formal. *Cadernos d'Inducar*.
- Popkewitz, T. (1988). *Paradigmas e ideología en la investigación educativa*. Madrid: Mondadori.
- PorData. (28 de Novembro de 2015). *Municípios - Educação - Escolaridade da População*. Obtido de PorData - Base de dados Portugal Contemporâneo: <http://www.pordata.pt/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- Portuguesa, D. d. (2013-2015). *Infopédia - Dicionários Porto Editora*. Obtido de Infopédia - Dicionários Porto Editora:

- <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/educa%C3%A7%C3%A3o>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rincón, D., Beltrán, A., Augustín, J., & Martín, A. (1995). *Técnicas de Investigación en Ciencias Sociales*. Madrid: Dykinson.
- Rivilla, A., Alonso, C., Domínguez, C., Domínguez, G., Gallego, G., Gento, S., & Torrijos, J. (1995). *Formación de educadores de personas adultas I*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia .
- Robertis, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, E., Sampaio, F., Ferreira, H., Mendes, M., & Januário, S. (1999). A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I série, Vol. IX*, pp. 63-73.
- Rogers, C. (1971). *On becoming a person: a therapist's view of psychotherapy*. London: Constable.
- Roths, L. (2009). *Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos - lógicas de apropriação local num contexto político-institucional redefinido*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, B. (2007). *Comunidade escolar e inclusão: quando todos ensinam e aprendem com todos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, B., & Antunes, D. (Jan./Abr. de 2007). Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Revista Educação, Vol. XXX*, pp. 149-164.
- Sarramona, J. (1992). *La educación no formal*. Barcelona: Ediciones CEAC.
- Serrano, G. (2005). Derechos Humanos y Educación Social. *Revista de Educación, nº 336*, pp. 19-39.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais - Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Sherow, S. (2006). *Theory to practice: adult teaching and learning strategies for tutors*. Pennsylvania State University: Institute for the Study of Adult Literacy.
- Silva, A. (1990). *Educação de adultos - educação para o desenvolvimento*. Rio Tinto: Edições ASA.

- Silva, P. (2002). Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação. In J. Lima, *Pais e professores - um desafio à cooperação* (pp. 97-132). Porto: Edições ASA.
- Silvestre, C. (2003). *Educação/Formação de adultos: como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silvestre, C. (2011). *Educação e Formação de Adultos e Idosos - uma nova oportunidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Simões, A. (1990). A Investigação-ação: natureza e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, pp. 39-51.
- Siteo, R. (2006). Aprendizagem ao longo da vida: um conceito utópico? *Comportamento organizacional e gestão*, vol. 12, nº 2, pp. 283-290.
- Sousa, F. (Março de 2007). O que é "ser adulto": as práticas e representações sociais sobre o que é "ser adulto" na sociedade portuguesa. *Revista Moçambros: "Acolhendo a alfabetização nos países de Língua Portuguesa*, pp. 56-69.
- Standing, G. (2014). *O precariado, a nova classe perigosa*. Lisboa: Ed. Presença.
- Stringer, E. (1996). *Action Research: a handbook for practitioners*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1995). *Evaluación Sistemática - Guia teórica e práctica*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Stufflebeam, D., Madaus, G., & Kellaghan, T. (2000). *Evaluation Models: viewpoints on educational and human services evaluation* (2nd edition ed.). Dordrecht: Kluwer.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação Social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *Revistas Sensus*, nº 1, vol. 2, pp. 11-26.
- Vandenplas-Holper, C. (2000). *Desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice*. Porto: Edições ASA.
- Ventosa, V. (2002). *Desarrollo y Evaluación de proyectos socioculturales*. Madrid: Editorial CCS.
- Webber, P. (2011). *Dinâmicas e práticas do trabalhador social*. Porto: Porto Editora .
- Zubert-Skerrit, O. (1992). *Action Research in higher education: examples and reflections*. London: Kogan Page.



## **ANEXOS**

## **Anexo I – Texto escrito pela T. sobre o processo vivido**

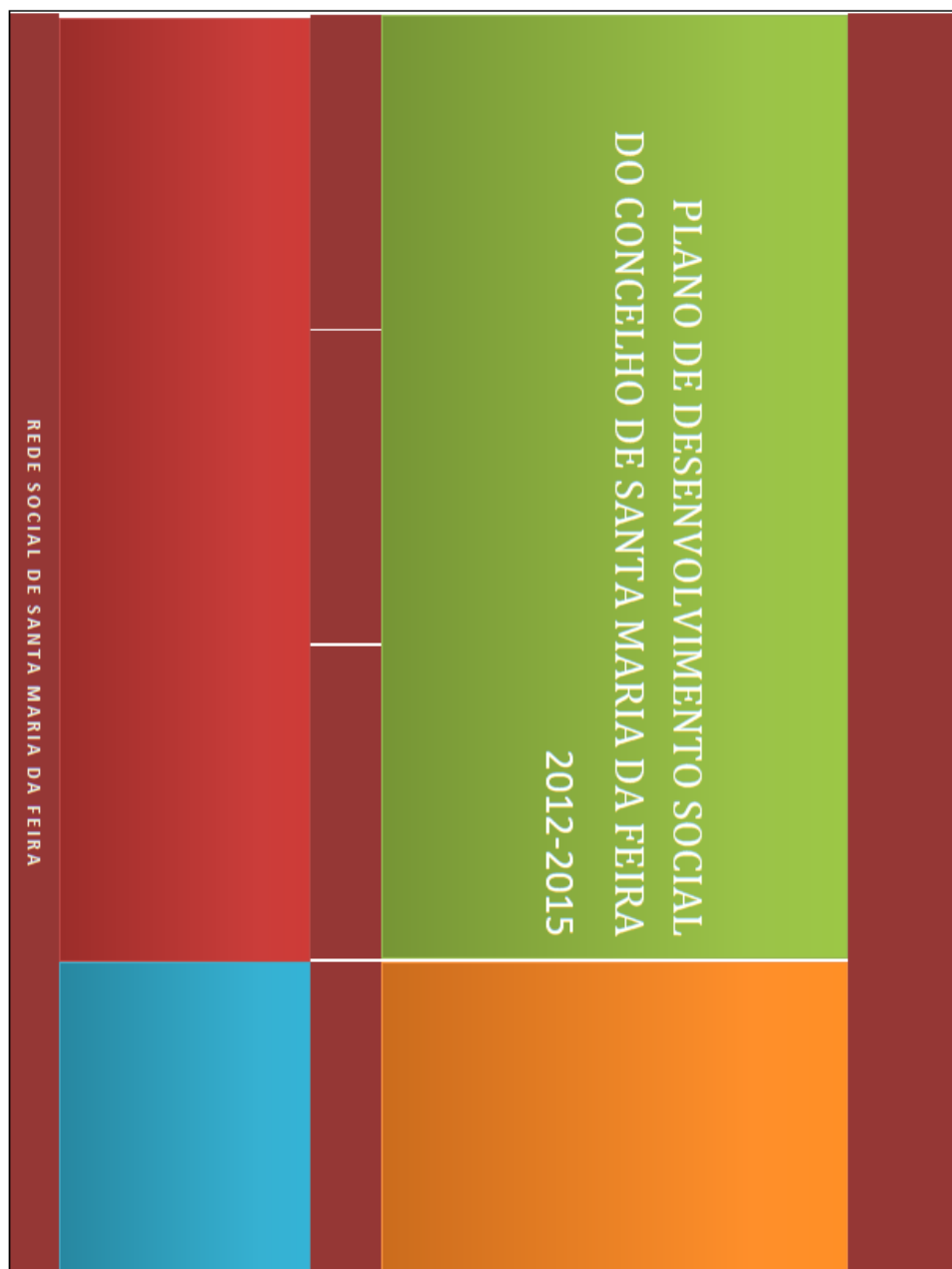
Eu sou aquela que aparece como T, nesta tese. Gostava de dizer duas ou três coisitas a respeito de todo este trabalho desenvolvido pela Renata. Como nós o sentimos e no que resultou para nós.

Tendo como pano de fundo a elaboração da sua tese, a Renata fez com o grupo um trabalho importantíssimo de revitalização das nossas capacidades. Fez renascer em nós a vontade de fazer coisas, de arriscar, de sermos mais alguma coisa na vida do que nos transformamos e sair do marasmo em que estávamos mergulhadas. Foi um processo de recapitalização de capacidades e competências mas mais que tudo de recuperação da vontade de ser mais feliz, de lutar por nós e de exercer melhor cidadania. Criou-nos um espaço onde pudemos ser honestas, verdadeiras, abertas, onde pudemos falar de nós e das nossas preocupações, medos e fraquezas sem censura e sem receio de julgamentos. Fez tudo isto de forma sutil e carinhosa mas muito concreta, com respeito mas muito direta.

Ganhamos muito neste processo. Saímos pessoas mais válidas, mais reflexivas, mais capazes.

Por tudo isso, muito obrigada Renata. Bem Hajas por tudo o que conseguiste que nós conseguíssemos.

**Anexo II – Plano de Desenvolvimento Social do Concelho de Santa Maria da Feira – 2012-2015**



O Plano de Desenvolvimento Social (PDS) tem como objetivo servir de enquadramento a todas as intervenções para a promoção do desenvolvimento social, quer elas sejam elaboradas no âmbito da operacionalização do plano pelo CLAS (através do Plano de Ação), quer elas sejam propostas fora do âmbito deste órgão de planeamento. Neste sentido, o PDS procura vincular as iniciativas de todos os agentes cujo âmbito de atuação tem repercussões no desenvolvimento social dos Concelhos. Em suma, podemos dizer que este documento é um instrumento que aponta a direção mas que não traça um itinerário detalhado.

O documento apresentado teve como primado na sua elaboração o planeamento contínuo, resultante dos contributos da rede de intervenções e instituições, e a análise das prioridades, das medidas e das ações definidas aos níveis nacional, regional e local. Com efeito, tomaram-se como ponto de partida, alguns dos dados que constam do anterior PDS e procedeu-se à introdução de novos.

A estratégia selecionada para a sua elaboração assentou na conjugação dos objetivos inerentes à Rede Social (Inovação, integração, articulação, participação e subsidiariedade), nos aspetos da realidade socioeconómica concelhia, na sua dinâmica intra e interinstitucional, tendo sido realizadas duas etapas metodológicas: Definição de Prioridades e Definição de Objetivos e Estratégias.

Neste sentido, a elaboração do presente documento baseou-se nos seguintes pressupostos:

No Eixo 1 - Empregabilidade, Qualificação Escolar e Profissional, remete para a necessidade de atuar:

- Ao nível do aumento das qualificações escolares e profissionais, quer destas jovens quer destas adultas/as, considerando a sua relação com o acesso ao mercado de trabalho;
- Na aposta no estímulo do empreendedorismo social;
- Na empregabilidade de grupos em situação de vulnerabilidade, como as pessoas portadoras de deficiência.

Nos Eixos 2 – Equipamentos e Serviços e Eixo 3 – Inclusão de Grupos Vulneráveis, são definidos objetivos relacionados com a atuação, de uma maneira geral, tentando responder a questões relacionadas com a intervenção ao nível:

- Das pessoas com doença mental e portadoras de deficiência (dando ênfase à necessidade de aumentar as respostas que garantam os cuidados de saúde e bem-estar das pessoas com doença do foro psiquiátrico e neurológico, e portadoras de deficiência, e respetivos cuidadores);
- Das crianças/jovens em risco (tendo presente a necessidade de possuir no concelho respostas de autonomização de jovens institucionalizados, promovendo a transição para uma vida autónoma);
- Da população idosa (tendo em atenção a necessidade de aumentar, racionalizar e diversificar as respostas sociais e de saúde, permitindo uma assistência permanente, e um acompanhamento mais ativo das redes de apoio, combatendo o isolamento, e reforçando a solidariedade entre gerações);
- Das famílias vulneráveis (tentando promover a sua formação e capacitação, desenvolvendo e reforçando as competências parentais, e por outro lado criando serviços de apoio à sua capacitação financeira, legal e digital);
- Da violência doméstica (reforçando a capacidade de resposta às famílias em crise, no processo de procura de novos equilíbrios que se traduzam numa reorganização familiar e conjugal);
- Dos comportamentos aditivos (reforçando a capacidade das respostas preventivas e de apoio aos consumidores de substâncias aditivas);
- Bem como ao nível da melhoria da qualidade dos serviços de apoio social (qualificação o processo de atendimento, tornando mais eficaz e eficiente o processo de inserção social, aumentando a satisfação das famílias e a qualificação dos serviços prestados).

No Eixo 4 – Relações de Parceria e Envolvimento Interinstitucional, são abordadas as questões da qualificação das instituições enquanto garante da sua sustentabilidade, bem como a consolidação de uma cultura de planeamento conjunto e de articulação das instituições, que constituem as pedras basilares do Programa Rede Social. Por outro lado aposta-se na criação de mecanismos de divulgação, partilha e articulação de informação com base nas novas tecnologias de informação. Ao mesmo tempo pretende-se definir uma estratégia de estímulo da responsabilidade social com as associações do 3º sector.

Ênio de Intervenção	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Âgênci a desenvolver	Populaçã o-Alvo	Cronograma	Potenciais Parceiros
Eixo 1 Empregabilidade, Qualificaçã o Escolar e Profissional	Melhorar os nív eis de educaçã o, qualificaçã o e emprego.	Estimular a criaçã o e organizaçã o de empresas de inserçã o que enquadram diferênci as culturais de cada um.	Realizar ações de formaçã o e sensibilizaçã o de entidade no empreendedorismo.	Indivíd uos à procura de emprego ou desempregados de longa duraçã o	2012	IEFP ALPE Associaçã oes Empresariais
		Promover a inserçã o de jovens e adultos em situaçã o de desemprego, apoiando as organizaçã oes a nível técni co.	Realizar sessã oes de trabalho com entidades ligadas ao tecido empresarial e formativo do concelho.	Indivíd uos à procura de 12 emprego ou desempregados de longa duraçã o	2013	Centro Formaçã o Profissional Filomeno ALPE Escola Secundária de SMF
		Promover a formaçã o/qualificaçã o das pessoas, segun do o nív el de procura do 12 emprego, segun do desempenho de média ou longa duraçã o, tenho em vista a sua inserçã o ou o seu regresso ao mercado de trabalho.	Desenvolver ações de informaçã o em colaboraçã o com as entidades de formaçã o para a qualificaçã o/qualificaçã o destas indivíd uos.	Indivíd uos à procura de 12 emprego ou desempregados de longa duraçã o	2013	IEFP ALPE ISPAIS - Instituto Superior de Pesquisas de Bragança ISVOLAÇA
		Criar e capacitar uma rede de intervençã oes locais com competências para trabalhar com indivíd uos e organizaçã oes para a implementaçã o de projetos de empreendedorismo social.	Realizar sessã oes de trabalho entre organizaçã oes de âmbito social, entidades empresariais, com vista à promoçã o e avaliaçã o de projetos de empreendedorismo social.	Indivíd uos à procura de 12 emprego ou desempregados de longa duraçã o	2014	IPSS ALPE IEFP ALPE
		Sensibilizar o tecido empresarial e organizaçã oes de âmbito social para a empregabilidade das pessoas portadoras de deficiência.	Realizar sessã oes de sensibilizaçã o/informaçã o dirigidas a empresários do concelho, como portadoras empregadoras.	Associaçã oes empresariais Organizaçã oes de âmbito social concelho	2013	Associaçã o Empresarial Entidades da área de deficiência
		Implementar uma cultura de diálogo e planejamento conjunto entre os agentes educativos/formativos e de emprego.	Realizar sessã oes de trabalho com entidades ligadas ao tecido empresarial e formativo do concelho.	Instituidores/empresas de Formaçã o Associaçã oes Empresariais	2012-2013	Centro de formaçã o ISPAIS - Instituto Superior de Pesquisas de Bragança ISVOLAÇA
		Melhorar os nív eis de articulaçã o entre as entidades com competências na área de formaçã o e entidades empregadoras.	Realizar sessã oes de trabalho com entidades ligadas ao tecido empresarial e formativo do concelho, aumentando os nív eis de conhecimento da oferta formativa, adaptando-a às necessidades do mercado.	Instituidores/empresas de Formaçã o Associaçã oes Empresariais	2012-2013	Entidades formativas: ALPE IEFP IEFP

Eixo de Intervenção	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Ações a desenvolver	População-Alvo	Cronograma	Potenciais Parceiros	
Eixo 2. Equipamentos e Serviços	Promover o acesso a equipamentos e serviços de apoio aos indivíduos/famílias	Aumentar, racionalizar e diversificar as respostas sociais e de saúde de apoio à população sénior, permitindo uma assistência permanente, e um acompanhamento mais ativo das redes de apoio, combatendo o isolamento, e reforçar a solidariedade entre gerações;	Dinamizar ações que permitam troca de aprendizagens e troca de saberes/experiências entre gerações.	População Idosa População Jovem	2012-2015	Parceiros de Rede Associações Juvenis Município Associações recreativas e culturais	
			Promover e melhorar os qualidades de vida dos idosos, através da criação de um Serviço de Pequenas Orais de repensão nas suas habitações.	População Idosa	2013	Casa dos Choupos Município Banco do Voluntariado	
			Promover a instalação de um serviço de teleassistência dirigido a idosos em situação de vulnerabilidade e a viverem sós.	População Idosa	2013	Município Cruz Vermelha IPSS	
		Implementar respostas de apoio à autonomização de jovens institucionalizados		Apartamento de autonomização, para 6 jovens, com o respetivo acompanhamento e supervisão do projeto de vida de cada um.	Jovens com idade a partir dos 22 anos com percurso de institucionalização	2014	Segurança Social Obras Frei Gil CASTILH Município
				Criação de um Banco de Ajudas Técnicas, mediante a seguinte metodologia: 1) levantamento das entidades e recursos existentes na área das ajudas técnicas; 2) Formação dirigida aos técnicos das IPSS; ao nível do sistema de gestão de informação integrado do Banco de Ajudas Técnicas e ao nível do carregamento da informação dos recursos que disponibilizam ao Banco.	Comunidade	2013	IPSS Município Empresas locais Provedoria Municipal dos Cidadãos com Deficiência Liga dos Amigos do Hospital S. Sebastião
				Aumentar e qualificar as respostas de alojamento temporário para pessoas com doenças do foro psiquiátrico e neurológico, com vista ao descanço do cuidador.	Pessoas com doenças do foro psiquiátrico e neurológico e respetivos cuidadores	2014-2015	Projeto Cuidar de Quem Cuida EDV Segurança Social Hospital S. Sebastião ACES Brere Douro e Vouga



Eixo 2 Equipamentos e Serviços (cont.)	Promover e melhorar o bem-estar das pessoas portadoras de deficiência ou doença mental	Ajudar, criar e qualificar as respostas de apoio a pessoas portadoras de deficiência, e respetivos cuidadores.	Aumentar as respostas que garantam os cuidados de saúde e bem-estar das pessoas com doença do foro psiquiátrico e neurológico, e respetivos cuidadores (cont.)	Desenvolver ações de concertação entre as entidades que trabalham esta área para a criação de uma Unidade de Vida Protetida e de Vida Apoiada.	Pessoas com doenças do foro psiquiátrico e neurológico	2013	Projeto Cuidar de Quem Cuida ENVI Segurança Social Hospital S. Sebastião ACES Entre Douro e Vouga		
				Desenvolver ações de concertação entre as entidades que trabalham a área de deficiência para o aumento da capacidade de resposta das Residências e Centro de Atividades Ocupacionais	Pessoas portadoras de deficiência	2013	Entidades da área de deficiência Segurança Social		
				Organização das pessoas portadoras de deficiência não institucionalizadas, no concelho.	Pessoas portadoras de deficiência	2012	Carilamas Cercleira AMACS Apu IPSS's Segurança Social		
				Alargar o funcionamento da valência de Serviço de Apoio Domiciliário Integrado (SAOI).	População idosa	2013	Segurança Social ACES Entre Douro e Vouga IPSS's		
				Replicar a boa prática do Projeto Cuidar de Quem Cuida, para cuidadores de pessoas portadoras de deficiência.	Cuidadores de pessoas portadoras de deficiência.	2013	Projeto Cuidar de Quem Cuida Entidade da área de deficiência		
				Criar uma estrutura de apoio familiar que permita a equidade e desenvolvimento de competências parentais.	Famílias vulneráveis	2014	Casa dos Dinouros Município		
				Desenvolver ações de sensibilização e educação, através de um serviço de apoio familiar integrado.	Famílias vulneráveis	2012	Casa dos Dinouros Município Agrupamentos escolares		
				Qualificar o processo de atendimento, tornando-o mais eficaz e eficiente nos processos de inserção social, aumentando a satisfação das famílias e a qualificação dos serviços prestados.	Famílias vulneráveis	2014	Segurança Social IPSS's Município		
				Promover a formação e capacitação de indivíduos/famílias.	Implementar medidas de capacitação, e de criação de novas soluções, dirigidas a indivíduos e às famílias em situação de fragilidade socioeconómica, que enfrentem novos desafios derivados do aumento do desemprego, das dificuldades de gestão financeira, do envelhecimento, e da gestão do orçamento familiar.	Promover ações de formação/sensibilização e campanhas de informação dirigidas às famílias e comunidades, com especial enfoque na literacia financeira, legal e digital.	Famílias em situação de fragilidade socioeconómica	2013	ALIFE CIAC Entidades Parceiras



Comissão de Serviços da Região Metropolitana do Vale do Sousa

Eixo de Intervenção	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Ações a desenvolver	População-Alvo	Cronograma	Políticas Parceiras
Eixo 3 Inclusão social de Grupos Vulneráveis	Aumentar e reforçar o apoio social à população em situação de maior vulnerabilidade	Alargamento dos serviços de apoio social e articulação das instituições do Concelho com vista a uma intervenção integrada.	Realizar o Diagnóstico da população não institucionalizada - idosos e deficientes	População idosa	2012/2013	Segurança Social Comissões Sociais de Freguesia/Juntas de Freguesia/IPSS's
			Desenvolver momentos de trime up aos cuidadores informais de pessoas com doença de Alzheimer e/ou em situação de pós-AVC, a fim de reduzir alguns efeitos negativos e a sobrecarga que se associa à tarefa de cuidar	Cuidadores informais	2012/2013	Projeto Cuidar de Quem Cuida - EDV ACES Entre Douro e Vouga Hospital S. Sebastião
			Realizar ações de sensibilização ao nível da prevenção da negligência e maus-tratos à população idosa	Técnicos e Auxiliares das IPSS	2012/2014	Espaço Trevo IPSS's ACES Entre Douro e Vouga Hospital S. Sebastião
			Realizar ações de sensibilização na área de prevenção primária da violência doméstica.	Comunidade escolar	2012/2014	Espaço Trevo PSP GNR Agrupamentos escolares
			Realizar ações de formação dirigidas aos técnicos e dirigentes que trabalham com pessoas idosas na área do envelhecimento saudável e ativo	Técnicos e Dirigentes das IPSS's	2013	IPSS Câmara Municipal Centro Hospitalar Entre Douro e Vouga ACES Entre Douro e Vouga
			Realizar de campanhas interinstitucionais de sensibilização para as situações de exclusão, discriminação e isolamento social de indivíduos seniores	Comunidade Entidades Educativas IPSS's Comunidade Social	2013	Cooperativa Casa dos Choupais IPSS's Juntas de Freguesia
			Criar uma rede de voluntários de proximidade a idosos do concelho	População idosa	2012/2013	Banco Local de Voluntariado IPSS Juntas de Freguesia
			Aumentar a abrangência das respostas institucionais de apoio social vocacionadas para seniores com ausência de rede de apoio familiar, elevado grau de dependência e/ou patologia associada	População idosa	2013	Segurança Social IPSS



Eixo de intervenção	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Ações a desenvolver	População-Alvo	Cronograma	Potenciais Parceiros
Eixo 3 Inclusão Social de Grupos Vulneráveis (cont.)	Aumentar e reforçar o apoio social à população em situação de maior vulnerabilidade	Aumentar a rede de apoio às famílias com elementos portadores de deficiência.	Facilitar o acesso de crianças/jovens com deficiência a respostas de ocupação de tempo livre. Criar grupos de autoajuda para famílias de pessoas com deficiência.	População Infantil/Juvenil portadora de deficiência	2013	Cardinalitas, Caritas, Escolas, Câmara, IJVS, ANJ – Associação de Boas Neurociências
		Promover a redução do consumo de substâncias psicoativas, a prevenção aos comportamentos aditivos e a diminuição dos dependentes.	Promover ações de sensibilização relacionadas com as dependências, com especial incidência na questão dos consumidores de “vargos leves” (marijuana, hashish, ervas secas, algaris amalgados e tranquilizantes), através de articulação entre diversas entidades.	População Juvenil/ Comunidade educativa Comunidade em geral	2012/2013	Agrupamentos escolares FAP GNR Núcleo Prevenir
		Promover a integração socioprofissional de foi/indpendentes	Fomentar a capacidade das respostas preveníveis e de apoio aos consumidores de substâncias aditivas.	População com comportamentos aditivos	2013	Núcleo Prevenir Associação dos Alcoólicos de SMF, Associação de Alcoólicos de Inquirição da Região, APPV, CSI, Central do Porto CIA de Coimbra, SEIUBRAS Social
		Melhorar os níveis de proteção e situação, junto de crianças e jovens em risco e suas famílias	Sensibilizar as entidades empregadoras do concelho para a integração de toxicodependentes em processo de recuperação.	População Toxicodependente	2013	Associação Empresarial de SMF Fórum Empresarial Fórum GAE Bela de Oliveira e Inocência ALPE
			Criar até ao final de 2013, um Centro de Intervenção Precoce no Município, no âmbito do SIAP (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância).	População Juvenil/ Professores Comunidade em geral	Até 2013	Segurança Social Centro Hospitalar Fátima Duro e Vouga ACES Escola Duro e Vouga Entidades Educativas IPSS Agrupamentos escolares
			Sensibilizar as entidades/jovens para a promoção de ações de prevenção de comportamentos de risco nos jovens.	População Juvenil	2013	Associação Juvenis Escolas Câmara

Eixo de Intervenção	Objetivo Geral	Objetivos específicos	Ações a desenvolver	População-Alvo	Cronograma	Potenciais Parceiros	
<p><b>Eixo 4</b>  <b>Relações de</b>  <b>parceria e</b>  <b>envolvimento</b>  <b>interinstitucionais</b></p>	<p>Doar as organizações do terceiro setor das competências necessárias para enfrentar os problemas de gestão que atualmente se colocam, no sentido de criar um ambiente de autoaprimoramento e sustentabilidade visando tanto à num sector mais competitivo e sustentável, tendo em vista uma melhor eficácia e eficiência de usar Adu.</p>	<p>Reduzir e qualificar das entidades do sector social, Dirigentes, Pessoal Técnico e não Técnico, com vista ao desenvolvimento dos planos de certificação de qualidade, modernização tecnológica e social e promoção de inovação social.</p>	<p>Respositório de informação na área de qualidade e alisar no site da rede social on line com as seguintes áreas:                      -Biblioteca de documentos sobre legislação, literatura, estudos, estatísticas, de apoio à gestão, etc...                      -Boas praticas em termos de políticas, estratégias ou implementação de processos de qualidade.</p>	<p>Entidades parceiras</p>	<p>2013 e 2015</p>	<p>INVOLUGA                      ISFAR                      ALJF                      Associação Empresarial                      Entidades parceiras UNIFAI                      Técnicos das entidades parceiras.</p>	
	<p>Valorização de toda a experiência e capital já existente no âmbito dos processos do COQ tanto em vista a qualificação das organizações do 3º Sector e promoção de respostas mais eficazes</p>	<p>Promover processos de qualificação liderados e apoiados por profissionais com competências não só na área de gestão e de qualidade, mas também com um profundo conhecimento e experiência sobre esta organização, as suas fragilidades e potencialidades, os seus atores, as suas respostas e os treinamentos que pretendem responder.</p>	<p>Criação de um Núcleo Técnico para a Qualidade</p>	<p>Promover workshops com vista à sensibilização das organizações de economia social contabilizadas para a importância do marketing social e para novos modelos de gestão, levantando-se à modernização.</p>	<p>Entidades Parceiras                      Comunitária</p>	<p>3º Semestre de 2013</p>	<p>INVOLUGA                      ISFAR                      ALJF                      Associação Empresarial                      Entidades parceiras UNIFAI                      Técnicos das entidades parceiras.</p>
	<p>Criação de mecanismos internos de divulgação, partilha e articulação de informação entre os parceiros, mas também de procedimentos de "trabalho virtual" que reflitam provento das tecnologias de informação e das múltiplas formas de comunicação eletrónica disponíveis visando o desenvolvimento de uma cultura de cooperação e de participação ativa na Rede Social</p>	<p>Manutenção da plataforma colaborativa on line da Rede Social, envolvendo os intervenientes na cadeia social de prestação de serviços, com acesso a um espaço e uma oportunidade de melhor capacitar o processo de mediação entre estas e os utilizadores finais dos seus serviços.</p>	<p>Migração da Plataforma On Line da Rede Social do Servidor do INESCOrto para um servidor de estante</p>	<p>Atualização permanente de informação constante da Plataforma On-Line da Rede Social</p>	<p>Parceiros da Rede Social</p>	<p>2013 e 2015</p>	<p>INESCOrto</p>
<p>Desenvolver metodologias e ferramentas de base eletrónica específica que permitam aos Stakeholders adotar mais conhecimentos e novos instrumentos, encontrar um lugar para diseminá-los, melhorar e discutir os resultados do seu trabalho.</p>	<p>Atualização permanente de informação constante da Plataforma On-Line da Rede Social</p>	<p>Finalização do registo das entidades parceiras da Rede Social na Plataforma Colaborativa on-line</p>	<p>Parceiros da Rede Social e Comunitária</p>	<p>2013 e 2015</p>	<p>INESCOrto                      Parceiros Sociais</p>	<p>Secretariado Técnico e Parceiros da Rede Social</p>	



<p><b>Eixo 4</b>  <b>Relações de</b>  <b>parceria e</b>  <b>envolvimento</b>  <b>institucionais</b>  <b>(cont.)</b></p>	<p>Definir uma estratégia de desenvolvimento social alargada do trabalho de Ação Social e de apoio à comunidade local desenvolvida pela Rede Social de Santa Maria da Feira</p>	<p>Observar estratégias de atuação que pelo seu elevado êxito demonstrem a potencialidade de transversalidade, concetionadas para o desenvolvimento social local</p>	<p>Realização dos parcerios da Rede Social no âmbito de utilização das funcionalidades da Plataforma On Line da Rede Social</p>	<p>Parcerios da Rede Social</p>	<p>2013</p>	<p>Serviçios Técnicos e INSCOVITE</p>																																			
							<p>Desenvolver projeto de Responsabilidade Social e Voluntariado pela Comunidade Empresarial das mais variadas setores (Indústria, Comércio, Serviços de Saúde, etc.), dedicando-se a estimular os novos fundamentos de proeza e inclusão social emergentes da atual conjuntura socioeconómica, contribuindo-se assim, no reforço da rede de parcerios da Rede Social e uma resposta de Emprego Social</p>	<p>Observar os serviços que atuam de forma criativa e proativa.</p>	<p>Apresentação de projetos e boas práticas das entidades concelhias nos CLAS</p>	<p>Parcerios da Rede Social e alargado do trabalho de Ação Social e de apoio à comunidade local desenvolvidos pela Rede Social do Porto</p>	<p>Parcerios Social Comunitária</p>	<p>2013-2015</p>	<p>Secretariado Técnico Parcerios de Rede Social Centro de Investigaçao (CEI, DCTE, UMI/RA, CADIÇA MONTE)</p>																												
														<p>Implementar uma rede de intervençoes locais (Escolas, Sindicatos, IPSS, Serviços de Saúde, Segurança Social e Autarquias), que através de um serviço de proximidade criem as sinergias na resolução de processos de subemprego, desemprego, créditos mal pagados, cobertura de impostos.</p>	<p>Prémio Condiçoes Saldares</p>	<p>Adoção da funcionalidade da Plataforma on line da rede social que permite às próprias entidades parcerios publicar notícias e eventos</p>	<p>Parcerios CLAS</p>	<p>Parcerios CLAS</p>	<p>1ª Semestre 2013 e 1ª Semestre 2015</p>	<p>Parcerios CLAS e Outras Entidades que desenvolvam iniciativas referidas no âmbito dos objetivos desta PDS</p>																					
																					<p>Qualificar a população em geral nascido que diz respeito às suas decisões financeiras (Prestaria Financeira) e ao nível de conhecimento de direitos e deveres laborais, através de intervençoes diretas e esclarecimento de dúvidas da comunidade</p>	<p>Exemplo basear que destaque o trabalho realizado pelas instituições concelhias, enquanto agentes de cambio social. Atuar ao nível próximo nas seguintes categorias: infância e juventude, população idosa, deficiência, voluntariado, apoio à comunidade, emprego sólido e empresa sólida.</p>	<p>Contribuição de um portefólio de programas/iniciativas das Entidades Parcerios de Rede Social</p>	<p>Parcerios CLAS</p>	<p>Parcerios CLAS</p>	<p>1ª Semestre 2013 e 1ª Semestre 2015</p>	<p>Núcleo Executivo Parcerios CLAS</p>														
																												<p>Qualificar e preparar em geral nascido que diz respeito às suas decisões financeiras (Prestaria Financeira) e ao nível de conhecimento de direitos e deveres laborais, através de intervençoes diretas e esclarecimento de dúvidas da comunidade</p>	<p>Desenvolver o portefólio de projetos/iniciativas junto das entidades empresariais</p>	<p>Equipo SOA – Sem Contas Adicionais (SCA) Acreditado, esclarecimento de dúvidas e encaminhamento de conhecimentos/informações que promovem a flexibilidade financeira e de direitos e deveres laborais de população, através de uma linha de trabalho integrada, incrementos para face à</p>	<p>Entidades Parcerios Comunitária em geral</p>	<p>Entidades Parcerios Comunitária em geral</p>	<p>2ª Semestre de 2013</p>	<p>Entidades parcerios</p>							
																																			<p>Qualificar e preparar em geral nascido que diz respeito às suas decisões financeiras (Prestaria Financeira) e ao nível de conhecimento de direitos e deveres laborais, através de intervençoes diretas e esclarecimento de dúvidas da comunidade</p>	<p>Equipo SOA – Sem Contas Adicionais (SCA) Acreditado, esclarecimento de dúvidas e encaminhamento de conhecimentos/informações que promovem a flexibilidade financeira e de direitos e deveres laborais de população, através de uma linha de trabalho integrada, incrementos para face à</p>	<p>Implementar uma rede de intervençoes locais (Escolas, Sindicatos, IPSS, Serviços de Saúde, Segurança Social e Autarquias), que através de um serviço de proximidade criem as sinergias na resolução de processos de subemprego, desemprego, créditos mal pagados, cobertura de impostos.</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Comunidade</p>	<p>2013-2015</p>	<p>Associação de Alcobacem (Associação CLAS) Rede Social Concelhia, Organizações de Economia Social Concelhia, Associação de Investigações de Ciências</p>



<p><b>Eixo 4</b> <b>Relações de</b> <b>parceria e</b> <b>Envolvimento</b> <b>Interculturais</b> <b>(cont.)</b></p>	<p>em geral, bem como campanhas de sensibilização junto da comunidade concelha.</p>	<p>Intelectuais e artistas locais (literatura digital).</p>	<p>parceiros e e outros serviços que existem já no terreno, quer locais, como ao nível nacional. O SCA pretende desenvolver também sessões formativas, que permitam transmitir através de casos práticos e dicas dadas, um leque de conhecimentos e informações à população.</p>	<p>Entidades Parceiras Comunitária</p>	<p>2013 e 2014</p>	<p>Especializado (ASFAE), DECO, Centros de Novas Oportunidades, Centro de Informação Autêntica ao Consumidor (CIAC)  Associação de Alcolizos Recuperação Junta de Freguesia, Comissões Sociais de Freguesia, Rede Social Concelha, Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) e Centro de Teatro do Oprimido (CTO).</p>
<p>Definição de Propostas Legislativas e/ou Jurídicas para problemáticas comunitárias a partir da Metodologia Teatro Legislativo.</p>	<p>Promover a aproximação entre os participantes de um grupo comunitário, associações e instituições locais e as estruturas de decisão política local, no sentido de apresentar e discutir propostas de resolução dos problemas comunitários.</p>	<p>Comunidade (Com)ida - Teatro Legislativo (C)Os Citar 2 grupos comunitários (jovens e adultos) com o objetivo de promover a participação cívica, o espírito crítico e reflexivo na identificação e resolução de problemáticas comunitárias relevantes, através de técnicas do teatro legislativo.</p>				





## Anexo IV - Cronograma dos Clubes ALPE

<b>CLUBES ALPE CRONOGRAM A 2014/ 2015</b>		Clube "Contas à vida"  (Paula Ferreira)	Clube "Cuidar de Mim"  (Rita Dias)	Clube "Passa a palavra"  (Virgínia Pereira)	Clube "Costura"  (Maria José)
<b>Argoncilhe</b> Junta Freguesia Argoncilhe	Mostra: 2 Dez 2014, 09h30	3ª (09h30 – 12h30)  6, 13, 27 Janeiro 2, 9, 16, 23 Fevereiro	5ª (09h00 – 12h00)  8, 15, 22, 29 Janeiro; 5, 12, 19 Fevereiro	2ª (09h30 – 12h30)  12, 19, 26 Janeiro; 2, 9, 16, 23 Fevereiro	2ª (14h00 – 17h00)  12, 19, 26 Janeiro; 2, 9, 16, 23 Fevereiro
<b>Pigeiros</b> Junta Freguesia Pigeiros	Mostra: 1 Dez 2014, 14h	3ª (14h00 – 17h00)  6, 13, 27 Janeiro 2, 9, 16, 23 Fevereiro	5ª (14h00 – 16h00)  8, 15, 22, 29 Janeiro; 5, 12, 19 Fevereiro	4ª (9h30 – 12h30)  7, 14, 21, 28 Janeiro; 4, 11, 18 Fevereiro	4ª (14h00 – 17h00)  7, 14, 21, 28 Janeiro; 4, 11, 18 Fevereiro
<b>Lourosa</b> CASA - Lourosa		—  —	5ª (09h00 – 12h00)  19, 26 Fevereiro ;  5, 12, 19, 26 Março	—  —	—  —

<b>Fiães</b>			6ª (09h30 – 12h30)	—	—
Junta Freguesia Fiães	14 Janeiro (14h-17h)	—	16, 23, 30 Janeiro; 6, 13, 20 Fevereiro	—	—
	Informação à Medida – Clube Cuidar Mim				
<b>Canedo</b>			3ª (09h30 – 12h30)	—	—
Salão Paroquial Canedo		(Tânia – Clube Emprego)	10, 17, 24 Março; 7, 14, 21 Abril.	—	—
<b>Reuniões</b>	21 Novembro 2014, 14h00, ALPE, Kick-off e preparação Mostra; 30 Janeiro 2015, 14h00, ALPE, Preparação Mostra final Clubes				

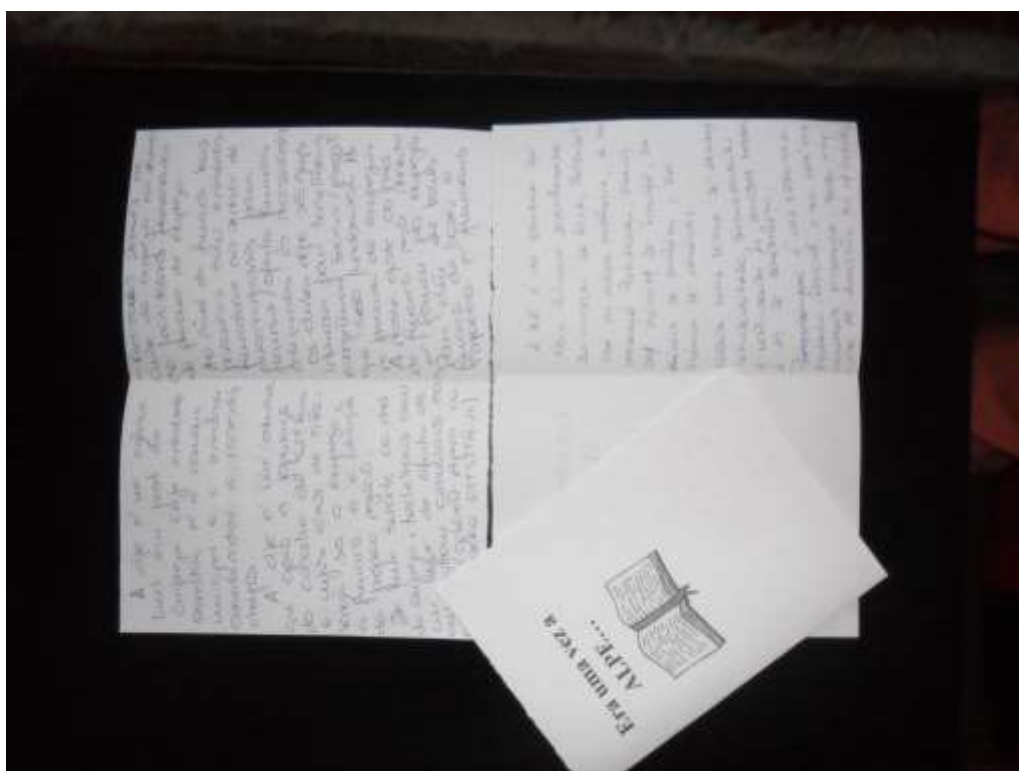
NOTA: Este cronograma foi sendo alterado várias vezes pelo facto de não haver um número suficiente de pessoas para poderem continuar. Por exemplo, os Clubes em Lourosa apenas iniciaram em Maio de 2015, sendo que foram os únicos a ter continuidade, havendo o Clube Contas à Vida, o Clube Passa-a-Palavra e o Clube Cuidar de Mim. As horas que restaram às formadoras pelo facto dos outros Clubs não terem funcionado foram repostas em Informações à Medida



## **APÊNDICES**

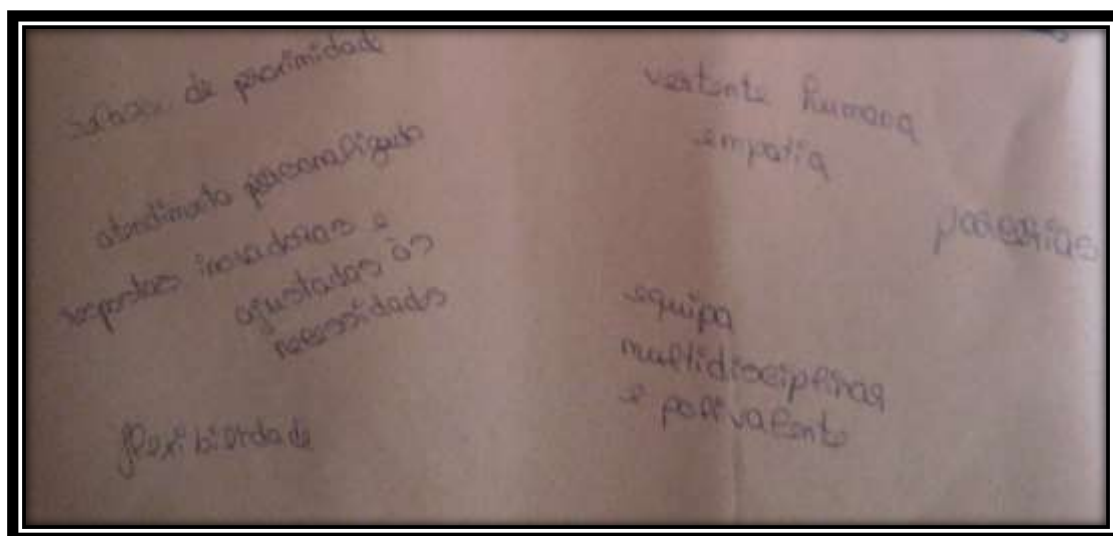
## Apêndice I – Sessão com as técnicas da ALPE

- “Era uma vez a ALPE”

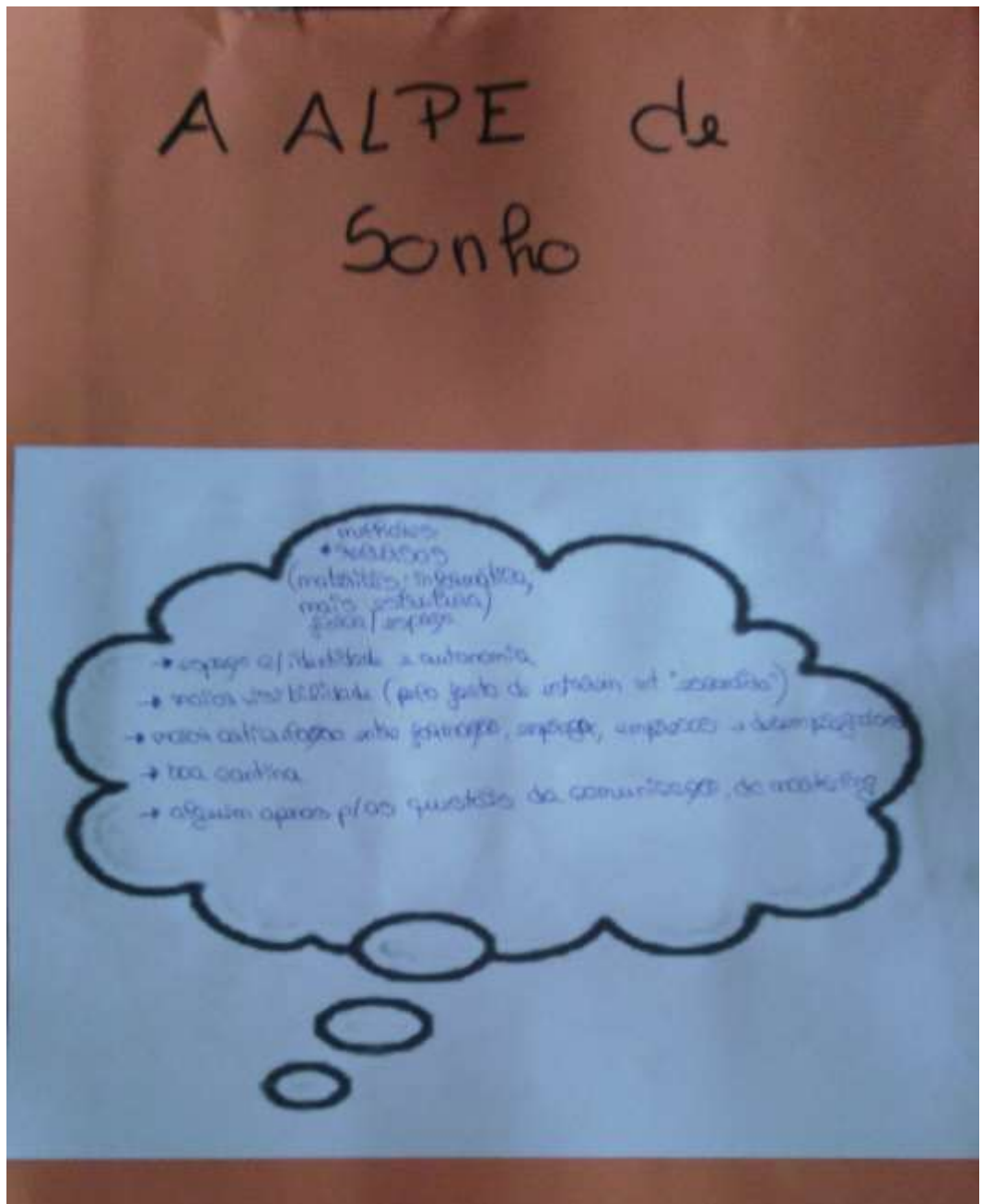




- “Pontos fortes da ALPE”



- “A ALPE de sonho”



## **Apêndice II – Entrevista realizada à JM, coordenadora da ALPE**

### Guião da entrevista

Data: 15 de Abril de 2015

Local: Sala de atendimentos da ALPE

Duração: 10.00h – 11.00h (aproximadamente)

1. Joana podes-me falar um bocado sobre o aparecimento da ALPE?
2. E como é que tem sido o teu percurso na ALPE?
3. Como é que foram surgindo as respostas que a ALPE tem (Clube do Emprego, Clubes ALPE, Informações à Medida)? E as suas parcerias?
4. Quais pensas serem os pontos fortes da ALPE?
5. E os aspetos que poderiam ser melhorados?
6. Tendo em conta que os vossos serviços são gratuitos, como é que a ALPE sobrevive financeiramente?
7. Como é que caracterizas as relações de poder/hierarquia na ALPE?
8. Porque é que a ALPE ficou na Cooperativa? Nunca houve oportunidade de mudarem de local?
9. Como caracterizas a equipa que trabalha na ALPE (características; formações base, forma de trabalhar)?
10. Como é que se poderia caracterizar as pessoas que procuram a ALPE, neste momento?
11. Esse foi sempre o perfil dominante, ou tem vindo a modificar?
12. Costuma haver um feedback das pessoas que passam pela ALPE?
13. Em que áreas é que consideras que a ALPE consegue dar mais respostas?
14. O número de pessoas que procuram a ALPE tem aumentado ou diminuído? A que pensas que se deve isso?
15. Agora centrando-nos um pouco nos Clubes ALPE, como é que se poderia descrever o percurso dos Clubes ALPE?
16. Porque é que se escolheu a designação de “Clubes”?

17. A que pessoas se destinam?
18. Quais os pontos fortes?
19. E aqueles que têm de ser melhorados?
20. Esta falta de adesão aos Clubes costuma ser comum?
21. O que pensas que está a causar essa situação?
22. Para finalizar, como seria a tua ALPE de sonho?

### Transcrição da entrevista

RM: (Depois de enquadrar o âmbito da entrevista) Então, eu gostava que me falasses do teu percurso na ALPE até agora...

JM: Sim, Ok. Então eu candidatei-me em 2005, final de 2005, início de 2006 a um concurso de técnico superior da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, fui admitida, e na altura quando entrei coincidiu com a saída de uma pessoa que estava aqui em coordenação e portanto a Câmara entendeu colocar-me aqui para fazer coordenação desta ação específica que é enquadrada num projeto. Ahm... e por isso o meu percurso aqui, ahm neste momento eu faço menos tarefas operativas, mas conheço por dentro as tarefas operativas que as colegas estão a fazer. Claro que elas foram reformuladas, forma acrescentadas, forma melhoradas, mas eu já estive no atendimento, já estive no acolhimento, já estive no atendimento de 1ª linha, já estive a organizar formação, ahm... já estive a dinamizar os Clubes, já, ahm, estou agora mais vocacionada, ligada à modernização do laboratório... Estou neste momento mais até num trabalho mais de coordenação, de monitorização, de avaliação, mas na verdade eu já passei por estas fases todas... Dinamização de Clubes de Emprego, ahm... Portanto este trabalho não me é estranh... Ahm, por isso o meu percurso é um bocadinho esse.

RM: Fizeste de tudo um pouco...

JM: Sim. De representação da ALPE... Há um trabalho muito interessante que eu gosto muito de fazer que é de captação de novos parceiros, de ligação com essas parcerias, pronto...

RM: Quando tu entraste pr'a ALPE este projeto já existia, ou foram surgindo novas respostas à medida que...

JM: Foram surgindo novas respostas. Quando eu entrei para a ALPE, a ALPE, aquilo que existia na ALPE era aquele gabinete na entrada, que era onde se faziam os atendimentos. Pronto, isto levou um caminho não é? Havia esta sala, mas esta sala estava muito desaproveitada, ou seja, havia uma sala de atendimento, era aqui também que as pessoas consultavam, ahm, toda aquela sala de espera era aqui nesta sala e por isso quando eu cheguei era isto, e depois com o tempo fomos equipando outras salas, fomos reformulando, fomos expandindo, fomos nos especializando, ahm... pronto.

RM: Quais é que te consideras ser, que tu pensas, tendo em conta que já estás aqui há bastante tempo, que são os pontos fortes que a ALPE tem?

JM: OK. Eu acho que ahm, pontos fortes. O facto de ser a única estrutura concelhia, eu creio do EDV [Entre Douro e Vouga] com esta missão. Pontos fortes, mais pontos fortes, a rede de parcerias é muito interessante, a sinergia que decorre desta rede de parceiros, ahm o facto de ser uma equipa multidisciplinar... Ahm, o facto de haver um contacto próximo com as pessoas, de humanidade no tratamento destas pessoas, de compreensão, ahm e um dos pontos que eu creio que talvez seja o maior ponto forte da ALPE é a capacidade de adaptação, de flexibilidade, de se ajustar àquilo que são os desafios...

RM: E se tivesses que referir aspetos que tu achas que podiam ser melhorados...

JM: Mmm, há muitos aspetos que podem ser melhorados. Ahm, do ponto de vista físico das instalações físicas há alguns aspetos que poderiam ser melhorados, nomeadamente o espaço que toca a atendimentos, não é bem a reserva, é a criação de um espaço mais ahm... adequado, mais simpático, se quisermos, para fazer esses atendimentos. Ahm, eu acho que há caminho ao nível da inovação no que se refere ao trabalho do laboratório, da modernização, ahm... Eu acho que há desafios, que temos de olhar para a

frente, relacionados também com os licenciados, por isso a definição de programas, de projetos que visem a mobilidade, por exemplo, dos licenciados. Eu acho que há caminho com o os empreendedores e as redes colaborativas, intensificar estas redes colaborativas, ahm entre eles. E talvez o maior desafio para nós é talvez as questões da comunicação e da divulgação e do marketing da nossa estrutura.

RM: Se tu, tendo em conta que os serviços da ALPE são gratuitos, que não se paga por eles, como é que a ALPE sobrevive?

JM: OK. Sobrevive porque ao longo do tempo a ALPE esteve enquadrada em dois projetos financiados pela Segurança Social, o primeiro que era o PROGRIDE, depois o Contrato Local de Desenvolvimento Social que assegurou financeiramente esta estrutura. Ahm, a ALPE é promovida pela Câmara Municipal e coordenada, neste momento, pela Casa dos Choupos, o que significa que a Câmara também atribui financiamento quer do ponto de vista dos recursos humanos, quer também de apoio ao vencimento desta estrutura.

RM: Se tivéssemos que falar um bocadinho das relações existentes aqui na ALPE, mais no sentido de relações de poder, de hierarquias, achas que existe uma hierarquia muito rígida, ou aqui trabalhasse de uma forma em que todas as opiniões são, são tidas em conta?

JM: Ahm, bom eu acho que, salvo melhor opinião, eu acho que existe um modelo de participação interessante na ALPE, ou seja, há a figura da coordenação, há a figura da coordenação da Casa dos Choupos, ahm mas eu creio que as opiniões das pessoas são tidas em consideração, ahm e creio que o caminho que vamos fazendo tem que ver com aquilo que os nossos inscritos nos dizem, pela avaliação constante que fazemos, mas também pela opinião técnica das pessoas que trabalham aqui. Por isso eu creio que sim, mas isso seria importante perceber com as outras colegas (risos).

RM: Porque é que na altura, não sei se tu sabes responder a isto, mas porque é que na altura a ALPE ficou situada aqui na Cooperativa?

JM: Por duas razões: primeiro porque era um espaço que nos oferecia as condições que precisávamos, ou seja, espaços, salas de formação devidamente equipadas, era um edifício, é um edifício relativamente recente, e depois porque estávamos localizadas perto de algumas fábricas que ditaram também o nascimento da ALPE, não é? Aqui a proximidade com a Rhode, ahm, que foi como sabes uma fábrica significativa em termos de despedimento do concelho. Portanto esta proximidade tem que ver com isso. Claro que depois a proximidade à linha de comboio, a possibilidade das pessoas poderem chegar-se aqui, portanto esta conjugação de fatores que ditaram que a ALPE ficasse aqui.

RM: Alguma vez pensaram em mudar de local? De espaço físico...

JM: Ahm ... Isso é uma coisa que às vezes se fala. Ou seja, porque às vezes precisamos de crescer, ou precisamos de ter outras condições, falasse disso mas não há orientação específica de mudança.

RM: Se tivesses de caracterizar a equipa da ALPE como é que o farias?

JM: Ok...Eu acho que acima de tudo somos uma equipa coesa, acho que somos uma equipa madura, as pessoas são maduras, ahm...acho que são alinhadas com aquilo que são os objectivos, acho que são resilientes...achoe que trabalhamos bem em equipa, somos cuidadosas quer com as pessoas que veem cá, quer umas com as outras.

RM: E achas, até agora dizias que são uma equipa multidisciplinar, de áreas diferentes, achas que isso é um aspeto positivo?

JM: Acho que é muito positivo, muito interessante... Claro que há a balança que pesa mais para as áreas sociais, que a maioria das pessoas tem formação nessa área, mas o facto de haver pessoas de outras áreas, a Adélia é economista, a Alexandra é jurista isso traz, acrescenta valor e obriga-nos a ver as coisas de outra maneira... e a educação social traz umas coisas, a sociologia

traz outras, a psicologia traz outras, e por isso neste cruzamento de opiniões vai-se construindo um caminho. Claro que temos muita coisa para ainda fazer.

RM: E agora olhando um bocadinho para as pessoas que procuram a ALPE... se tivesses que caracterizar essas pessoas como é que o farias? E ao tempo que estás aqui sentes que esse perfil tem evoluído?

JM: Mudou, sim o perfil tem mudado ao longo do tempo. Nos temos, quando a ALPE nasceu, ela nasce para um segmento muito, para um público-alvo muito específico de desempregados muitos deles de longa duração com baixas qualificações e isso tem-se mantido, mas o número de pessoas com mais qualificações que procuram a ALPE tem aumentado, quer porque as pessoas se envolveram em processos de RVCC e aumentaram a escolaridade quer porque eu acho que nos também fomos procurando dar resposta ao problema que esse público traz. A nossa entrada nas redes sociais também trouxe mais público mais qualificado e por isso vendo as estatísticas das pessoas que nos procuram e nos contactam através do facebook são essencialmente jovens entre os 25 e os 35 do EDV portanto de São João da Madeira, Gaia, Ovar, Santa Maria da Feira, que não era o público tradicional da ALPE que eram pessoas mais velhas, sobretudo mulheres com poucas, muito pouca escolaridade algumas com escolaridade inferior ao 6º ano portanto este perfil tem sido... vai sendo diferenciado ao longo do tempo. Não sei se a intervenção é unicamente nossa ou se as pessoas tem feito o caminho delas e por isso, isso também se reflete depois nas pessoas que procuram a ALPE.

RM: Essas pessoas que acabam por passar pela ALPE, vocês costumam procurar ter também feedback por parte delas, daquilo que a ALPE lhes oferece?

JM: É curioso estares a colocar essa questão porque eu não falei disso como um desafio mas esse é um dos desafios, a questão do follow-up e do que é que aconteceu a estas pessoas... porque pode haver uma série de fatores: porque há volume significativo de trabalho, porque não temos plataformas informáticas que acompanhem essa diversidade e portanto porque há constrangimentos financeiros que nos impedem de se calhar poder fazer todos os contactos que

queremos mas também porque metodologicamente isso nunca foi muito prioritário, ou seja, até porque agora nós temos-nos focado muito no processo das pessoas, como fazemos, como é que elas são, se sentem... Com é que elas e... e às vezes os resultados não têm sido o nosso foco principal. Mas isso é uma das prioridades agora: fazer o follow-up e perceber o que é que vai acontecer com estas pessoas. Até agora, ahm..., nós fizemos follow-up das pessoas que frequentam formação e o que é que acontece, se se certificam ou não, se são encaminhadas para ofertas de emprego se ficam ou não, mas aquelas pessoas que vêm à ALPE e que há uma intervenção, mas que não entram numa oferta de emprego ou não entram numa oferta de formação, às vezes nós não sabemos o que é que aconteceu com essas pessoas. E só sabemos quando elas voltam novamente... porque isso é um fenómeno curioso: as pessoas vão e depois voltam novamente à ALPE quando ficam desempregadas, e aí é que nós sabemos que muitas das vezes elas ficaram no mercado de trabalho por intervenção nossa. Mas isso é uma das... Ahm, é um dos pontos fracos neste momento da ALPE.

RM: A nível de ofertas de emprego vocês tentam direccionar e assim, mas em que áreas é que achas que realmente a ALPE oferece, consegue ter um maior leque de ofertas?

JM: São duas coisas diferentes: uma coisa é aquilo que o mercado de trabalho disponibiliza, pronto, que aqui no concelho disponibiliza ofertas no setor da metalúrgica, da metalomecânica, da área do calçado, essencialmente são estas as áreas principais, e depois comerciais, também vai aparecendo, algumas áreas como a cozinha, a hotelaria, algumas ofertas nesta área. Isto é aquilo que o mercado disponibiliza. Outra coisa é analisarmos quando divulgamos a oferta de emprego, as visualizações dessa oferta, o que é que é muito visualizado, e não é isto. São ofertas que aparecem mais para gente mais qualificada, ou para áreas em que o mercado está de facto repleto de profissionais: apoio familiar e à comunidade, geriatria, administrativos, contabilistas, ou seja, aí sim, quando lançamos uma oferta de emprego, elas são fortemente visualizadas, há muita oferta e há pouca procura, e enquanto que os outros é ao contrário, há muita oferta de emprego e poucas pessoas a candidatar-se. Portanto neste momento as questões da oferta e da procura são prioritárias de analisar, e é isso que estamos a tentar fazer, a procurar fazer

aquilo que designamos de formar para empregar, com parcerias estratégicas nós estamos a proporcionar formação que seja adequada àquilo que o mercado de trabalho necessita, e portanto há também por missão nossa uma tentativa de apaixonar as pessoas por várias profissões, por credibilizar essas profissões que têm forte empregabilidade no concelho.

RM: Tu tens vindo a falar das parcerias, essas parcerias como é que se vão formando? É a ALPE que procura, são esses parceiros que procuram a ALPE?

JM: Pode acontecer das duas situações, mas eu acho que nós somos pró-ativos na procura de parcerias e à medida que vamos sentindo necessidade de ir por um determinado caminho, procuramos parceiros. Eles podem numa primeira fase não serem formais, mas depois a um determinado momento eles acabam por se formalizar e acabam por entrar na nossa rede de parceiros e acabam por ir aos encontros de parceiros, que são momentos importante para nós, em que as pessoas se conhecem e procuramos que hajam parcerias entre os nossos parceiros. Mas eu acho que somos pró-ativos na procura de parcerias e não nos temos dado mal.

RM: Sentes que o número... Já falamos do perfil das pessoas que procuram, da escolaridade que neste momento se calhar apresentam na sua maioria, mas sentes que a nível de número que tem aumentado, o número de pessoas que procuram a ALPE?

JM: Há uma questão que é outro ponto fraco da ALPE que é a questão dos registos que temos de melhorar para podermos depois também retirar outras conclusões. Uma coisa que não temos registos é dos que vêm cá pela primeira vez e esse número tem sido mais ou menos constante ao longo dos anos, que variam entre os 800 e os 1000 inscritos por ano. Mas isto são aqueles que vêm pela primeira vez, não são aqueles que vêm ao longo do ano, ou seja, ao longo do ano vêm pessoas que se inscreveram noutros anos anteriores, e portanto nós sabemos o volume de pessoas que vem cá à ALPE, que fazem atendimento, mas neste momento por dificuldade de registar eu não sei a que ano se reportam, e portanto neste momento eu não sei a percentagem de pessoas que vem, se já estão inscritos há um ano, há dois ou há três. Mas gostava de incluir

isso. Mas inscritos por anos são 800 a 1000, mais ou menos constante, vai oscilando, mas é mais ou menos constante do que tenho notado ao longo dos anos.

RM: Agora gostava que nos centrássemos nos Clubes ALPE. Como é que surgem os Clubes?

JM: OK. Os Clubes surgem num contexto muito específico, ou seja nós tínhamos, tínhamos e temos, um grupo significativo da população inscrita na ALPE com baixas qualificações, desmotivados, isolados muitos deles e com resistência a percursos formativos. Os Clubes ALPE também surgem num momento em que havia uma décalage grande entre o momento em que a pessoa se inscrevia e o momento em que entrava em formação, e nós sentimos que precisávamos de fazer alguma coisa durante este período. Isso neste momento não acontece, ou seja, o volume da formação e a periodicidade entre ações quer pelas entidades locais quer por outros formadores, quer nós aqui na ALPE tem diminuído consideravelmente, o que quer dizer que as pessoas não estão muito tempo á espera. Mas quando eles iniciaram sim, isso acontecia. E por isso nós precisamos de encontrar aqui alguma coisa, algum dispositivo imediato, que as pessoas pudessem participar, que não houvesse interdição de idade ou de escolaridade, mas que as pessoas pudessem vir aprender coisas novas, vir partilhar aquilo que sabiam e virem-se preparar para percursos mais formais. E esse era o principal objetivo porque esta população estava, essencialmente, muito resistente à entrada em percursos formais. E um dos indicadores que nós avaliamos de resultado dos Clubes ALPE é a entrada em percursos mais formais de educação e formação. Ahm, neste momento as coisas estão a tornar-se diferentes e, por isso, eu acho que os Clubes também têm de ter capacidade de se adaptarem. Neste momento não há essa diferença tão considerável de tempo de inscrição e de entrada o que significa que os desafios são diferentes. Por outro lado a oferta formativa financiada determina que as pessoas tomem opções com base financeira e portanto escolham outros tipos de formação. Por isso neste momento os clubes têm os clubes do emprego sempre em funcionamento e eu acho que o desafio agora é apostar em novo modelos para os clubes. Parece-me que o caminho, salvo melhor opinião, o caminho é pensarmos nos clubes no âmbito dos fóruns sociais de

freguesia e cruzando com as questões de, mais de empreendedorismo social mais de inovação social mas ligado também às instituições do terceiro setor. O desafio é outro neste momento. Eu acho que o que nos estamos a fazer nos clubes não é suficiente.

RM: Porque é que se escolheu na altura a designação de clubes?

JM: O que se procurava era que fosse um espaço informal mas também de apropriação, não é? Quando se pensa nas questões mais relacionadas com os clubes liga-se logo as questões da apropriação, “ah eu sou do clube X”... há uma apropriação e era isso que pretendia com os clubes, não era só um grupo, era que as pessoas se apropriassem dele. E que se apropriassem dele, que fossem capazes de preparar atividades e produtos finais para a comunidade mas que fossem preparados por eles.

(Entram na sala e interrompem a entrevista durante algum tempo)

RM: Já foste falando de alguns assuntos que eu esperava que abordasses, a questão de que talvez os clubes tenham agora de se reformular de se repensar, até porque no fundo as pessoas a quem se dirigem... mas tendo esta ideia, e falando nos clubes, tendo esta ideia do que funciona neste momento quais é que consideras que são realmente os pontos fortes dos clubes?

JM: Eu avaliando trabalho dos clubes de emprego que é aquele que neste momento está mais consolidado, eu acho que um dos pontos fortes é a possibilidade das pessoas estarem com pessoas que estão a passar pelo mesmo, e portanto sentirem que não são as únicas, que estão a passar por dificuldades que as outras pessoas já passaram. Depois a questão da rede de networking: nós sabemos que a maioria das ofertas de emprego não são divulgadas e que correm, se divulgam, pelas redes mais informais e por isso eu acho que nós temos de fomentar as redes de networking até porque isso significa que as outras pessoas também podem estar atentas à minha situação e também podem sinalizar para a situação de emprego. Significa também que as pessoas não vêm cá só uma vez e se vão embora. Significa que nós durante algum tempo fazemos um acompanhamento personalizado que continua a ser

individualizado, embora sendo em grupo e em pequeno grupo, que lança desafios as pessoas e que as obriga a pensar sobre o percurso delas. E por isso eu acho que neste momento uma mais-valia dos clubes de emprego é o desafio que é lançado as pessoas de pensarem e fazerem um balanço sobre aquilo que fizeram e planificarem o que querem fazer. Esse processo de mudança é pensado por elas e delineado também por elas, mas claro que elas precisam que as monitorizem e lhes lancem novos desafios, claro que precisam que as ajudem a pensar fora do contexto. Mas neste momento eu penso que é isto. Nas outras áreas eu acho que neste momento as formas como estão pensadas estão esgotadas. E também acho que há muitos operadores para operar, e eu creio que nós temos que lançar coisas mais desafiadoras, mais inovadoras. Nós pensamos em ciclos relacionados com a gestão de carreira: é inovador, e a lógica é a lógica de clube: a lógica de um conjunto de pessoas que têm o mesmo propósito, que se organizam, que tomam o rumo sobre aquilo. Portanto eu não sei se neste momento a linguagem e comunicação, a matemática, na forma como foram pensados inicialmente se tem lugar neste momento. Eu acho que as pessoas procuram coisas mais relacionadas com o desenvolvimento pessoal, com o coaching, com processos mais individuais. Talvez também porque o nosso público-alvo está a mudar, e por isso os desafios são outros.

RM: Esta falta de adesão que nós temos sentido e que em 4 freguesias ainda não conseguimos arrancar em nenhum clube, sentes que isso a partir de um determinado momento tem sido comum?

JM: Há sempre dificuldade em arrancar grupos, sempre. Inicialmente quando nós arrancamos, quando os clubes iniciaram, a dificuldade era porque havia resistência e era preciso convencer as pessoas a dar uma oportunidade, a experimentarem, sem compromisso, senão gostassem podiam ir embora. Esse era o desafio principal para captar estes públicos. E neste momento eu acho que a dificuldade em constituir grupo é acrescida porque não só por essas razões mas também porque há alternativas financiadas e por isso a dificuldade de constituir grupo aumenta. Claro que se nós lançarmos neste momento um percurso de gestão de carreira nós não vamos ter dificuldade nenhuma em constituir grupo, pelo contrário. Nós fizemos agora duas edições e numa delas

tivemos gente a mais, por isso eu acho que nós não estamos ainda a ir àquilo que as pessoas querem, procuram.

RM: Se tu pudesses desenhar a ALPE pelas tuas próprias mãos, se tu pudesses idealizar a tua ALPE de sonho como é que seria?

JM: Eu penso nisso muitas vezes...Como é que eu vejo isto? Como é que eu vejo a ALPE daqui a 5 anos, por hipótese? Eu vejo a ALPE com uma dinâmica mais profissional, o que eu quero dizer com isto, eu acho que nós somos profissionais, mas do ponto de vista da comunicação e do marketing nos temos de melhorar. Do ponto de vista da gestão da organização nós temos de melhorar, por isso nós pensamos em certificar através de sistemas de gestão de qualidade, muita coisa que nos temos implementada que bebe desse sistema, mas que agora precisa de ser certificada. E portanto eu vejo como uma instituição certificada pela entidade reguladora porque neste momento não somos. Mas eu vejo que nos podemos ser uma entidade formadora. Eu vejo a ALPE como uma incubadora de projetos, eu vejo a ALPE como um serviço que posso ter redes para lançar licenciados em projetos de mobilidade internacional... Eu vejo como uma estrutura que faz o que os outros não fazem, ou seja, que é capaz de promover este ensaio de formar para empregar, pois é isso também que as pessoas procuram. De ser capaz de ter estágio, de crescer ao nível das candidaturas das medidas de apoio ao emprego, portanto e assim que eu vejo a ALPE no futuro. E vejo muito a ALPE no futuro de ter a capacidade, porque estamos muito num terreno em que estamos com os desempregados mas depois também contactamos com as empresas e também contactamos com as instituições do terceiro setor e também contactamos com as instituições formais de educação/formação, e acho que nós estamos aqui num terreno importante e aquilo que eu vejo é que a ALPE seja capaz e eu acho que de alguma maneira vamos sendo vamos fazendo de criar uma agenda para a empregabilidade ou seja eu acho que neste momento nós vamos fazendo algumas coisas, de alguma maneira às vezes nós somos chamados para dar a nossa opinião sobre determinados assuntos, e eu acho que nos temos esta capacidade de trabalhar com várias empresas. Também acho que o caminho é de especialização e a questão do apoio a criação do próprio negócio, e eu acho que temos de fazer mais caminho aí. Ou seja, eu acho que o caminho

que temos seguido é importantíssimo e é de um enorme impacto, tem mesmo impacto e há retorno sobre este investimento. As pessoas criam o próprio trabalho, admitem novas pessoas, geram volume de negócio e por isso isto tem mesmo impacto na vida das pessoas há retorno sobre o investimento, e neste momento não vejo tanto retorno como na agência de emprego, ou seja para procurar e encontrar pessoas no mercado de trabalho. Por isso esta especialização é importante de alguma maneira e focarmo-nos naquilo que traz mais resultados para as pessoas. E a agência de negócios não tenho dúvida nenhuma, o programa de candidatura a medidas de apoio a emprego não tenho duvidas nenhuma e preciso continuar esta articulação com as empresas de ir lá, as visitar e de fazer acompanhamento, eu acho que tem retorno. E portanto fazer esse acompanhamento que tem ser feito. E mais ou menos assim que eu vejo a ALPE daqui por algum tempo.

### Apêndice III – Grelhas de observação Clubes ALPE

Clube ALPE: Contas à Vida  
Freguesia: Argoncilhe  
Nº de participantes: 5

Data: 6 de Janeiro  
Horário: 09.30h – 12.30h

<b>O grupo (características individuais dos participantes e do próprio grupo)</b>	<b>Grupo constituído por 5 pessoas (4 mulheres e 1 homem); Todas as pessoas participaram, mas a MJ mostrou-se mais reservada. Colocaram-se muitas questões, o que revela curiosidade</b>
<b>Ambiente da sessão</b>	A sessão acabou por se revelar de partilha: a N falou do seu cancro e da necessidade que tem em desabafar e sair de casa, porque foi perdendo os amigos que tinha;
<b>Comunicação intergrupual</b>	Apesar de não se conhecerem, as pessoas comunicaram entre si e respeitaram os momentos de desabafo
<b>Compreensão dos objetivos da sessão</b>	Todos compreenderam que podem colocar as questões que quiserem e podem trazer questões do quotidiano e pessoais para serem tratados no âmbito da temática “Contas à Vida”
<b>Autonomia do grupo</b>	Esperaram que a formadora lhes desse muitas instruções para poderem fazer os exercícios que ela pediu.
<b>Participação/ Envolvimento</b>	Envolveram-se mais quando a N expôs o seu problema, sendo que em relação ao que foi trazido concretamente sobre a sessão, acabaram por se distraírem muitas vezes.

<b>Outras observações</b>	<p>Este grupo revela algumas questões que poderão ser trabalhadas e até direcionadas para o projeto:</p> <p>N: “Sinto-me sozinha, e só vim participar nisto porque assim podia sair de casa”</p> <p>T: “Não me interessa muito o tema “Contas à Vida”, ou melhor, interessa e acho útil, mas preferia algo que tratasse mais de nós”;</p> <p>J “Nós queríamos (ele e a T porque são um casal) era participar no Clube Cuidar de Mim, mas como não podemos nesse horário, viemos a este”</p> <p>MJ: “Olhe eu só vim pelo convívio... Assim a gente sai um bocado de casa”</p>

Clube ALPE: Contas à Vida  
Freguesia: Argoncilhe  
Nº de participantes: 3

Data: 13 de Janeiro  
Horário: 09.30h – 12.30h

<b>O grupo (características individuais dos participantes e do próprio grupo)</b>	<b>Hoje estiveram presentes apenas 3 pessoas – J, T e MJ</b> <b>A MJ continua muito reservada, a participar apenas quando a formadora se dirige a ela.</b>
<b>Ambiente da sessão</b>	A sessão acabou por se focar mais numa reflexão sobre os Clubes – a T dizia que tinha ficado a pensar no porquê de virem tão poucas pessoas participar e disse que achava que muita gente não sabia da existência deles
<b>Comunicação intergrupala</b>	Houve muita entreajuda nesta sessão porque a formadora deu-lhes uma folha de exercícios de lógica e, como não sabiam as respostas a todos, acabaram por se reunir os três e ajudaram-se uns aos outros
<b>Compreensão dos objectivos da sessão</b>	O grupo gostou dos exercícios, mas revelaram que sentiram que aquilo não tinha propriamente um objetivo concreto
<b>Autonomia do grupo</b>	Mostraram-se mais autónomos nesta sessão, talvez porque já conheciam o espaço e a formadora, no sentido em que se reuniram sem ninguém os incentivar a tal
<b>Participação/Envolvimento</b>	Foram participativos no momento de responder às questões que a formadora trouxe.

**Outras observações**

Continuam a falar sobre os Clubes no geral:  
- não os designam de clubes, mas sim de cursos, o que revela que a ALPE não descodifica este conceito com as pessoas;  
- MJ “Eu não sou capaz de fazer isto... Não sou muito inteligente”;  
T: “E nós vamos só fazer este tipo de coisas? Que é que podemos fazer mais aqui?”

**Apêndice IV – Tabela de problemas e necessidades relativos à ALPE**

	Problemas	Necessidades
ALPE...	<p>-Sobrecarga de trabalhos provenientes de diferentes projetos/entidades dos elementos da equipa técnica da ALPE que resulta numa mescla de trabalhos a serem realizados partitamente ao mesmo tempo;</p> <p>-Falta de resposta/contacto em relação às pessoas que recorrem à ALPE, principalmente os jovens licenciados, no sentido de procurarem emprego;</p> <p>- Base de dados que nunca foi atualizada, levando assim a que não haja uma verificação da situação atual das pessoas que recorreram à ALPE e não havendo noção da evolução da situação das mesmas;</p> <p>- Falta de existência da perceção do impacto da ALPE na vida das pessoas que recorrem a esta Agência</p>	<p>- Aumento da equipa técnica, ou priorização da intervenção de cada um dos elementos nas tarefas relacionadas com a ALPE;</p> <p>- Procura de parcerias em áreas mais diversificadas, não se limitando às áreas de trabalho mais comuns no concelho, tendo em conta que há cada vez mais jovens licenciados a procurarem a ALPE e que não se enquadram nessas áreas comuns;</p> <p>- Criação de momentos de partilha e reflexão face à situação vivida pelas pessoas que recorrem à ALPE, havendo assim espaço para refletir sobre o papel e impacto que esta tem</p>

Em relação à Agência Local em Prol do Emprego, o primeiro problema enunciado na tabela surge através das conversas tidas com as técnicas que lá trabalham onde elas foram demonstrando que pelo facto de terem de cumprir tarefas de várias entidades acabavam por estar sempre sobrecarregadas de trabalho o que nem sempre lhes possibilitava dar a atenção que, do seu ponto de vista, seria necessária em relação à ALPE (“O facto de estarmos sempre todas cheias de várias tarefas pode levar a que, nem sempre, consigamos responder da melhor forma que queríamos a todas elas...” – JM)<sup>50</sup>. Assim seria importante priorizar a intervenção destas técnicas, focando-as mais concretamente na ALPE, sendo que isto poderia ser resolvido com o aumento da equipa técnica das respostas e projetos da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira ou da própria ALPE.

O segundo problema é relatado tanto pelas técnicas como pelos licenciados que recorrem à ALPE. Compreende-se que a intervenção da ALPE ainda está maioritariamente direccionada para um grupo de pessoas menos qualificado, que tem como áreas de trabalho a cortiça, o calçado ou o apoio a serviços sociais, não conseguindo ainda dar resposta aos jovens que, cada vez mais, se dirigem a este local e que trazem novos desafios para o mesmo (“Nunca mais recebi contacto nenhum da ALPE desde que me fui lá inscrever... E isto já vai há pelo menos meio ano” – VD <sup>51</sup>)

O problema relativo à falta de atualização da base de dados acabou por ser verificado por mim quando tive de contactar as pessoas das diferentes freguesias para apresentar os Clubes e convidá-las a frequentá-los. Numa dessas ligações, quando tentava falar com um rapaz, acabei por entrar em contacto com a mãe do mesmo, ao que ela me informou que o seu filho já tinha morrido há uns anos. Depois de confrontar a coordenadora dos Clubes ALPE, esta revelou que não é a primeira vez que essa situação acontece e que a base de dados não é atualizada porque não há tempo nem recursos humanos para o fazer.

---

<sup>50</sup> Resultante de uma conversa

<sup>51</sup> Resultante de uma conversa com uma jovem com mestrado que se tinha inscrito na ALPE

Por fim, o quarto problema foi sentido pela equipa técnica da ALPE que apontava que o facto de não haver noção do impacto que a ALPE tem nas pessoas que a procuram colocando um pouco em causa a intervenção da mesma isto porque, apesar das folhas de avaliação entregues no fim de cada atendimento, de Informações à Medida ou de qualquer tipo de intervenção que a ALPE faça <sup>52</sup>, isso acaba por se revelar insuficiente porque nem sempre há um preenchimento devidamente completo por parte das pessoas, nem a própria análise dos mesmos traz resultados no âmbito pretendido. No entanto, todos estes problemas, apesar de enunciados e sentidos não foram alvo de qualquer reflexão mais profunda ou intervenção porque o foco deste projeto esteve direcionado para os Clubes ALPE e para as pessoas que participaram nos mesmos da freguesia de Argoncilhe.

---

<sup>52</sup> É sempre entregue uma folha a cada uma das pessoas que participa neste momentos pedindo que se avalie numa escala de 1 a 5 aspetos como a pertinência do mesmo, a clareza de quem o dinamiza, a aquisição de novos conhecimentos, havendo ainda um espaço para propostas de melhoria.

## Apêndice V – 1º reunião com o grupo de Argoncilhe

27 de Janeiro

Objetivos do encontro:

- Falar do projeto de investigação do mestrado;
- Perceber se faz sentido para estas pessoas formar um grupo;
- Se sim quais os objetivos pretendidos com o mesmo/ o que pretende fazer no grupo;
- Discussão sobre o sentido deste grupo e sobre a sua denominação (escolher um nome para o grupo);
- Perceber que tipo de encontros se podem realizar;
- Refletir sobre problemas dos Clubes ALPE, possíveis recursos e potencialidades

### ○ **Exercício nº 1: Apresentação por pares**

Pede-se ao grupo que se divida por pares e que conversem durante 5 minutos. Cada um dos elementos deve apresentar-se e dizer aspetos como, por exemplo, o seu nome, a idade, de onde é natural, que interesses tem, qual a sua profissão.

Terminado o tempo o dinamizador pede que cada um dos elementos apresente o seu par ao resto do grupo.

Duração: +/- 20 minutos

Material: folhas em branco e canetas

Objetivos: quebra-gelo; desinibição dos participantes; motivar para o sentimento de pertença e partilha no grupo

### ○ **Exercício nº 2: Chuva de ideias**

A dinamizadora apresenta uma cartolina ao grupo onde tem escrito “O que queremos fazer neste grupo?” e pede que os participantes vão dando ideias sobre o que pretendem trabalhar naquele espaço, o que sentem necessidade de fazer. À medida que as ideias vão sendo dadas, a dinamizadora vai escrevendo-as na cartolina.

No fim deve debater-se sobre o que foi apresentado: verificar se faz sentido trabalhar tudo o que foi proposto, se devemos seguir por uma determinada temática e compreender a partir do que se decidir qual o objetivo do grupo!

Aproveitar este momento para decidir os horários e dias dos encontros e falar do nome possível para o grupo!

Duração: +/- 20 minutos

Material: cartolina e marcador

Objetivos: decidir o que se pretende trabalhar no grupo



## **Apêndice VI – Entrevista realizada à RC, coordenadora dos Clubes ALPE**

### Guião da entrevista

Data: 31 de Março de 2015

Local: Sala de atendimentos da ALPE

Duração: 14.00h – 15.00h (aproximadamente)

1. Rita como tem sido o teu percurso na ALPE?
2. E como surge a tua intervenção nos Clubes?
3. Se tivesses de explicar a alguém o que são os Clubes ALPE como é que o farias?
4. Quais são os objetivos dos Clubes?
5. Como é planeada cada edição dos Clubes?
6. Como é que os formadores são escolhidos e contratados?
7. Como é planeada e como decorre a divulgação dos Clubes?
8. E como é que são escolhidas as freguesias em que os Clubes vão funcionar?
9. Onde pensas que foi a freguesia em que resultaram melhor até hoje? E porquê?
10. A falta de adesão com que nos temos deparado costuma ser comum?
11. O que pensas que faz com que isto aconteça?
12. Como é que a ALPE tenta ultrapassar esta situação?
13. Na tua opinião como seriam os Clubes de sonho?

### Transcrição da entrevista

RM: O objetivo da entrevista que te vou fazer tem a ver com no fundo ter um suporte mais pessoal das pessoas que trabalham aqui, mais a vossa voz em relação à análise da realidade, no fundo à análise da ALPE, que depois terei de fazer no relatório, e sendo assim, gostava que falasse um pouco do teu percurso aqui na ALPE

RC: No âmbito dos clubes ou aqui na ALPE?

RM: No geral, e depois como chegas aos clubes

RC: Eu entrei em 2012. Humm ... Aquilo que fiz inicialmente foi atendimentos, muito na base da procura de emprego, e num decorrer fui assumindo a pasta da gestão da procura de emprego, entretanto fui acompanhando no apoio da sexta edição dos clubes, desculpa... da quinta edição dos clubes, sendo que era a Joana a coordenar e entretanto a sexta edição já fui assumindo a coordenação dos clubes e manti a questão da gestão das ofertas de emprego. Entretanto no final de 2014, 2015, tivemos de avançar com a sétima edição dos clubes sendo que ai já tive de abandonar a pasta da gestão das ofertas de emprego porque íamos tentar fazer isto em itinerância, o que significava um maior tempo, uma maior disponibilidade que iria necessitar para executar a sétima edição dos clubes que acabou por não se executar da forma como planeamos mas sim em ações mais isoladas, mais curtas e mais específicas. Não Esquecendo nunca as competência que cada um dos clubes quer aprofundar, e tentar torna-la mais concreta, num tema mais concreto, num tema com que as pessoas se revejam mais.

RM: Sim...Tens alguma ideia de porque é que se denominou de clubes? Porque não outra coisa qualquer?

RC: Ahm.... Sei que os clubes... Ahm...Eu apanhei a quinta edição portanto quem deu início aos clubes, à marca...

RM: ...à ideia?

RC: ...à ideia que era original foi a Joana, portanto de certo que ela é que te poderá falar melhor sobre isso mas a ideia era um espaço em que as pessoas aprendessem de forma informal, sem que houvesse uma estrutura de conteúdos rígida, pelo contrario, a ideia era que as pessoas pensassem “o clube é um sitio onde nos vamos passar um bocadinho do nosso tempo, aprender um bocadinho de alguma coisa, falar um bocadinho uma coisa muito mais informal”, e eu penso que o conceito dos clubes era esse.

RM: E se tivesses que explicar a alguém o que são os clubes ALPE como é que farias isso?

RC: É muito nesta lógica...No início os clubes tinham uma duração de 3 ou 4 meses no máximo a ideia era então as pessoas naquele espaço de tempo iriam aprender ou aprofundar ou relembrar conteúdos que são de base que tem a ver com a escrita, a oralidade, uma vez que essa era uma competência base para qualquer trajeto pessoal ou profissional que tenhamos neh? Ahm... Competências da matemática, competências sem as quais nós não conseguiríamos evoluir e avançar, portanto e a ideia dos clubes era uma ideia original porque o que havia era educação formal, educação executada e dinamizada pelo centro de emprego muito rígida e para obtenção de um grau de escolaridade só que muitas das vezes as pessoas não estavam preparadas para avançar com isso... então a ideia era que as pessoas se sentissem confortáveis e as pessoas se sentissem à vontade. Ahm . . . Que não se sentissem constrangidas por não saber como se escreve, ou porque não leem adequadamente e a ideia era mesmo essa. Naquele dia, naquele horário, naquela tarde as pessoas iam-se juntar para aprofundar esse tema. Depois havia toda uma serie de competências que era automaticamente melhoradas, competências de autoestima, autoconceito, o relacionamento interpessoal que as pessoas estavam bastante isoladas já e acaba por ser esse um dos fatores de que é alvo de uma maior melhoria no final dos clubes portanto se eu tivesse que explicar, explicaria que era um local, um espaço, um sitio... e um dia da semana que as pessoas se sentiriam que haveria um grupo que estariam à vontade onde iriam manter a relação com o grupo durante um X tempo e iriam sentir-se à vontade para levantar dúvidas ou para aprofundar estas competências base porque muitas vezes as pessoas sentem-se constrangidas de assumir.

RM: Das edições e que estiveste presente e que foste acompanhando, como foi feito o planeamento de uma seção para a outra? Como é esse processo?

RC: Conteúdo?

RM: Sim... Por exemplo, como é que surgem os clubes que se vão trabalhar na edição seguinte? Como é que surge esse tipo de temas?

RC: Humm ... Ok. Uma coisa é de uma sessão para a outra, como é que o dinamizador define os temas...

RM: Mas era mais de uma edição para a outra...

RC: De uma edição... Humm... OK. A primeira edição, segunda, terceira tinham imensos clubes! Tinham cinco, ... Ou seis. Tinha cidadania, tinha artes...Ainda apanhei artes, tinha assim uma serie deles...Depois acabamos por ter que reduzir, não sei se por questões financeiras mas não sei porque não estive por dentro disso mas foram ficando aqueles que nós...ponto um, que nós consideramos básicos para que as pessoas... isto tem um objetivo neh? Trabalhar com as pessoas com os temas básicos para suscitar nas pessoas alguma curiosidade para que depois sigam esse percurso, portanto a ideia era há aqui competências de base que têm de ser mantidas que tem a ver com a matemática, que tem a ver com a linguagem de comunicação e depois o cuidar de mim, ligado à autoestima, e depois todos os outros nos íamos encaixando ou retirando conforme a avaliação feita da edição anterior, se as pessoas achavam que aqueles eram fundamentais, ou não, nós íamos também em função disso...e da viabilidade financeira obviamente.

RM: E a nível dos formadores que vão estando presentes nos clubes, eles são escolhidos como?

RC: Humm...Olha, muitos deles foram escolhidos porque já os conhecíamos ou porque estavam cá inscritos, vinham cá se inscrever como desempregados e nós chegamos a fazer, eu tive presente em varias entrevistas...ahm...e eles vinham cá parar ou por esse meio, e essencialmente por esse meio atenção, inscritos, inscritos na nossa base de dados que tinham para procurar emprego mas que se disponibilizaram para dar essa formação nessas áreas e eventualmente uma ou outra situação que nós pessoalmente conhecíamos de alguém que até podia ter o perfil certo para este público-alvo e ate em termos pessoais conhecendo alguém que estava desempregado e disponível e... porque acima de tudo não interessa só dominar o tema, tem que ser alguém que tenha um grande sentido de empático com estes grupos, porque a ideia escolarizada era logo posta de parte, grande parte das pessoas vêm com esta ideia e então nas entrevistas servia muito para ver, nós propomos, nós propúnhamos um plano que planificassem umas X sessões e depois em função dessa planificação nos sabíamos se aquele era o caminho ou não, se aquele formador tinha uma

tinha uma visão muito escolarizada e formal ou, se pelo contrario, percebia muito de publico, se sabia que isto tinha de ser flexível, que tinha de ser dinâmico, que tinha de ir ao encontro das necessidades deles também.

RM: Sim... Ao nível das freguesias, por norma as edições não ocorrem nas mesmas freguesias em que ocorreram. Como é que são escolhidas essas freguesias?

RC: Ahm...Olha, na edição anterior foi em Louredo e foi em Nogueira, sei que Louredo nós já tínhamos estabelecido algum contacto e eles disponibilizaram-se porque tinham lá o espaço bastante agradável, e a propósito lá da inauguração isso pode ter suscitado... porque estive lá a Joana eu não estive...pode ter logo suscitado um interesse, e em Nogueira provavelmente não sei se já existia um contacto, isto porque isto já foi no âmbito da Joana, mas sei que eles eram freguesias opostas, e também não sei se isto não foi geograficamente estratégico ou se foi simplesmente uma ligação que existia, sabes que isso podes entretanto explorar com a Joana... Mas de qualquer das formas o resultado foi totalmente diferente. Aconteceu em Louredo, que é uma freguesia também de lá, não sei, talvez não tanto como Nogueira mas, nem são tão...tão a norte e tão... e acabam por ser uma população totalmente diferente e funcionou num lado e não funcionou no outro.

RM: Então as freguesias onde se está a funcionar, ou onde se pensaria funcionar agora também foram escolhidas, se calhar...

RC: Estas não, estas tem a ver com o desenvolvimento dos fóruns sociais porque o conceito dos fóruns sociais surgiu no ano passado, a ideia não foi no ano passado mas colocou-se em pratica no ano passado e... não sei se tu conhecesses este conceito de fóruns sociais, mas basicamente reúnem-se um elemento, um representante que se tenciona que seja de todas as entidades daquela freguesia, que sejam relevantes socialmente de alguma forma e portanto a ideia é dos fóruns sociais e perceber-se qual é que é o diagnóstico daquela freguesia, qual é que são as populações que precisam de mais intervenção, e onde foi detetado nas freguesias que tem fóruns sociais, que foi

detetado como uma das problemáticas como o desemprego ou a lacuna de informação nós tentamos ir para lá nesse sentido, primeiro com o emprego e depois era dar seguimento com os clubes

RM: Das edições em que estiveste presente e tiveste uma maior visão sobre ela, em que freguesia é que achas que os clubes ressaltou melhor?

RC: Para mim resultou muito bem em Louredo

RM: E porque é que achas que isso aconteceu?

RC: Olha, primeiro... porque as pessoas, os locais não estavam habituados a que houvesse alguma coisa diferente, porque eles sentem muito este isolamento geográfico, isolamento de transporte, e para além disso aquela população tem uma linha na características de personalidade havia uma linha comum que era elas são todas muito humildes e eu cheguei a ter algumas pessoas que vieram cá ter a ALPE agradecer porque houve lá os clubes, e se houvesse novamente, e depois mostraram resultados a familiares que estavam emigrados no estrangeiro, por isso aquilo para eles foi o aumento das autoestima, aquilo para eles foi o lembrem-se de nós... e depois eles funcionavam muito bem enquanto grupo, eles seguiam todas as regras, eles não me tentavam contornar era as duas, as duas menos um quarto estavam todas, se alguém faltavam todas se disponibilizavam para ligar, para perceber...toda a gente sabia porque é que não sei quem não tinha vindo ou... não sei, acho que é um espírito de entre ajuda que acho que é muito típico de um meio rural como Louredo, e realmente as pessoas tem de se ajudar porque estão ali muito isoladas e isso é muito benéfico para o conceito do clubes. Não eram muitos, que tenham beneficiado dali uma meia dúzia, não no início, mas sentiu-se que o trabalho deu muitos frutos lá.

RM: Nós atualmente temo-nos deparado com uma falta de adesão aos clubes e não temos avançado com muitos por causa disso, tu sentes que isto é comum já de outras edições, essa falta de participantes?

RC: Sim, eu já sentia isso quando vinha na quinta edição e não estive mesmo nas sessões de informação, nas sessões de esclarecimento, sim nós antigamente fazíamos sessões de esclarecimento convocávamos, e as pessoas vinham milagrosamente, agora se calhar de convocássemos não vinham, e nós tentávamos, eram-lhes explicado que como havia muito pouca resposta formativa as pessoas realmente precisavam de alguma coisa e não havia acabava-mos por conseguir algumas pessoas mas agora isso é muito mais dificultado, penso eu porque acho que temos bastante formação e penso eu, que as pessoas financeiramente estão muito mais frágeis e a prioridade delas e mesmo essa, que se tiverem de optar por frequentar uma formação financiada e uma não financiada nem sequer hesitam e nem vão perder tempo a perceber o que é que é, porque na realidade não há necessidades básicas que não lhes são asseguradas, eu acho que é isso...

RM: Achas que se por acaso houvesse a hipótese de financiar os clubes, achas que se perdia um bocadinho a identidade?

RC: Claro que sim, é assim, numa primeira fase sim, claro que se calhar no final o resultado e a avaliação não ia ser deturpado por causa disso, porque o carácter e sempre voluntário e a ideia é que as pessoas queiram vir aprender isto. Ou se calhar, se houvesse subsídio de alimentação, isso não mudava muito em termos práticos mas não conseguimos, não faz parte e eu acho que estávamos aqui a tornar tudo muito homogéneo e aqui a linha ia tornar-se naquilo que é a linha que delimita o que é a formação financiada, e nos clubes realmente funciona porque as pessoas querem ver realmente melhorada aquela competência, nós já tivemos licenciados a frequentar determinado clube, e um com um nível secundário muito desenvolvido que até escreveu um conto e vinha apenas para melhorar a escrita e portanto frequentou. Mas temos de ser tolerantes, há as diferenças culturais e depois é preciso haver aqui...mas se as pessoas vierem focas num objetivo, elas vêm e fazem os clubes, agora, acho que não é por aí o caminho de financiar. Nós na altura pensamos, colocou-se esta ideia da formação financiada em colocar formação financiada de tarde e clubes de manhã para que as pessoas tivessem subsídio de alimentação, pronto... mas depois isto acabasse por não desenvolver porque

na realidade se as pessoas tiverem de procurar os clubes para fazer formação financiada nem sequer se coloca.

RM: Como é que a ALPE se tem relacionado come esta questão de falta de adesão?

RC: Olha, a ALPE tentou reformular esta dinâmica sem perder o que é de base que é as competências que são para ser trabalhadas...humm...e a partir do momento que nos questionamos como é que podemos continuar com os clubes por forma que as pessoas vejam nisso uma vantagem e um benefício frequentar os clubes, então definimos que se calhar se encurtássemos a duração, se esse tema fosse abordado uma ou duas vezes, provavelmente aí havia menos compromisso e aí as pessoas poderiam aderir. Depois pensamos em levar a varias freguesias no sentido de tentar criar alguma igualdade de oportunidade porque realmente há pessoas que não tem forma de se deslocar e depois tentar desdobrar o tema do clube em vários subtemas para que as pessoas vejam naquelas sessões interesse prático e imediato para as suas vidas, por hipótese pegamos no clube da matemática e tentamos desdobra-lo em sessões sobre IRS, sessões, temos vindo a pensar em sessões de como interpretar faturas ou cartas de bancos, gráfico, etc.. porque na realidade as competências de matemática no dia-a-dia está nessas atividades que ali estão, no clube da linguagem de comunicação... pensamos que provavelmente esta faixa populacional estaria mais ligada ao como posso ajudar o meu filho a fazer os trabalhos de casa, porque estas pessoas tem uma baixa escolaridade e claro que a uma dada altura elas não conseguem acompanhar o percurso escolar dos filhos, mas pelo menos ajudar a interpretar as perguntas para que eles possam por sua vez ajudar os filhos, tentar levar ao que interessará as freguesias mais rurais, tentar perceber as tradições os falares... as tradições orais e os contos típicos daquela terra, tentamos acima de tudo colocar o nosso sentido de empatia num nível máximo que conseguimos para tentar perceber o que me levaria, se estivesse naquelas condições o que me levaria a frequentar aquelas sessões, pronto e colocando principalmente no lugar das pessoas, normalmente são mulheres domesticas com filhos os maridos poderão ou não trabalhar com baixa escolaridade o que eram os objetivos delas a curto prazo, é muito ligado a gestão domestica, é muito ligada aquela gestão domestica, é

muito ligada contactos devido aos filhos, e então colocamo-nos no lugar das pessoas para tentar ver o que nos levaria a sair de casa.

RM: Do teu ponto de vista, quais são os pontos fortes que achas que os clubes têm?

RC: Eu acho que o que distingue os clubes já são os pontos fortes, o que os distingue já são as qualidades. O facto de serem flexíveis, de serem dinâmicos, de se adaptarem ao grupo, o facto de ter uma duração que acaba por não ser muito extensa, o facto de ser uma educação não formal, de ser algo muito próximo entre o dinamizador e as pessoas que o frequentam, o facto ter-mos tido até agora uma amostra daquilo que são os clubes, levamos a comunidade e as pessoas sentem-se importantes... sentem-se valorizadas... pronto, depois o facto de aquele grupo criar ali uma relação, cria-se um relacionamento muito forte dentro do grupo e acima de tudo vão ser as competências de base que vão servir de base para aquelas pessoas. Acho que o que distingue os clubes já são aquilo que são os pontos fortes.

RM: E se tivesses que apontar aspetos a melhorar, o que é que tu dirias?

RC: Olha, os aspetos a melhorar, é a falta de adesão não é? Mas como é que poderíamos melhorar isso? Se eu soubesse já tinha colocado em prática. (risos) Não, na realidade nós já fomos aumentando a nossa comunicação, ou seja, todos os meios que conhecemos e que nós temos para comunicar e para fazer chamar as pessoas e para divulgar nós usamo-los, se calhar a uns anos a traz não era necessário tanto, mas se calhar e falta de adesão é uma coisa que... que cada vez menos acredito, que cada vez menos depende de nós, mas pontos fracos será isso, o facto de haver sempre uma taxa de desistência ao longo do clubes, claro que muitas vezes o motivo é bom, é positivo mas os grupos vão sendo cada vez mais reduzido mas não tem os resultados que seriam de esperar. Ahm... tudo o resto acho que estamos no bom caminho, agora a falta de adesão eu não percebo, e sem isso é muito difícil pensar no resto, sem pessoas eu não consigo perceber ao certo quais são os pontos fracos, pois este é o maior ponto fraco.

RM: Para ti, então, como deveriam os clubes ALPE de sonho? Que corresse as mil maravilhas, se pudesses escolher e dizer era assim, assim e assim...

RC: Olha...Hum...Se tivéssemos, eu acho que há aqui duas coisas que podiam acontecer, e se fosse de sonho ou um plano fictício era nós ter-mos a versão clubes original e a edição clubes desmembrada em sessões de informação à medida, ou se fosse onde eu controlasse eu faria os clubes com a duração de 3 ou 4 meses de competências base, aqui na ALPE, e depois levaria toda as outros sessões em itinerância, faria isso em complementaria...

RM: Agora focando mais o nosso olhar geral, Olhando para a ALPE em si, enquanto Agencia Local em Prol do Emprego, como é que achas que neste momento se reflete o trabalho da ALPE? O que tinhas a dizer enquanto o trabalho que a ALPE faz atualmente?

RC: É uma melhoria contínua e eu acho que tu tens visto isso, por exemplo, aquilo que nós temos, nós mudamos constantemente, nós mensalmente reunimo-nos e há sempre alguma coisa que debatemos e que melhoramos e que tentamos que pelo menos ver se é um erro, e tentamos ver se é o caminho certo, das melhores coisas da ALPE é estarmos sempre a tentar melhorar, agora onde é que nós... qual era a questão?

RM: Era como é que no fundo tu refletas sobre o trabalho que a ALPE faz atualmente e como é que tu vez esse trabalho. Mas podes pegar por ai.

RC: Pronto, como venho a dizer esse é um dos pontos mais fortes na ALPE que é uma metodologia que funciona e na qual eu acredito é a metodologia dos clubes de emprego, porque até há bem pouco tempo isto não existia, tentamos por vários meios, voltamos a trás, avançamos, voltamos a trás, voltamos a meio, reformulamos e agora estamos num ponto certo, obviamente estamos sempre com a mesma questão ou a falta de aderência ou a desistência ao longo das sessões, do clube de emprego mas essa é uma das dinâmicas na qual eu realmente acredito e na qual eu acho que somos realmente inovadores, inovadores de alguma forma ou pronto, a nível local acredito que sim, temos

um trabalho muito de proximidade... temos um trabalho que incide sobre as competências de empregabilidade mas que tentamos ver a pessoa como um todo e tentamos sempre dar resposta aquela pessoa enquanto pessoa, não enquanto numero, não enquanto inscrito mas enquanto pessoa... Eu não sei se já te disse isto, mas um à parte, na semana passada recebi um telefonema de uma mãe que queria acrescentar atendimento para a filha que tem 18 anos, e tem 60% de incapacidade devido ao autismo, então essa parte não sabes mas eu pensei nisto o fim de semana todo, porquê? Porque estes casos desafiam-me e são os casos que me dão mais gozo porque são os que me davam mais vontade de solucionar, obviamente, então noutra contexto eu se calhar diria “não, aqui não vamos poder fazer nada”, mas... são estes casos que abraço mesmo de corpo e alma, e já fui fazer vários contactos e vendo varias perspectivas porque perante aquela pessoa eu não quero falhar e então isso significa que é um caracter muito humano muito pessoal, que é isso que também distingue a ALPE e esta também a minha visão da ALPE. As vezes nós queremos que fosse mais, mas... obviamente também temos os nossos objetivos, não podemos ter tudo por restrição tipo faça tudo por objetivos mas logicamente também temos de ser isto. Isto para te dizer que é muito a vertente humana e pessoal dos técnicos e funcionamento enquanto equipa... Funciona muito muito bem. Acho que temos uma coordenação fantástica...

RM: Ainda bem que falaste em dois aspetos aí, estava a dizer que às vezes gostavas que fosse mais, e se pudesse ser mais, como é que tu gostavas que fosse mais? Se pudesses mandar e dizer “eu gostava que fosse assim, assim e assim...” e se tivesses a certeza que isso se realizaria como é que gostavas que fosse?

RC: Eu gostava que a ALPE tivesse o peso que merece...

RM: ...achas que não tem?!?

RC: ...eu gostava que a ALPE tivesse o peso que merece, nas empresas, nas entidades parceiras e gostava que em última instância pegasse num telefonema para esta menina e tivesse tanto peso e fosse tão consolidado que do outro lado nem fossem capazes de dizer que não... isto, idilicamente era assim que funcionava, as parcerias estavam tão bem treinadas, teríamos um

peso tão elevado, como nós merecemos... porque eu acho que não é reconhecido pelas empresas, ahm... de tal forma que por vezes em muito menos tempo eu conseguisse resolver as coisas.

RM: E a nível de equipa? No fundo são uma equipa com quem também vou estando, trabalham com muita proximidade umas das outras, como é que tu caracterizas a própria equipa de trabalho da ALPE?

RC: Foi isso que eu disse à bocadinha, acho que é coesa, é muito bem gerida, é muito bem coordenada, acima de tudo...

RM: Achas que, por exemplo, a nível de relações de poder, porque é óbvio que há uma coordenação, que há aquelas pessoas que provavelmente tem um papel superior de coordenar, de organizar e de orientar, achas que isso não se sentes, que é muito igual para todas? Que todas podem partilhar...

RC: Sim...Sim, claro. Acho que as tarefas estão muito bem dialogadas, que cada uma sabe qual é o seu terreno de intervenção e há ali uma coordenação no sentido nato da palavra e de perceber se está tudo bem, mas em relações hierárquicas não há nada muito rígido, nem demasiado técnico... funciona muito bem. Pronto... E acho que acima de tudo é isso que acaba por ser mais vantajoso. Eu acho que é isso, e depois todas temos áreas diferentes, não há ninguém que tenha aqui uma área igual... Ah, não. Temos a Susana que trabalha comigo que é psicologia mas não tínhamos ninguém que tivesse áreas iguais e eu acho que isso também é muito bom de alguma forma, depois é óbvio quem nós vamos sempre trabalhando em função da ALPE mas... trás perspetivas diferentes.

RM: Só agora para finalizarmos apenas, tu falavas que nessa questão das empresas gostavas que a ALPE tivesse mais influencia, se calhar outro poder e outra relação com determinadas empresas, sentes que há feedback por parte das pessoas que passam pela ALPE, e por parte das pessoas das próprias empresas?

RC: Não, não acho que seja assim, acho que é um dos nossos maiores... males, porque nós queremos tanto dar respostas a tempo e horas que isso

acaba por isso são ser prioritário, acaba por não ser feito quando isso devia ser feito, a nossa imagem acaba por não ser trabalhada como devia ser trabalhada, e eu acho que aí também perdemos nessa questão de relacionamento com as empresas. Ahm... Mas não, as pessoas integram no mercado de trabalho e não nos comunicam, as empresas integram o candidato e não nos comunicam, e nós, ora aí está aquilo que queria que fosse a imagem da ALPE, isso podia por mais credibilidade mas acaba por não passar para fora.

RM: E como é que tu achas que isso podia ser trabalhado? De forma a melhorar?

RC: Olha, ter-mos aqui só um técnico a trabalhar a imagem da ALPE. Ter isso implicava o que? Implicava ligar a toda a nossa base de dados, perceber a situação daquela pessoa, passava por ligar a todas as empresas com que já colaboramos e perceber qual é que é o estado atual e depois passava por aquilo que temos vindo a fazer em modo *slow motion* que é dávamos a conhecer as empresas.

## **Apêndice VII – 1º desenho de projeto**

**Finalidade:** Empoderar os participantes do grupo de Argoncilhe no sentido de se tornarem sujeitos capazes de reconhecer os seus pontos fortes e utilizá-los para a melhoria das suas condições de vida e para a construção de redes de suporte afetivo.

**Objetivo Geral 1:** Promover melhorias na autoestima e no autoconceito dos participantes

OE 1.1: Elencar, no mínimo, três qualidades sobre si mesmo

OE 1.2: Valorizar as experiências e saberes adquiridas ao longo da vida

OE 1.3: Desenhar a sua linha de vida e verificar quais os momentos em que tiveram de recorrer aos seus pontos fortes

OE 1.4: Refletir e apontar aquilo em que consideram ser realmente bons

**Objetivo Geral 2:** Apoiar a criação de uma rede afetiva de suporte, e a ativação de redes que se foram deteriorando

OE 2.1: Criar momentos de partilha e troca de experiências e saberes;

OE 2.2: Reconhecer os outros elementos do grupo como pessoas que apoiam e aconselham tanto em momentos alegres como em momentos de maior aflição;

OE 2.3: Enunciar pessoas que acreditam poder ser uma mais-valia no desenvolvimento do seu percurso de vida e entrar em contacto com as mesmas;

OE 2.4: Desenhar as redes de apoio que já tiveram, refletir porque é que estas deixaram de estar presentes e (re)desenhar a sua rede de apoio atual

**Objetivo Geral 3:** Apoiar a ALPE na melhoria dos seus serviços, ajudando a que as respostas dadas sejam cada vez mais eficazes e eficientes para todos os atores envolvidos

OE 3.1: Apontar os pontos fortes da intervenção da ALPE e os aspetos a melhorar;

OE 3.2: Propor novas formas de palnear e elaborar as futuras edições dos Clubes, envolvendo os residentes das freguesias;

**Ações a realizar:**

<b>Ações</b>	<b>Descrição</b>	<b>Datas</b>
<b>Ação 1: “(Re)Encontrar-me”</b>	Pensar nas capacidades que cada um dos participantes tem, enaltecendo os seus pontos fortes e a sua capacidade de reagir face a situações menos favoráveis	27 de Janeiro de 2015, terça-feira 2 de Fevereiro de 2015, segunda-feira 10 de Fevereiro de 2015, terça-feira 23 de Fevereiro de 2015, segunda-feira 4 de Março de 2015, quarta-feira 9 de Março de 2015, segunda-feira 16 de Março de 2015, segunda-feira 23 de Março de 2015, segunda-feira 30 de Março de 2015, segunda-feira 8 de Abril de 2015, quarta-feira 09.30h-11.30h
<b>Ação 2: “Ao encontro dos outros”</b>	Refletir sobre o porquê de algumas redes de apoio terem sido perdidas ao longo do tempo e perceber se valem a pena ser reativadas; Criação de novas redes de apoio	13 de Abril de 2015, segunda-feira 20 de Abril de 2015, segunda-feira 09.30h-11.30h
<b>Ação 3: “Olhar a ALPE”</b>	Organizar uma sessão na qual se transmita à ALPE o feedback em relação às suas respostas e serviços	6 de Maio de 2015, quarta-feira 09.30h-11.30h

## **Apêndice VIII – 2º desenho de projeto**

Finalidade: Promover o *empowerment* dos participantes dos encontros em Argoncilhe, no sentido de se tornarem sujeitos capazes de reconhecerem os seus pontos fortes e, assim, utilizá-los na promoção da melhoria das suas condições de vida.

Objetivo Geral 1: Promover a autoestima e o autoconceito dos participantes

OE 1.1: Construir estratégias de valorização das suas competências pessoais;

OE 1.2: Partilhar saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da vida;

OE 1.3: Encontrar respostas distintas das habituais face a problemas com que se deparam no seu dia-a-dia;

Objetivo Geral 2: Favorecer a criação de uma rede de suporte afetivo

OE 2.1: Partilhar experiências e acontecimentos vividos;

OE 2.2: Proporcionar momentos que facilitem a coesão grupal e a fortalecimento de uma rede de entreaajuda;

OE 2.3: (Re)Ativar o contacto com pessoas que considerem importantes no seu percurso de vida;

Objetivo Geral 3: Contribuir para a melhoria dos Clubes ALPE, tornando-os uma resposta que vai ao encontro das expectativas dos atores sociais envolvidos

OE 3.1: Discriminar pontos fortes da intervenção dos Clubes ALPE e aspetos a melhorar;

OE 3.2: Contribuir ativamente no planeamento e elaboração da próxima edição dos Clubes ALPE, enaltecendo a importância de envolver os residentes das respetivas freguesias;

## **Apêndice IX – Caderno de anotações dos encontros**

## **Apêndice IX – Caderno de anotações dos encontros**

# Caderno de anotações - Encontros em Argoncilhe

Este caderno de anotações resulta do Diário de Bordo que foi sendo construído ao longo de todo o projeto de investigação. No entanto, e por não querer expor algumas das reflexões que são elaboradas lá, opto por apresentar apenas anotações, e ideias-chave, de cada um dos encontros realizados.

## 1º encontro – 2 de Fevereiro

### Objetivos do encontro:

- Trabalhar a coesão grupal e o hétero conhecimento

### **Exercício 1:** Vamos lá tocar!

- **Descrição:** O dinamizador coloca uma música de fundo e pede aos participantes que andem pela sala livremente. Depois vai-lhes dando indicações que eles devem seguir:

Tocar nas costas de um colega;

Tocar na orelha de um colega;

Tocar no nariz de um colega;

Tocar no joelho de um colega;

Tocar na mão de um colega;

Tocar no cotovelo de um colega;

Fazer um comboinho e andar pela sala.

- **Objetivos:** O grupo deve quebrar a barreira do toque e assim sentirem-se mais confortáveis com a aproximação do outro
- **Material:** aparelho de música
- **Duração:** 15 minutos

### **Exercício 2:** Olhar o outro

- **Descrição:** o grupo divide-se em pares. Cada elemento deve colocar-se em frente ao seu par e olhá-lo com atenção. Depois pede-se aos elementos que se virem de costas para o respetivo par. Um a um cada participante deve descrever fisicamente o seu par: a roupa que traz, as cores, como é o rosto, o cabelo, etc.
- **Objetivos:** treinar a atenção face ao outro
- **Material:** aparelho de música
- **Duração:** 10 minutos

**Exercício 3:** As imagens

- **Descrição:** o dinamizador coloca algumas imagens espalhadas pelo chão e pede a cada um dos participantes que escolhe duas imagens. Depois cada um deve mostrar ao grupo as imagens que escolheu e explicar o porquê
- **Objetivos:** aumentar o hétero conhecimento.
- **Material:** Várias imagens sobre diferentes temáticas
- **Duração:** 30 minutos

**Exercício 4:** Mímica em grupo

- **Descrição:** Cada um dos participantes terá de vir ao centro, à vez, e retirar um dos cartões que se encontrem em cima da mesa. Depois de ler o que diz e não revelar a ninguém, deve fazer mímica para o grupo tentar adivinhar do que se trata.
- **Objetivos:** treinar a atenção ao outro; relaxar o grupo com um momento divertido e fazer com se se sintam confortáveis a exporem-se perante os outros
- **Material:** cartões com diferentes palavras ou expressões
- **Duração:** 20 minutos

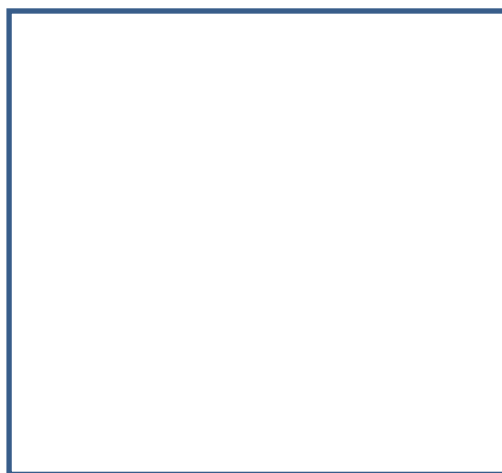
**Exercício 5:** História de grupo.

- **Descrição:** A dinamizadora começa uma história com Era uma vez uma caixa... e, um a um, cada participante deve introduzir uma nova frase dessa história. Como o grupo é pequeno a história deve passar 3 vezes por cada um dos elementos.
- **Objetivos:** treinar a escuta, a criatividade e a atenção face ao que o outro diz.
- **Material:** aparelho de vídeo
- **Duração:** 20 minutos

- Falar ao grupo a ideia da caixa e o que se espera fazer na sessão seguinte
- Agendar a sessão
- Escrever no placard dos sentimentos

**O que foi que aconteceu:**

- o Estiveram presentes a N., a MJ. e a F. – os outros dois elementos não puderam comparecer devido a um imprevisto pessoal;
- o Como o número de pessoas presente não proporcionava que se realizassem os exercício que estavam planeados, então propus às participantes presentes que falassem um pouco da sua semana;
- o A N. fala de como foi perdendo o contacto com as suas colegas, revelando que sentiu que foi o facto de ter cancro que as fez afastarem-se;
- o Partindo desta situação pedi às colegas que ajudassem a N a pensar noutras hipóteses para o grupo de amigas se ter afastado



Desenhei um quadrado numa folha e pedi-lhes que pensassem fora do quadrado, propondo explicações diferentes para a atitude das colegas da N

- Pensou-se, então, em questões como: as colegas poderem sentir receio por não saberem lidar com a doença da N; acharem que a N queria estar sozinha; ou sentirem que a N se afastou delas;
- A N sentiu que nunca tinha pensado nestas hipóteses por achava que aquilo que pensava era tão correto que não conseguia encontrar outras possíveis explicações;
- Alertei que isso é algo comum no nosso dia-a-dia: focamo-nos de tal maneira numa determinada justificação que não perdemos tempo a pensar em várias hipóteses, acabando muitas vezes por julgar os outros ou criarmos barreiras na relação interpessoal;
- A N propôs que em todos os encontros deveríamos ter um tempo para se falar na semana que passou e em situações que possam ter sucedido, nascendo assim os “Momentos da Partilha”

## 2º encontro – 10 de Fevereiro

### O que foi planeado:

- Refletir sobre o que cada participante espera em relação ao grupo;

### O que foi que aconteceu:

- Propôs-se ao grupo a realização dos “Momentos da Partilha” no início de cada encontro, ao que a reação foi positiva;
- O J não esteve presente;
- Cada elemento do grupo recebeu uma peça de um puzzle;
- Depois, cada um deveria escolher uma ou mais imagens que nas quais identificassem aquilo que esperavam que, com o passar do tempo, o grupo se tornasse;
- Com as imagens escolhidas, cada um deveria colá-las na sua peça e escrever o que esperavam do grupo;
- Obteve-se o seguinte puzzle:



- Assim, cada um dos participantes apresenta o que deseja do grupo, surgindo expectativas relacionadas com o grupo como local seguro, sem juízos de valor; o grupo como espaço de liberdade de expressão e de pensamento, e o grupo como uma rede de apoio que se prolongará no tempo.

### **3º encontro – 23 Fevereiro**

#### **O que foi planeado:**

- Construção das “Caixas do Eu”, ideia que tinha surgido nos primeiros contactos com o grupo, que consistia em elaborar e caracterizar uma caixa que representaria cada um deles, nas quais pudessem guardar as diferentes construções que adviessem de todo o processo. Resulta assim como um lembrete para o futuro de que são capazes!

- Levou-se, então, 6 caixas de cartão, tintas, fitas, pincéis e todo o tipo de materiais que pudessem ser necessário à caracterização das mesmas:

#### **O que foi que aconteceu:**

- De facto, todo este encontro foi direccionado para a construção das caixas;
- Todos os elementos do grupo estiveram presentes;
- Foi um momento de descontração que acabou por promover a coesão grupal pois, ao longo de toda a construção, as pessoas interagiam umas com as outras, elogiavam-se mutuamente pelo tipo de trabalho que estava a ser feito e conversavam sobre alguns assuntos pessoais;
- Este foi também um momento de promoção da criatividade e de reflexão em relação à forma como os participantes se vêem a eles mesmos;
- Foi interessante verificar que cada um deles interpretou a instrução dada de caracterizar a caixa como se fossem eles mesmos, que já foi muito vaga por esse mesmo motivo, à sua maneira. E, apesar de todos se assumirem um sentimento de inferioridade e incapacidade, acabaram por recorrer a cores alegres e vivas nas suas caixas, pois falavam sobre quem eram antes e como se sentem agora, reforçando a necessidade de pensar nas características positivas que consideravam terem-se perdido;
- Ficam aqui algumas fotos destes momentos:

Construção das "Caixas do Eu"



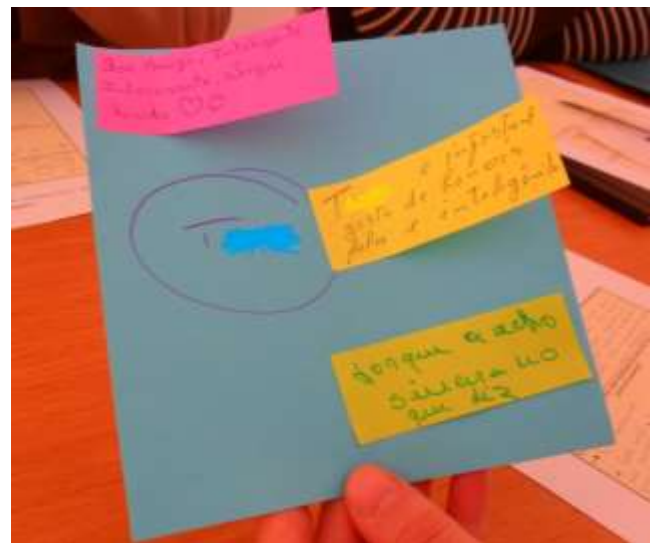
## 4º encontro – 4 de Março

### O que estava planeado:

- Realização do exercício “A minha análise SWOT”, no qual os participantes devem refletir sobre si mesmos: porque é que são importantes, quais os acontecimentos mais importantes da vida deles e de que forma eles contribuíram para a sua realização; em que é que se consideram menos bons/capazes, e depois os colegas deveriam propor soluções/propostas de melhoria face a este último ponto referido.

### O que foi que aconteceu:

- O J. e a F. não estiveram presentes;
- As participantes tiveram muitas dificuldades em conseguirem apontar porque é que são importantes, sendo que este encontro focou-se basicamente sobre essa questão;
- Assim foi escrito o nome de cada uma delas num papel e pediu-se que os restantes elementos escrevessem porque é que consideravam aquela pessoa em questão importante;
- Apesar de se conhecerem há pouco tempo, este exercício ajuda a que cada um deles se concentre nos aspetos positivos e naquilo que gosta em relação àquela pessoa, em vez de optarem por criticar;
- Esta troca de elogios contribuiu para a coesão do grupo, e para que elas se sentissem mais confiantes e alegres, até porque se emocionaram ao ler o que as colegas referiram;
- Ficam aqui dois exemplos:



## 5º encontro – 9 de Março

### **O que estava planeado:**

- Continuar o exercício do encontro anterior visto que nesse momento apenas nos focámos na primeira questão.

### **O que foi que aconteceu:**

- Neste encontro a F já esteve presente;
- Visto que as participantes presentes eram mulheres, o que aconteceu foi que todas referiram o seu papel de mães como um dos acontecimentos mais importantes da vida delas, sendo que tudo o resto que enunciaram estava relacionado, em grande maioria, com momentos familiares;
- Em relação aos aspetos que consideram menos bons, estes relacionam-se com questões pessoais e de relação com os outros, o que acaba por corroborar os problemas sentidos por elas e nos quais o projeto assenta;
- O encontro centra-se neste tópico, sendo que as soluções tiveram de ficar para o encontro seguinte;

**Nota importante:** a F e a MJ revelam que vão iniciar um percurso formativo e que, por isso, não poderão continuar a participar no grupo. Enquanto que a F não voltará no encontro seguinte, a MJ ainda comparecerá.

## 6º encontro – 17 de Março

### **O que estava planeado:**

- Concluir o exercício que tem vindo a ser realizado há dois encontros.

### **O que foi que aconteceu:**

- A F já não esteve presente neste encontro, e a MJ estava presente pela última vez;
- O grupo consolida-se assim com a T, a N e a E;
- Uma das partes mais interessantes deste encontro foi terminar a análise que estava a ser feita, sendo que as participantes tinham de propor soluções ou estratégias para que as colegas pudessem melhorar os pontos em que se consideravam menos boas;
- O que acabou por acontecer foi que muitas delas tiveram de propor soluções para problemas que também lhes eram comuns, o que levou a que refletissem sobre eles e concluíssem que não eram as únicas a sentir-se daquela forma, conseguindo encontrar algum tipo de resposta para essa questão;
- Um exemplo do exercício:
- As participantes enalteceram a importância deste exercício de reflexão sobre elas mesmas pois admitiram que já há muito tempo não pensavam em questões deste género, e daí que também se revelasse tão desafiador e que demorasse tanto tempo a ser realizado;
- A E sugeriu que no próximo encontro falássemos sobre as questões profissionais pois revelou que tinha muitas dificuldades na procura de emprego e nem tinha currículo;
- Quando confrontadas com esta situação, as restantes mulheres admitiram que já não olhavam para os seus currículos há muito tempo e que estes já estariam atualizados;
- Assim propus ao grupo que, ao longo da semana, pensasse em todo o seu percurso profissional e em características ou potencialidades que elas tinham que pudessem ser úteis a nível profissional.

### A minha análise SWOT

(Strengths - Forças; Weaknesses - Fraquezas; Opportunities - oportunidades; Threats - ameaças)

Porque é que eu sou importante?

- Sou Boa Mãe e esposa
- Boa Amiga
- Não passo toda a vida a trabalhar
- Ajudo todos sem exigir nada
- Sou curiosa

Qual/ quais o/s acontecimento/s mais importantes da minha vida? Em que medida é que eu os considero?

Tive o 9º ano - Foi minha imadureza muito forte que eu deixei os "bons" como me chamavam e fui - tanta e fiquei muito feliz que até fiz um livro.

Sou Mãe - Foi planejada para ser uma coisa que eu queria muito, foi muito difícil mas consegui engravidar, até que tive uma grande paralisia. Mas quando chegou tempo consegui e fiquei muito feliz e ainda estou.

Em que é que eu me considero menos bom/importante?	Soluções propostas
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lidar com a ansiedade</li> <li>- Dialogar</li> <li>- Sou fechada</li> <li>- Sou Teimosa</li> <li>- Passo mais no autismo que eu mesma</li> <li>- Sou nova</li> <li>- Sou desorganizada</li> <li>- Sou infeliz em relação a mim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de apoio</li> <li>- Lidar com a ansiedade</li> <li>- Dialogar, antes que seja tarde demais</li> <li>- Aprender alguma atividade de lazer</li> <li>- Medo que a gente a ideia com os outros de mais afeto e paz que talvez possam ajudar com isso para poder estar bem no dia-a-dia.</li> <li>- Aprender a lidar com o autismo</li> <li>- Aprender a lidar com o autismo</li> <li>- Aprender a lidar com o autismo</li> <li>- Aprender a lidar com o autismo</li> </ul>

E me vejo porque a vida assim o tem por presente ido do is a vida não tem sido muito Boa mas do que para a frente tudo isso ser diferente

## **7º encontro – 31 de Março**

### **O que estava planejado:**

- Perceber pontos que os participantes possam ter em comum nas suas trajetórias;

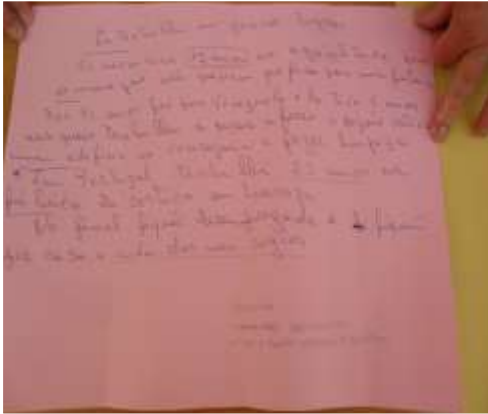
- Propor a criação de alguma resposta pensada por eles e que possa trazer algum tipo de rendimento (se esta ideia fizer sentido é importante verificar que tipo de caminho deve ser tomado e que opções existem para esses caminhos – cooperativas, associações...)

1º Os participantes devem construir a sua trajetória profissional (deve incluir mais do que os locais onde trabalharam - colocar também as competências que podem ser úteis a nível profissional, mas que possam não ter sido realizadas em locais de trabalho);

2º Cada uma das participantes deve olhar para o seu percurso e definir o seu perfil enquanto profissional – características que as destacam enquanto profissionais e que podem ser úteis para dar o impulso necessário para elas controlarem um pouco mais as suas vidas.

### **O que foi que aconteceu:**

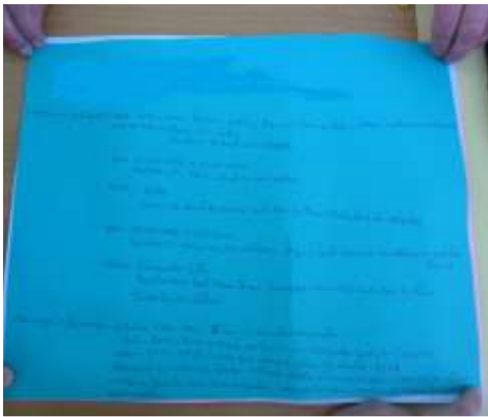
- Estando o grupo agora reduzido a três mulheres, elas acabaram por revelar que se sentiam mais confortáveis desta forma;
- Entregou-se uma cartolina a cada uma delas e, individualmente, construíram os seus percursos profissionais que, para além da experiência profissional, continham motivações, interesses individuais e potencialidades de cada uma delas:



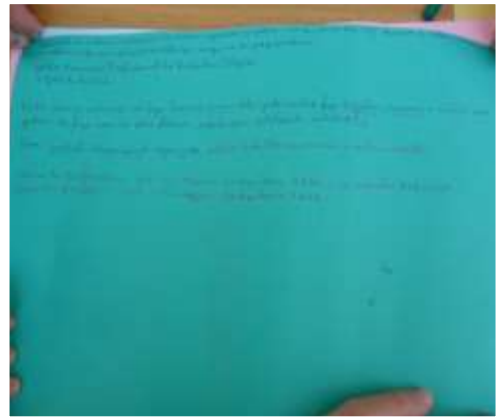
Percurso da E



Percurso da T



Percurso da N



Percurso da N

- Verificou-se que havia pontos comuns entre cada uma das trajetórias das participantes – o gosto pelo trabalho com crianças e idosos, a capacidade de iniciativa e o empenho face ao trabalho;
- Pensou-se que seria possível construir algo em comum, uma proposta, um caminho a seguir, mas que englobasse o grupo;
- Ficou acordado que no próximo encontro se faria a construção dos currículos de cada uma, para depois pensarmos, então, nessa tal ideia de caminho comum.

## 8º encontro – 10 de Abril

### O que estava planeado:

- Construção dos currículos das participantes tendo por base a sua trajetória profissional.

### O que foi que aconteceu:

- Os currículos foram construídos, havendo uma tentativa de refletir a pessoa que cada uma delas é;
- Mais uma vez o clima de entreaajuda foi notório pois as participantes opinaram e envolveram-se em todos os currículos aqui expostos:

The image shows two pages of a curriculum vitae. The left page is titled "Currículo Vitor" and includes sections for "Educação", "Experiência Profissional", and "Vendedor de Artesanato". The right page is titled "Competências" and lists various skills and experiences. A colorful abstract graphic is visible at the bottom of the left page.

**Currículo Vitor**

Disponibilidade imediata

**Educação**

Licenciatura em Estudos Sociais (1996-2001)

- Acquisição de técnicas pedagógicas

Curso de Formação Profissional em Animação Turística (1990-1991)

Design

- Conhecimentos sobre monumentos, história, gastronomia e viagens turísticas

**Experiência Profissional**

Empregada de linha de montagem da *Opusdig* (-/-) - 4 meses em 1990

Empresa *Goverda* (Brasão)

Unidade de montagem de autorrádios de carros

Empregada de balcão da *Messiamo, Dotti* (1996 - 1997)

(Brasão)

Conhecimentos de técnicas de venda e arranjos de roupa

Empregada de recepção da *Grandejo* (1995)

Comércio - Sinos

Técnicas de atendimento e contacto com vários departamentos

Diversas funções na Cooperativa Cultural da *Remédida* (Ponte)

Participação em iniciativas culturais e na redação do jornal da *Cooperativa*

Professora Primária (2000 - 2001)

(Bairro de Braga, Espinheiro, Barcelos, Elvas e Vila Verde)

Experiência no contacto com crianças e respectivas famílias de variadas realidades socioeconómicas e culturais; conhecimentos de diferentes meios escolares

Vendedor de Artesanato (2003 - 2005)

(Espinho, Ponte e Braga)

**Competências**

- Experiência em vendas de rua e no contacto direto com pessoas de diferentes culturas e contextos socioeconómicos

**Competências**

- Capacidade de adaptação a diferentes contextos e pessoas;
- Escritor de histórias e de roteiros face a situações inesperadas;
- Resolução de problemas;
- Comunicativa, com capacidade emocional;
- Criativa, dinâmica e enérgica;
- Carece de condução de categoria B e carteira andorla

E

Disponibilidade Imediata

---

**COMPETÊNCIAS**

- Capacidade de adaptação e diferentes contextos;
- Responsabilidade e facilidade em criar relacionamento interpessoal;
- Língua portuguesa e espanhola;
- Prática de trabalho em equipa;
- Empenho, organização e dedicação face às funções que possam ser propostas;
- Carta de condução categoria B
- Carácter de fiabilidade e pro-atividade;

**EXPERIENCIA PROFISIONAL**

De Setembro de 2010 até 2016 (Agozinhos, Portugal)

**Responsável por cuidar de dois idosos**  
Relação familiar com os idosos que levou a necessidade que assumisse esta tarefa

- Funções desempenhadas:
  - Preparação das refeições, tanto cuidado com a dieta alimentar pelo facto de ambos terem de ter uma alimentação com regras específicas;
  - Auxílio na higiene diária dos idosos;
  - Acompanhamento diário das visitas, incluindo sessões e consultas médicas;
  - Cuidados especializados pelo facto de um dos idosos estar acamado e dependente de todo o tipo de ajuda.

De 1987 a Setembro de 2010 (Lourosa, Portugal)

**Funcionária fabril numa fabrica de cortiça**  
**Empresa FACOL – situada em Lourosa, na estrada Nacional 1**

- Funções desempenhadas:
  - Trabalho com broca automática, topeteleira, lavadora, máquina de bolivar;
  - Experiência na avaliação de qualidade e escolha de valores;

De 1980 a 1988 (Caracas, Venezuela)

**Condierge de prédio**  
**Serviços de portaria, limpeza e apoio à vida familiar de 70 habitações de condomínio**

- Funções desempenhadas:
  - Portaria;
  - Limpeza das partes comuns do condomínio;
  - Recolha e entrega do correio dos condóminos e realização das compras das mesmas;
  - Casilheiragem diária dos depósitos de lixo orgânico do prédio;
  - Gestão de contratação de serviços de manutenção/reparação necessários

**HABILITAÇÕES**

**6º ano de escolaridade**

Entre Setembro de 1967 a Junho de 1973

Escolas das Covas, Agoncillo

**INTERESSES**

- Agricultura, sendo que cultivo o meu campo com frequência e desde os 12 anos que aprendi a fazê-lo;
- Gosto pelo trabalho com crianças e idosos, estando inclusivamente inscrita para ser chamada para um curso de geriatría;
- Viajar e conhecer outras culturas.

N

Disponibilidade Imediata

**OBJECTIVOS**

Formação superior e acesso ao trabalho depois de ter estado alguns anos a trabalhar e a trabalhar de arde. Quero ser condierge e com vontade de aprender que sou uma pessoa muito, querendo também aprender cada vez mais e tornar-me uma profissional cada vez mais competente!

**EXPERIENCIA PROFISIONAL**

- Empresa **Eleonora**, S.A.  
 Indústria do vinho, situada em Tronqueira, Santa Clara do Poente,  
 27 de Outubro de 2012 - 22 de Novembro de 2013  
 Funções: **Operadora de máquinas de vinificação - realização de todas as tarefas e tarefas das máquinas**

- Empresa **Grão**  
 Indústria do vinho, situada em zona industrial de Caravelas, Santa Clara do Poente,  
 1 de Julho de 2010 - 12 de Maio de 2012  
 Funções: **Operadora de máquinas de vinificação de recolha de uvas e tarefas das máquinas**

- Empresa **Field**, S.A e Filia  
 Indústria do vinho, situada em Tronqueira,  
 2009 - 2010  
 Funções: **Operadora de máquinas de vinificação, tarefas como colheita, ordena e fazer a vinificação**

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

Tronqueira de Agoncillo  
 1999 - 2005  
**Curso de escolaridade**

Tronqueira de Agoncillo  
 2011  
**Curso de escolaridade**

Tronqueira de Agoncillo  
 2012  
**Curso de Formação Profissional de Indústrias de Cerveja, 1 de Julho de 2010 a 2012**

- Curso por módulos e duração de estudos de 200 horas, sendo apenas específicos de 40 horas de estudos e restante de estudos e técnicas de cozinha, sendo que em relação às técnicas de cozinha aprendi a trabalhar com diferentes tipos de carne e de aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe.

Tronqueira de Agoncillo  
 2012  
**Curso de Formação Profissional de Indústrias de Cerveja, 1 de Julho de 2010 a 2012**

- Curso por módulos e duração de estudos de 200 horas, sendo apenas específicos de 40 horas de estudos e restante de estudos e técnicas de cozinha, sendo que em relação às técnicas de cozinha aprendi a trabalhar com diferentes tipos de carne e de aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe.

Tronqueira de Agoncillo  
 2012  
**Curso de Formação Profissional de Indústrias de Cerveja, 1 de Julho de 2010 a 2012**

- Curso de Formação de Indústrias de Cerveja, sendo que em relação às técnicas de cozinha aprendi a trabalhar com diferentes tipos de carne e de aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe, a utilização de vários tipos de carne e aves e peixe.

**COMPETÊNCIAS E INTERESSES**

- Forte vontade de profissionalizar e responsabilizar;

- Organizada, sendo capaz de trabalhar em equipa e a fazer parte de um grupo que me ajudasse a fazer as coisas;

Tronqueira de Agoncillo  
 2012  
**Curso de Formação Profissional de Indústrias de Cerveja, 1 de Julho de 2010 a 2012**

- Gosto em realizar trabalhos artesanais, tendo o cuidado de fazer os trabalhos com muita atenção e a que os produtos sejam perfeitos.

## **9º encontro – 17 de Abril**

### **O que foi planeado:**

- Tal como havia surgido em conversa, este encontro foi destinado para compreender se poderia ser traçado um caminho futuro em conjunto a nível profissional.

### **O que foi que aconteceu:**

- A T já trazia uma ideia em relação a este assunto, revelando que achava que poderia pensar-se em algo relacionado com a prestação de serviços às pessoas da comunidade;
- A N e a E mostraram-se entusiasmadas em relação à ideia pois consideraram que se sentiam capazes de fazer algo deste género;
- Começou-se a pensar na ideia “Mãozinha Ajudante”;
- O grupo decidiu que no encontro seguinte iria trazer uma ideia concreta do que esperam com esse possível negócio, os objetivos e como o podem colocar em marcha.

**10º encontro – 24 de Abril;**

**11º encontro – 6 de Maio;**

**13º encontro – 15 de Maio;**

**14º encontro – 22 de Maio;**

- Opta-se por falar nestes encontros em conjunto porque todos eles foram relacionados com a ideia de negócio “Mãozinha Ajudante”. O planeamento de cada encontro era decidido no final de cada um deles;
- O “Mãozinha Ajudante” surge com o objetivo de satisfazer necessidades que a comunidade pudesse sentir, ao nível dos serviços;
- O grupo planeou que este serviço poderia passar por acompanhar pessoas idosas: levá-las ao café, às compras, a dar um passeio, apoiá-las nas tarefas domésticas, e assim, combatendo também a solidão e isolamento dos idosos – este objetivo surge pelo facto de em Argoncilhe os transportes públicos serem muito reduzidos, havendo assim muitos idosos que não conseguem sair de casa nem dessa zona de residência (baseado no discurso e conhecimento das participantes);
- Havia também a ideia de se apostar em serviços relacionados com limpezas domésticas e transporte de crianças, mais destinado a pessoas com pouco tempo livre e dificuldade em gerir os seus horários, sendo assim o “Mãozinha Ajudante” uma opção;
- Esta ideia de negócio acaba por não ter continuidade porque as participantes compreenderam que a nível legal traria implicações monetárias que elas não se sentem capazes de suportar;
- No entanto têm mantido o contacto com algumas pessoas da área dos negócios para perceberem se, de alguma forma, esta questão poderá ser contornada, não desistindo logo ao primeiro obstáculo, sendo este um fator diferenciador entre a atitude delas no início deste percurso e a postura atual;
- Deixa-se aqui os materiais construídos tendo por base estes encontros e a ideia:

**Mãozinha Ajudante**

Prestação de serviços - limpeza e apoio ao dia-a-dia

Contactos: XXXXX

Cartão de contactos

**BOA NOITE**

Powerpoint Mãozinha Ajudante

**E então quem somos nós?**

Um grupo que se reuniu há uns meses no âmbito de um projeto de trabalho em que partilhámos várias experiências e saberes...

- Trabalhamos em conjunto
- Apresentamos em fóruns alguns projetos e ideias
- Secretariado de apoio dentro e fora

Além disso, temos uma comunidade que partilha as suas experiências e conhecimentos através da nossa rede social de apoio.

Mas antes de mais...  
Vamos todos levantar-nos!

O que faz falta na minha freguesia...

**Mãozinha Ajudante**

Não existe o acaso.  
Existe sim uma mãozinha no destino para o ajudar.

**Limpezas**

- Classe
- Comunidade
- Outros

**Apoio ao dia-a-dia**

- Formação
- Atividades
- Intervenção
- Outros

Obrigado pela atenção e disponibilidade!

E agora vamos lá comer!!!

## **12º encontro - 8 de Maio de 2015**

### **O que estava planejado:**

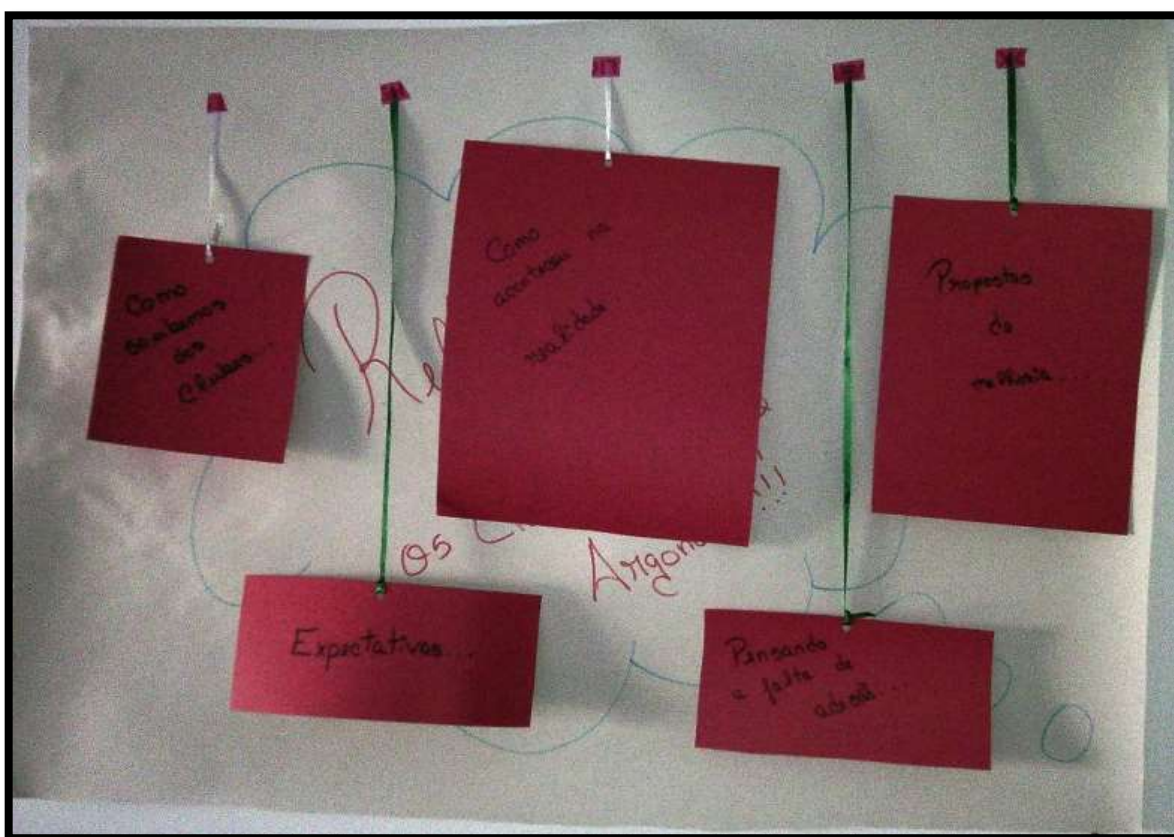
- Recordar as apreciações que tinham sido feitas sobre os Clubes ALPE na 1ª reunião que tivemos para podermos construir uma apresentação que será feita à coordenadora da ALPE e dos Clubes ALPE

### **O que foi que aconteceu:**

- Todas as pessoas que iniciaram este processo foram convidadas a participar. Estiveram presentes a E., a MJ. e a N. (a T. teve uma consulta no Centro de saúde, F. não pôde aparecer por causa do curso que frequenta e o J. teve trabalho)
- Assim começámos o nosso encontro falando um pouco sobre a MJ e de como o curso estava a correr. Relembro que a Maria José estava a frequentar um curso de Agricultura Biológica, que é uma área de que gosta muito, e ela mostrou-se muito entusiasmada com o mesmo, dizendo que os engenheiros também eram muito simpáticos e os ajudavam muito. Depois explicou-nos que terá de deixar o curso porque no dia 11 deste mês iniciará um curso de Padaria/Pastelaria que lhe dará equivalência ao 6º ano, e por isso mesmo ela optou por esse com o objetivo de apostar mais na sua formação e de conseguir outro nível de escolaridade! Todas a incentivámos e lhe dissemos que estávamos ali para o que ela precisasse, dizendo-lhe mesmo que isto seria o início de um novo desafio que tínhamos a certeza que irá correr da melhor maneira.
- A Natália quis mostrar o powerpoint que tinha criado para as possíveis apresentações do projeto “Mãozinha Ajudante”. Apesar de ainda precisar de alguns retoques, de menos imagens e informações mais sucintas, a verdade é que fiquei muito contente por ver o entusiasmo que elas têm demonstrado, ao ponto mesmo de prepararem ideias e trazerem propostas assim com tanta iniciativa como o têm feito.

Acredito que isto demonstra que elas se sentem comprometidas e envolvidas neste processo, que sentem que estes encontros têm tido impacto na vida delas, e isso deixa-me alegre e faz-me sentir que me tenho saído bem enquanto profissional de educação social;

- Em relação aos Clubes ALPE tudo o que foi dito numa fase inicial foi novamente refletido e, a partir daí, surgiu a seguinte apresentação que será exposta à coordenadora da ALPE e dos Clubes e à qual se deu o nome “Refletindo sobre os Clubes ALPE”:



## Apêndice X – Árvore dos Sentimentos



## **Apêndice XI – Encontro para refletir...**

1º exercício: “Posiciono-me”

Descrição: a dinamizadora irá ler um conjunto de frases e as participantes devem posicionar-se de 1 a 10 (sendo 1 o valor mais negativo e 10 o valor mais positivo).

2º exercício: “Olhar o puzzle”

Descrição: A dinamizadora volta a apresentar o puzzle do grupo e pede aos participantes que verifiquem se o que esperavam do grupo se concretizou ou não. Devem refletir sobre as respostas dadas.

3º exercício: “Construir caminho”

Descrição: a dinamizadora apresenta um mapa onde estão representados os 14 encontros vividos. Assim, as participantes devem apontar palavras que caracterizam todo o percurso e colocá-las no mapa, depois pensar no que correu melhor e pior e, finalmente, cada uma delas deve acrescentar um papel onde indiquem, no mínimo, três qualidades/aspectos positivos seus.

“Posiciono-me”

1. Como me sentia no início deste percurso.
2. Acreditava que, ao longo do processo, iria verificar mudanças em mim.
3. Sentia-me completamente à vontade para partilhar nos exercícios e conversas.
4. Com o tempo fui-me sentido mais confiante e participativo.
5. Sinto que posso confiar nas pessoas do grupo.
6. Pretendo manter o contacto com os restantes elementos.
7. Acredito que mudei e que essas mudanças têm repercussões no meu dia-a-dia.
8. Reflito mais sobre o que se passa à minha volta.
9. Ajo de forma mais ponderada e pensada.
10. É importante participar na comunidade.
11. Como avalio todo este processo vivido.

Posicionamento de cada uma das participantes:

Posicionamento das participantes			
Frases	T	E	N
1	3	1	1
2	5	1	10
3	2	1	1
4	9	5	5
5	10	10	10
6	10	10	10
7	9	6	8
8	8	9	5
9	8	5	9
10	9	6	10
11	10	10	10

# Mapa "Construir Caminho"



## Apêndice XII – Ao encontro da ALPE

**3 de Junho de 2015**

- Este encontro proporcionou momentos de partilha entre as participantes do projeto e a coordenadora da ALPE e dos Clubes ALPE. Estas últimas, no final do encontro, referem que nunca tinha tido a oportunidade de ouvir de forma tão direta o que as pessoas pensam dos Clubes, podendo assim discutir com elas algumas questões como: a metodologia dos Clubes, como podem ser melhorados, o que não tem resultado...
- As participantes apresentaram uma postura confiante, apresentando as suas ideias sem receios ou hesitações, o que revela transformações em relação a início deste processos;
- A coordenadora da ALPE propôs-lhes que elas continuassem este grupo, alargando ao resto da comunidade e sendo elas a dinamizá-los.

Momentos de reflexão



Partilha com a ALPE



## **Apêndice XIII – Consentimento Informado**

### Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_

afirmo concordar participar de livre vontade na construção do projeto de investigação do qual resultará a tese de Mestrado da Renata Patrícia Duarte Malta, aluna do 2º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos, da Escola Superior de Educação do Porto, do ano letivo 2014/2015.

Afirmo, ainda, que concordo com a utilização de fotografias e vídeos com a minha imagem, desde que seja no âmbito académico, assim como confirmo saber que a mestranda irá utilizar a inicial do meu nome para me identificar ao longo da tese e da defesa da mesma.

Assinatura

\_\_\_\_\_

Argoncilhe, Fevereiro de 2015